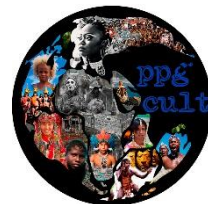




Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Aquidauana
Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais
Curso de Mestrado em Estudos Culturais



MAÍRA DUTRA DE OLIVEIRA

**PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
MACHOCRACIA, VIOLÊNCIAS E SUBVERSÕES NAS ARQUIBANCADAS DO
FUTEBOL BRASILEIRO**

AQUIDAUANA
2024

MAÍRA DUTRA DE OLIVEIRA

**PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
MACHOCRACIA, VIOLÊNCIAS E SUBVERSÕES NAS ARQUIBANCADAS DO
FUTEBOL BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestra em Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto.

AQUIDAUANA

2024

OLIVEIRA, Maíra Dutra de. **Para além das quatro linhas:** machocracia, violências e subversões nas arquibancadas do futebol brasileiro. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2024.

BANCA EXAMINADORA

Miguel Rodrigues de Sousa Neto
PPGCult/UFMS

Irlan Simões da Cruz Santos
PPGCOM/UERJ

Aguinaldo Rodrigues de Sousa Neto
PPGCult/UFMS

Dedico este trabalho ao Germán Cano, que levantando literalmente a bandeira lá em 2021, me inspirou a levantá-la também na minha trajetória acadêmica em 2022. Lembrete eterno de que a inspiração vai além dos gols, dribles e títulos: é um compromisso humano.

AGRADECIMENTOS

Assim como o futebol não se joga sozinho, não somos nada sem comunidade. Felizmente, apesar do processo da pesquisa ser solitário e, por vezes, necessitarmos nos fazer ausentes, ter quem sonha em conjunto conosco é fundamental para que tudo se desenrole da maneira mais leve possível.

Portanto, gostaria de agradecer ao meu pai, Claudemiri, minha madrasta, Eliana e aos meus irmãos, Beatriz e Thiago, por embarcarem comigo rumo ao Mato Grosso do Sul, num primeiro momento em busca da minha graduação, para que hoje eu possa desfrutar da ideia de uma pós-graduação, que sempre foi um sonho particular. À minha tia Lana e à Ana Clara, minha “primã”, que seguraram a barra da ansiedade, do nervosismo e, por fim, puderam sorrir comigo ao final de tudo. Agradeço pelos cafés e contribuição de silêncio em casa nos momentos em que eu precisei também. À Maria Alice, minha afilhada, por me inspirar durante o processo. Nenhuma palavra pode ser maior do que o amor e a gratidão que eu sinto por tudo isso.

À minha família, de modo geral, por perdoarem as ausências e entenderem todas as vezes que infelizmente declinei um convite, em especial nos dias que se anteciparam à entrega desse trabalho. Mainha, tia Déi, minha prima Luiza, minha irmã Júlia e minha sobrinha Lia, meu avô Osmane e meu irmão Leonardo, obrigada pela compreensão e apoio.

Agradeço ao meu orientador, Miguel Rodrigues de Sousa Neto, por aceitar mais essa empreitada juntos. Me lembro de tê-lo visto na apresentação dos docentes ainda na graduação e ter pensado que eu gostaria muito de trabalhar com ele e que bom que consegui. Todas as exigências possíveis durante esses meses de trabalho – enquadrando o período da graduação, enquanto pibiciana, até sendo mestranda – me impulsionaram a tentar dar o melhor de mim. Não tenho palavras para tudo o que já vivemos e pela disponibilidade que sempre teve, mesmo com o curto tempo, devido à tanto trabalho. Infelizmente, o número de cervejas tomadas diminuiu no mestrado, dada a distância, mas o nível de aprendizado e carinho continuou o mesmo de minha parte. Sigo te vendo como uma enorme inspiração e tendo imenso afeto.

Ao professor Aguinaldo Rodrigues Gomes, pela conversa no carro ainda na graduação, que me deu gás e certeza de que a pesquisa que eu planejava poderia dar frutos importantes e contribuir, como espero que contribua. Para além disso, que já foi grande coisa, agradeço pelas considerações na banca de qualificação da dissertação, que foram certeiras e me ajudaram a construir o trabalho com mais qualidade. Ademais, agradeço pela amizade, por me hospedar

em Minas Gerais antes da minha primeira experiência em um congresso internacional, pelos cafés e cervejas tomados e pelo carinho de sempre. Quero que tenha certeza de que é recíproco.

À Irlan Simões, por topar participar da correria da qualificação via convite feito no antigo Twitter e atual X e também da correria da defesa. Os seus apontamentos me ajudaram a traçar uma ideia melhor do que eu me lembro ter sido a minha proposta no início e que, por um instante, se desviou, mas que espero ter conseguido colocar de novo nos eixos. Fico te devendo algumas cervejas quando for conhecer o Barradão e uns seis pontos para o Vitória.

Aos meus professores da graduação e do mestrado, por serem sempre solícitos e contribuírem com a minha formação de modo espetacular. Como é bom poder tê-los como modelos de pesquisadores e, principalmente, da prática docente. Aos funcionários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por tudo.

Aos meus amigos Mayara Rosendo e Bruno Henrique, por conseguirem me tirar de casa para que, no dia seguinte, com a cabeça mais fresca, eu tivesse um desempenho maior durante esse processo. Às vezes não falar sobre a pesquisa fazia com que ela aparecesse mais clara na minha mente. Às minhas amigas Arianne Marcondes, Bruna Haddad, Jeniffer Silveira e Rafaela Lima, por perguntarem sempre como ia a pesquisa, mas também por me lembrarem que eu tinha vida fora dela. Aos primos Bran Lima e Laís Lemes, por acompanharem mais um passo meu com o mesmo entusiasmo e por me permitirem relaxar também.

Ao Norton Rayan, meu amor, meu companheiro, meu melhor amigo. Que foi quem me ajudou de todas as formas possíveis, sendo psicólogo, cozinheiro, bibliotecário, personal organizer, professor de informática, comentarista esportivo e muitas outras coisas. Obrigada por todo suporte, café, conforto e amor que me proporcionou todo esse tempo. Peço desculpas pelas ausências, mas sei que você compreende. Nunca vou poder agradecer o suficiente, mas tenho bastante tempo para tentar.

Agradeço também a todos os coletivos de torcedores lgbtqi+ por existirem, resistirem, subverterem a norma e me mostrarem a possibilidade de um outro futebol, um futebol plural e que combina muito mais com o que eu acredito ser um esporte do povo.

Ao elenco campeão da Copa do Brasil de 2023, cujo compromisso com o clube que eu amo mais do que a mim mesma, proporcionou a benção que é poder dizer que sou campeã de tudo e me lembrou que, às vezes, ganhar e se sagrar campeão é bom demais e que é só através da coletividade e do trabalho duro que conseguimos isso. Especialmente ao Rodrigo Nestor, pelo que aconteceu no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, no minuto 49 do primeiro tempo. VAMO, SÃO PAULO!

OLIVEIRA, Maíra Dutra de. **Para além das quatro linhas:** machocracia, violências e subversões nas arquibancadas do futebol brasileiro. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2024.

RESUMO: A presente pesquisa teve como principal objetivo compreender como a machocracia opera no meio esportivo, com foco no futebol, enfatizando as problemáticas e a estética da masculinidade hegemônica como produtora de violências nas torcidas, na mídia e nos bastidores dessa potência cultural brasileira. As experiências das práticas torcedoras dissidentes e os atores delas passam por processos de invisibilidade devido às pedagogias culturais dos estádios, espaços em que a lógica machocrata se insere e se estabiliza como norma. Evidencia-se também, a perspectiva pejorativa da alusão à homossexualidade como artifício de diferenciação dicotômica de “eu *versus* o outro” bastante presente no universo do esporte e o embate das identidades futebolísticas prezando a heterossexualidade como imperativo para o exercício do torcer. Para tanto, foi realizado um levantamento documental em diversos veículos da mídia dentro do recorte temporal da década de 1970, datado como o período de surgimento da primeira torcida organizada gay do Brasil, a Coligay, até o ano de 2024, com o intuito de compreender como os movimentos de subversão do público consumidor do futebol são analisados por parte da imprensa e, também, como são recebidos pelas torcidas brasileiras ao adentrarem os espaços de sociabilidade majoritariamente masculinos. Para além desse primeiro aspecto, busca-se também compreender como as medidas de contenção das práticas lgbtfóbicas nos estádios são – e se são – aplicadas em um contexto no qual existe a naturalização delas como modo efetivo de provocação ao adversário. A escolha metodológica da pesquisa articula recolha e revisão de materiais relacionados à temática da masculinidade no universo futebolístico e discussão bibliográfica sobre o tópico dos estudos de gênero e das torcidas no Brasil.

Palavras-chave: Torcidas de futebol; Masculinidade; Machocracia; Práticas torcedoras; Estudos de Gênero.

OLIVEIRA, Máira Dutra de. **Beyond the four lines**: machocracy, violence and subversion in the stands of Brazilian football. 2024. Dissertação (Master's Degree in Cultural Studies). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2024.

ABSTRACT: The main objective of this research was to understand how machocracy operates in the sporting world, with a focus on football, emphasizing the problems and aesthetics of hegemonic masculinity as a producer of violence in the fans, in the media and behind the scenes of this Brazilian cultural powerhouse. The experiences of dissident fan practices and their actors go through processes of invisibility due to the cultural pedagogies of stadiums, spaces in which malecratic logic is inserted and stabilized as the norm. The pejorative perspective of the allusion to homosexuality as an artifice of dichotomous differentiation of “self versus the other” is also evident in the world of sport and the clash of football identities valuing heterosexuality as an imperative for the exercise of support. To this end, a documentary survey was carried out in several media outlets within the time frame of the 1970s, dated as the period in which the first organized gay fans in Brazil, Coligay, emerged until the year 2024, with the aim of understanding how the subversion movements of the football consumer public are analyzed by the press and, also, how they are received by Brazilian fans when they enter sociability spaces that are mostly male. In addition to this first aspect, we also seek to understand how measures to contain LGBTphobic practices in stadiums are – and if they are – applied in a context in which they are naturalized as an effective way of provoking the opponent. The methodological choice of the research articulates the collection and review of materials related to the theme of masculinity in the football universe and bibliographic discussion on the topic of gender studies and football fans in Brazil.

Keywords: Football fans; Masculinity; Machocracy; Football fans practices; Gender Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ensanguentado, Hugo de León ergue taça de Campeão da América em 1983.

Figura 2 - Daniel Alves na capa da revista Placar em 2013.

Figura 3 - Felipão motiva seus jogadores através do uso da palavra “macho”.

Figura 4 – Reportagem sobre o atleta Batista se autodenominando como “Baita macho”.

Figura 5 – Recorte de sessão da revista Placar em 1977

Figura 6 – Manchete de Rondinelli na revista Placar no ano de 1980

Figura 7 - Sessão aberta aos torcedores falando sobre a Coligay em 1977.

Figura 8 - Beijo de Emerson Sheik em amigo causou polêmica entre os torcedores

Figura 9 - Torcedores do Corinthians exibem faixa em protesto a Emerson Sheik

Figura 10 - Perfil oficial do Corinthians faz piada de cunho homofóbico em rede social.

Figura 11 - Perfil oficial do São Paulo no X questiona piada de cunho homofóbico do Corinthians.

Figura 12 - Cartazes da torcida do Atlético Mineiro na recepção aos torcedores do Cruzeiro em 2017.

Figura 13 – Torcedores do São Paulo estendem faixa homofóbica em provocação à Gaviões da Fiel.

Figura 14 – Em frente ao Centro de Treinamento do São Paulo Futebol Clube, torcedores do Corinthians expõem faixa de cunho homofóbico.

Figura 15 – Telão da Neo Química Arena exibe mensagem após cânticos homofóbicos da torcida do Corinthians.

Figura 16 – Comemoração de Germán Cano com bandeira LGBTQIA+

Figura 17 - Germán Cano adere filtro em homenagem ao mês do Orgulho LGBTQIA+

Figura 18 – Recorte da revista Placar tratando da *American Gay*

Figura 19 – Reportagem da revista Placar acerca da presença da FlaGay em 1979

Figura 20 – Torcida organizada Orgulho Rubro-Negro, do Esporte Clube Vitória

Figura 21 – Torcedores trans assistem a jogo do Bahia na Arena Fonte Nova

Figura 22 – Bahia e LGBTricolor levam torcedores trans ao estádio pela primeira vez

Figura 23 – Símbolo da Porco-íris no estádio do Maracanã

Figura 24 – Athletico faz postagem no dia do Orgulho LGBTQIA+ em 2024

Figura 25 – Athletico ilumina Ligga Arena com cores do movimento LGBT em 2019.

Figura 26 – Torcedores do Sport carregam faixa contra a homofobia

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo 1 – A masculinidade em foco: hegemonia e performances do corpo	16
1.1 O jogo de relações hierarquizadas dos gêneros	16
1.2 Estudos sobre as masculinidades: breve panorama	21
1.3 As configurações práticas e corporais da masculinidade	26
1.4 Políticas da masculinidade hegemônica: a machocracia em evidência	31
Capítulo 2 – “Coisa pra macho”: o futebol, a machocracia e a lgbtfobia	39
2.1 A virilidade e a LGBTfobia em jogo.....	41
2.2 Futebol, política e masculinidade.....	54
2.3 A machocracia nos gramados.....	59
2.4 Do direito à cidade ao direito ao estádio: torcedores LGBTQIA+ e o espaço das arquibancadas	78
Capítulo 3 - Agenciamentos no torcer: corpos subalternizados e a ocupação do espaço do macho	95
Capítulo 3.1 – Da Coligay à Germán Cano: um panorama das subversões no futebol	96
Considerações finais.....	119
Referências Bibliográficas	123

Introdução

Inserida no campo de estudos referente ao futebol e aos estudos de gênero, através dessa dissertação de mestrado me proponho a discutir o fenômeno da machocracia¹ dentro do ambiente futebolístico, incluindo as arquibancadas e os bastidores, como a política da masculinidade hegemônica se constitui como uma norma e como se subverte através de avanços significativos de coletivos de torcedores.

A iniciativa de conduzir esse trabalho se deu primordialmente pelo meu primeiro contato com o universo da pesquisa, ainda enquanto trilhava o caminho da graduação em História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, quando pude conhecer mais acerca dos estudos de gênero e dos estudos culturais. Ainda que os tópicos abordados nos estudos anteriores se entrelaçassem com muito do que é apresentado ao longo das próximas páginas, estudar gênero e futebol sempre foi algo que almejei, visto que me encaixo também na categoria do meu objeto de estudo, sendo torcedora em tempo integral, frequentando estádios e vivenciando, de fato, os embates por esse espaço majoritariamente masculino enquanto mulher e parte da sigla LGBTQIA+.

Desde muito nova me interessei pelo esporte e tive incentivo quase zero para praticar o ato de torcer, uma vez que meu pai não é lá o maior fã de futebol, embora se considere palmeirense – então, sorte a minha ele não se envolver tanto, pois estamos aqui falando de um rival direto do meu clube do coração – e minha tia-mãe é corinthiana “não-praticante”, como ela mesma diz, configurando em duas figuras que poderiam me moldar enquanto torcedora, mas que por motivos variados não se sagraram como torcedores convictos.

Minha história com o futebol, é dada de maneira muito solitária. Uma menina que sonhava com a possibilidade de virar uma torcedora de estádio, para além de ser uma torcedora de TV, porém não tinha companhia nem em quesitos relacionados ao amor pelo meu clube, o São Paulo, tampouco na paixão pelo esporte em si. Essa minha realidade me forçou a buscar compreender como os meninos que me cercavam sempre tinham com quem conversar a respeito do esporte e, quando mais nova, eu não conseguia compreender por qual razão a opinião que eu tinha ou mesmo a minha experiência não importava para eles.

A percepção de que se tratava de um traço identitário associado ao masculino se deu tão logo quando pude entender um pouco mais do que seriam coisas estabelecidas e associadas com

¹ Para Gomes (2019), “A machocracia (é) o processo de dominação masculina que, hoje mais do que nunca, travestiu-se num discurso de ódio proferido publicamente, principalmente, por homens brancos e de classe média, **heteronormativos contra os direitos humanos** e às diferenças, configurou-se como o principal traço da política ocidental e brasileira”

“de menino” e “de menina”. Eu amava fazer coisas “de menina”, é claro. Sempre fui vaidosa e gostava de brincar de bonecas, como todas na minha idade, porém também nutria minha paixão pelo futebol, embora nunca tivesse tido a habilidade para praticá-lo. Me lembro de em uma ocasião ter pedido como presente de aniversário uma ida ao Morumbi, estádio do São Paulo, mas só consegui concretizar o meu desejo ao atingir à maioridade, uma vez que meus familiares encaravam o estádio como um espaço de naturalização de violências.

Ainda hoje, minha avó, ao me ouvir falando sobre planos futuros de visitar estádios, me recomenda máximo cuidado visto que me localizo no corpo social como uma mulher em um local de dominação masculina, pois, como antes, ainda tenho experiências solitárias de vivências relacionadas ao futebol, mesmo que, através dele, eu tenha conhecido muitas pessoas. Essa demonização do espaço da arquibancada por parte dos meus familiares, me fez dar um pontapé inicial na produção dessa pesquisa, devido ao meu envolvimento com esse lugar e com esse esporte.

Adentrar nos estudos desse espaço me fez questionar também muitos elementos aos quais consigo perceber com uma atribuição à Maíra torcedora de um clube de futebol. Assim como não existe uma explicação racional para o sentimento de pertencimento, amor e dedicação ao seu time, também não existe uma explicação para o qual natural soa um xingamento dentro de um estádio. A hostilidade, assim como o amor, são elementos cruciais para o jogo de fora das quatro linhas, mais especificamente, nas arquibancadas.

Procurando, dessa forma, analisar e problematizar um ambiente no qual aprendi a transitar e, principalmente, que me fez tomar muitas violências como naturais e “partes do jogo” durante muito tempo. Acredito que não existe modo de visualizar um esporte que seja inclusivo sem nos certificar de que nossas práticas torcedoras também são inclusivas, colaborando para que o ambiente seja o esporte de todo povo e não somente do que é centralizado como o ideal em termos de preenchimento das arquibancadas.

Assim, para além de um interesse pessoal pelas temáticas abordadas, a escolha pela pesquisa nesse campo se dá, principalmente, por compreender esse esporte como um importante motor na indústria cultural brasileira, sendo um objeto de estudo que permite a compreensão de diferentes facetas sociais, incluso aqui as performances, dinâmicas e dualidades de gênero em suas exibições, dentro e fora das partidas.

Dentro do âmbito de exibição dos espetáculos futebolísticos, a categoria das multidões representada pelos espectadores apaixonados por seus clubes – torcedores -, amontoados nas arquibancadas, entoando cânticos de suporte e devoção, comporta grande número de estudos científicos no Brasil, especialmente porque nos anos de 2009 e 2013, alcançamos o primeiro

lugar no *ranking* de mortes de torcedores (BRANDÃO; MURAD; BELMONT; SANTOS, 2020) de futebol, chamando assim a atenção de pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas.

O espaço da festa nas arquibancadas se dissemina pela mídia como um espaço de disputas, o “nós” e os “outros”, estreitando laços entre os companheiros que dividem o dever do torcer e o amor por uma determinada camisa e o seu significado, tornando as diferenças e rivalidades ainda mais ímpares e criando uma comunidade disposta a ir à guerra nos sentidos mais amplos da palavra.

Sendo um esporte em que se utiliza majoritariamente o corpo para domínio do espaço do campo, da bola e da superioridade ofensiva ou defensiva ao atleta adversário, é evidente que embates aconteçam com frequência, seja por uma falta mais inflamada ou até pelo modo como um atleta comemora um gol feito na casa do adversário. Para todos os efeitos, existe um denominador comum nas calorosas discussões envolvendo o esporte mais apreciado e mais popular do mundo: os homens.

É o futebol masculino que carrega multidões – especialmente de homens – aos estádios. São homens que garantem que haja a manutenção do futebol como o esporte em que praticam sua sociabilidade, viril, heteronormativa e violenta nas arquibancadas. E também são os homens, em sua esmagadora maioria, que ocupam cargos de poder dentro dos clubes. No geral, os homens são o corpo, a face e a alma do futebol masculino tradicional e, por isso, a masculinidade hegemônica é a regra que não permite exceção em todas as camadas do âmbito futebolístico.

João Silvério Trevisan (2021) em sua obra publicada inicialmente no ano de 1998 republicado vinte e três anos depois, *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*, traz no primeiro capítulo cenas relatadas que demonstram a crise da masculinidade como a conhecemos e como essa crise desemboca em um cenário de violência constante do homem cis – autoviolência e para com os demais.

Por intermédio desses trechos, podemos localizar violências das mais diversas como um atributo masculino. Essas violências podem ser relacionadas para com sujeitos semelhantes, divergentes e para com os próprios sujeitos. E em todos os relatos, Trevisan nos aponta indiscutivelmente para um ponto principal: o corpo. É através do uso do corpo que existe uma concretização da violência e é voltado para ele essa mesma violência. Ponto a ser discutindo, então, é: historicamente, como se constrói esse corpo que deve ambicionar a norma heterossexual e masculina; quais são os atravessamentos para que essas normas sejam constituídas nos corpos; o que é desejável ou abjeto para essa construção.

As interpelações sociais nos sujeitos são atribuídas desde o início de sua consciência corporal. Louro (2022, p. 12) diz que “os corpos ganham sentido socialmente” quando “através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia, e, conseqüentemente, as tornamos históricas”.

A historicidade da construção dos corpos é, primordialmente, atravessada pelas normas da heterossexualidade compulsória e da virilidade violenta. Dentre tantas características das diversas masculinidades possíveis, essas são as solicitadas para o enquadramento dentro da “normalidade”. A performance da masculinidade, assim como a da feminilidade, é alicerçada em meios de exercê-la socialmente. Toda a socialização – dentro da normalidade – é concebida através de pedagogias concretizadas nos corpos através do processo de construção do ser, ou seja, na concepção de suas identidades.

A identidade é um fator que está, por todas as vias, entrelaçado com o processo de constituição do gênero e da sexualidade. Butler (2019) nos acena para “categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos”, o que significa que o processo de internalização de modelos normativos de sujeitos não são parte da essência. Ao pensar nessas possíveis marcas que não estão atreladas a essência masculina, é preciso conceber também uma outra instituição que dá suporte às práticas de pedagogias corporais em sujeitos dentro da lógica binária de gênero: a cultura.

Para Louro:

Aparentemente, se deduz uma identidade de gênero, sexual, ou étnica de “marcas biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo, e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. (LOURO, 2022, p. 22)

Ponto necessário para articular aqui é o fato de que a consciência da identidade que se entende, só é atribuída pela consciência primária do corpo que o sujeito detém. Todas as práticas e linguagens instituídas ao longo do processo de ser – enquanto ser social – produzem marcas específicas no binarismo de gênero que conhecemos. Ser masculino ou ser feminino tem a ver com a performance e essa performance só é verificada devido ao processo de ensinamento de práticas ao longo da existência.

Por essa razão, e para institucionalizar práticas de normalidade/normatização, a sociedade busca intervir, por meio de diversos instrumentos, na busca por uma fixação de identidade masculina – ou feminina.

No processo da descoberta da identidade, é importante salientar também que a consolidação dessa, só se dá através da negação de uma outra. Ou seja, para o *status quo*, a construção do masculino é necessária para negar o que se é feminino e vice-versa.

A aversão ao que é feminino, provinda de uma masculinidade hegemônica constituída com o viés violento, viril e heterossexual, também condiciona sujeitos a controlarem os seus corpos no que se refere à sexualidade. Ainda pensando em questões relacionadas à “negação para a afirmação” (SILVA, 2000), a sexualidade é vista sob essa mesma perspectiva:

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. (SILVA, 2000, p. 33)

Me interessa, portanto, fazer a distinção entre as identidades masculinas, buscando o afastamento de uma noção universalizante da categoria. A constituição da masculinidade hegemônica nos corpos diverge das masculinidades marginais e os fatores da diferenciação são inúmeros e nem sempre partem das perspectivas da sexualidade.

Evidente que a sexualidade é uma marca de marginalização – ou não – muito operante. No entanto, sabendo que a violência é um atributo embutido na constituição dos sujeitos do sexo masculino, bem como o afastamento íntimo para com outros homens, é importante compreendê-la como um fator de diferenciação. Ser violento ou não, dentre diversas outras marcas, traça a risca do “homem de verdade”.

Há que se ponderar, no entanto, que as relações entre “ser homem de verdade” e não o sê-lo é um movimento bastante inconstante e frágil. A imagem de um “macho” pode ser alterada através de um “deslize” dentro do padrão proposto, como por exemplo, ao ser notada uma interação mais íntima com um outro homem ou a não-resposta a uma situação que coloca à prova a sua honra. Nessa resposta, normalmente, é esperada a violência.

Não à toa, os espaços de homosociabilidade são dotados de brigas e disputas por espaço, como podemos observar no meio da maior instituição cultural do nosso país, o futebol. A necessidade de autoafirmação imposta aos sujeitos do sexo masculino é acessada de uma maneira muito simplificada dentro do meio futebolístico, uma vez que exala a essência da competição.

Dentro de uma lógica individualista e de pedagogias de gênero que incentivam a consolidação da perspectiva de alcance de uma superioridade – advinda também da lógica do

patriarcado – o homem encontra no esporte uma acessibilidade para exercer o que se espera de sua identidade. Não obstante, a crise do masculino ali se instaura também, uma vez que além de ser uma instituição repleta de homossociabilidade, é também um ambiente de exaltação da emoção. Ali, certas emoções que lhe foram cerceadas ao longo de sua construção enquanto sujeito do sexo masculino, tem legitimidade para acontecer, como é o caso do choro.

A premissa passada de pai para filho – com o suporte de mulheres ao longo da formação – o sujeito se determina a um autocontrole diante das próprias emoções. Aprende a ser contido, regrado e rígido. “Homem não chora”, é o que escutam as crianças do sexo masculino ao longo da vida.

Nas arquibancadas ou nos campos - em suma, no futebol – esse direito lhe é retomado. Paradoxalmente, estamos aqui pensando no espaço que legitima diversas violências, individualidades e permanências do *status quo* mas que estabelece uma conexão direta com o íntimo emocional dos homens. Todos esses atributos constituem o corpo homogêneo de uma masculinidade hegemônica, embora, como já mencionado por Trevisan (2021), nunca em completa harmonia. O masculino é constituído por paradoxos e crises.

No entanto, é necessário compreender esses corpos como detentores de um poder que historicamente marginaliza e subjuga outros. Talvez por consequência do fundamento da individualidade, da lógica da competição e da perpetuação da violência como fragmento de uma masculinidade completa, esses homens também são parte da estrutura que cerceia direitos, espaços e viveres e, nos estádios de futebol, esses corpos coletivos de sujeitos que são dotados de uma masculinidade hegemônica em sua grande maioria, compreendem esses espaços como a contemplação de seu poder social.

Isso porque, acionando aqui Bandeira e Seffner (2000, p. 247), “o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”. De modo que as ações práticas dentro desse espaço são estruturadas de modo a relacionar o que se exerce em campo com o que se pratica nas quatro linhas, acentuando uma masculinidade impositiva para os espectadores e atores dentro desses espaços, uma vez que sua adesão enquanto torcedor passa também por ritos de entendimento do que se percebe como homem.

O que vale salientar é que traços de uma dita feminilidade podem ser atribuídos a condições naturais do ser humano – como chorar após uma derrota – ou a recusa de participar do jogo violento disposto pelas categorias de torcedores que performam essa masculinidade violenta – a recusa por entrar em uma briga após provocações de adversários. A violência é um

fator de encontro para homens no ambiente futebolístico e, nesse sentido, não se diferenciam os torcedores dos atletas (BANDEIRA; SEFFNER, 2000, p. 249).

Em um clássico regional, uma agressão física dentro das quatro linhas inflama mais as torcidas do que um gol aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo. E, se esse é um fator de encontro, o que ocorre com as masculinidades não-hegemônicas dentro dos estádios? Mais ainda, o que acontece com o que não é masculino?

Como dito, sendo o estádio um local de inflamação emocional e palco para um elemento cultural de grande popularidade no país, atribuído, inclusive como marcador identitário do sulamericano em geral, é natural que tenha em si suas próprias pedagogias, suas negações e suas permissividades. A permissividade em questão, já pensada anteriormente, também se dá por associações com a violência advinda desses sujeitos dentro dos estádios.

Violência para com os adversários dentro de campo, para com rivais fora dele e, dentro das arquibancadas, violência para com os que não se encaixam no padrão proposto pela masculinidade tradicional. Existe ali, uma perspectiva de embaraço com o que se é diferente e uma padronização necessária para que compreenda quase uma “militarização” trajada de vestimentas esportivas, onde a meta é que se estabeleça o respeito através do medo causado por essa violência urbana tão amplamente divulgada, com baixas em todo o Brasil nos pós ou pré-jogos ou mesmo em datas aleatórias de encontros entre duas torcidas.

O prazer pela violência é constituidor dessa masculinidade hegemônica e o jogo de força e dominação é presenciado nas arquibancadas, sejam entre os mesmos sujeitos, sejam para com os que não deveriam habitar aquele espaço. Aos corpos que se opõem ao padrão imposto, lhe são privados o direito de assistir aos jogos ou o risco de uma repreensão física, ação que seria considerada até mesmo bem-vinda por setores tradicionais da torcida.

O que eu pretendo, portanto, através desse trabalho é relacionar as particularidades das masculinidades, suas constituições, seu estabelecimento como gênero político e quais os seus suportes, as instituições nas quais se desenvolvem com maior liberdade no seio social, seus enfrentamentos e, especialmente, como todas essas relações se dão no meio do esporte – mais especificamente do futebol.

Para tanto, o principal movimento será o de recolha de documentos em diferentes veículos da mídia – convencionais ou não -; literatura acadêmica relacionadas ao corpo, gênero, performance, esporte, futebol, LGBTfobia (ou homofobia, para alcançar uma maior temporalidade) e violência, adquiridas através de pesquisas com cada palavra-chave acionada e utilizando plataformas como a *Scielo*, *Scholar Google*, anais de congressos, etc; consultas de súmulas de pós-jogos disponíveis em acervos, especialmente a partir do movimento de

criminalização da homofobia² e punição de clubes por práticas homofóbicas envolvendo seus agentes³; e informações obtidas através do site do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD).

No que se refere ao movimento de recolha do levantamento bibliográfico, utilizei de alguns descritores em plataformas de pesquisa para um maior alcance dos objetivos elencados no projeto. Ao todo, foram fichados 184 documentos, dentre eles artigos, teses, dissertações, monografias, ensaios, textos que compõem anais de congressos e capítulos de livros. Os documentos estão associados à diversas áreas do conhecimento, tais como a história, a educação física, o direito, a psicologia, o jornalismo, as ciências sociais, a antropologia e a arte.

Dentro desse corpo de materiais, utilizei os seguintes descritores: 1) acerca da masculinidade: *masculinidade hegemônica, pedagogias da masculinidade, masculinidade no esporte, masculinidades no futebol, falocentrismo, virilidade; machocracia, masculinidades subalternizadas e políticas da masculinidade*; 2) acerca da homofobia: *homofobia, lgbtfobia, homossexualidade no esporte, homossexualidade no futebol, torcidas gay, torcidas queer*; 3) acerca da violência: *violência no futebol, violência entre torcedores, masculinidade e violência, homens e violência, violência e identidade no futebol*; 4) Acerca do direito ao estádio: *movimentos de torcedores e direito ao estádio*.

Considerando a bibliografia, alguns artigos de autores específicos foram encontrados diversas vezes, demonstrando uma assiduidade na pesquisa dos assuntos, tais quais Gustavo Andrada Bandeira, Édison Gastaldo e Luiza Aguiar dos Anjos, no que se refere à homofobia do futebol; Robert Connell, sobre as políticas da masculinidade; Aguinaldo Rodrigues Gomes, sobre a machocracia; Felipe Adaid, no que se refere às pesquisas acerca da homofobia; Maurício Rodrigues Pinto, sobre as torcidas queer; Flávio de Campos, Arlei Damo e Luiz Henrique Toledo sobre as identidades de torcedores de futebol; Maurício Murad sobre a violência no futebol; Sobre o direito ao estádio e ao clube, Ronaldo Hela e Irlan Simões.

Através do uso dessa bibliografia, o meu intuito com essa pesquisa é analisar arquivos disponibilizados por veículos da imprensa esportiva disponibilizados em forma de jornais, em diálogo com o que é proposto pelas leituras do que foi exposto acima, buscando evidenciar sempre o aspecto da masculinidade hegemônica como objeto fundador de diversas violências sujeitadas à indivíduos que escapam da norma concebida dentro dos estádios de futebol.

² A homofobia passa a ser considerada crime no Brasil no ano de 2019, enquadrada na lei 7.716, no artigo 20.

³ No futebol, os agentes são percebidos primeiramente através da figura dos atletas, no entanto, o crivo desse trabalho prevê um enfoque maior nas ações que partem dos torcedores, mesmo que para isso se envolva, invariavelmente, os atletas, diretoria, mídia esportiva, árbitros e afins.

Para além desse material, também conto com a recolha de materiais disponíveis no acervo digital de jornais impressos e digitais de conteúdos esportivos, principalmente o *GE*⁴, acervo da revista *Placar* disponível digitalmente, *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro e o acervo digital de recolha de fontes relacionadas ao futebol e a comunidade LGBTQIA+ promovido pelo Coletivo Canarinhos LGBTQ+, no *Instagram*.

Os descritores utilizados para o levantamento documental nas revistas esportivas digitais foram: macho, homofobia, homossexualismo⁵/homossexualidade/homossexual/gay, Coligay, Fla-Gay. Foram encontradas 85 menções em trechos que faziam sentido para amparar a pesquisa e serão acionados durante o desenvolvimento desse trabalho, com o embasamento do levantamento bibliográfico e dos textos-base.

O recorte temporal escolhido para amparar o trajeto dessa investigação foi o do ano de 1970, década marcada pela aparição da torcida organizada Coligay⁶ no Estádio Olímpico⁷ para acompanhar a partida entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense⁸ e o Futebol Clube Santa Cruz do Sul, até o ano de desenvolvimento dessa pesquisa, 2024.

Estendendo a compreensão da dinâmica do torcer para os diálogos da literatura acadêmica recolhida sobre o corpo e sobre como o corpo masculino, em específico, é dotado de regras e cerceamentos, o capítulo 1 intitulado “*A masculinidade em foco: hegemonia e performance do corpo*” versa sobre as pedagogias corporais da masculinidade, enquanto sujeitos que detêm poder na medida em que performam o que se é esperado hegemonicamente de homens, bem como da constituição desse traço identitário como legitimador de violência, operando na manutenção de seus espaços de poder através do uso da força e da potência do medo.

No capítulo 2, denominado “*Coisa pra macho: o futebol, a masculinidade hegemônica e a lgbtfobia*”, a perspectiva traçada no capítulo 1 ultrapassa o campo geral e se direciona para uma das categorias centrais da presente pesquisa, o futebol, como uma indústria cultural potente que opera na manutenção da masculinidade viril e violenta, descartando possibilidades de outras possíveis masculinidades em seu seio. Para além da conduta de regramento dos corpos que não participam da ótica do embate corpo a corpo, existe um processo de negação do que

⁴ Globo Esporte.

⁵ A utilização do termo homossexualismo garantiu que se alcançasse um maior número de documentos no acervo, devido ao recorte temporal traçado.

⁶ Torcida organizada gremista que existiu entre 1977 à 1983. Foi idealizada por Volmar Santos, que era gerente de uma boate voltada ao público gay, de nome Coliseu. Daí a alcunha da torcida.

⁷ Estádio do Grêmio, à época.

⁸ A partir de agora, me refiro ao clube apenas como Grêmio.

não se é masculino, invadindo o campo da sexualidade e colaborando com a premissa heteronormativa social.

A partir desse englobamento de categorias principais, é então introduzido a bibliografia documental recolhida através de acervos do jornalismo esportivo, datada da década de 1970 até o ano de 2023, ano de desenvolvimento dessa pesquisa, conduzindo o debate para a esfera dos gramados, bastidores e arquibancadas brasileiras, em diálogo com a literatura acadêmica disposta. O diálogo é conduzido lançando luz ao termo machocracia⁹, exponenciado pela conduta violenta e excludente para com sujeitos que escapam da já deslizante concepção de uma masculinidade una dentro do universo do futebol profissional, abrangendo discussões dos bastidores, mas sobretudo o ambiente das torcidas – organizadas ou não¹⁰.

Por fim, o capítulo 3 e último, trata dos movimentos de recusa da aceitação do ambiente do futebol como exclusivos do gênero masculino heterossexual, ultrapassando as barreiras sociais impostas nos ambientes do futebol masculino profissional¹¹, acatando o ideal de um futebol inclusivo. O capítulo de nome “*Agenciamentos no torcer: corpos subalternizados e a ocupação do espaço do macho*” busca traçar um aporte histórico na tentativa de resgate de movimentos de resistência de torcedores à dominação masculina do meio futebolístico. Para tanto, importa-se também relacionar esse movimento ao grande impacto das redes sociais e aos avanços das pautas progressistas nos últimos anos no Brasil, em contraste também com o aumento de discursos fundamentalistas contra as classes LGBTQIA+.

A recolha da documentação necessária para o desenvolvimento desse capítulo conta com acervos de jornais digitais, bem como com a bibliografia acadêmica esportiva de pesquisas de torcidas brasileiras. Desse modo, a intenção é lançar luz sobre movimentos de resistência dentro de um importante motor cultural do país com o passar dos anos, além de compreender a representação torcedora para além do binarismo dos gêneros e da sexualidade normativa.

⁹ Em concordância com o pesquisador Aguinaldo Rodrigues Gomes que adere o conceito de machocracia para tratar do que também é chamado popularmente de falocracia ou androcracia nas literaturas acadêmicas. Ver mais em: GOMES, Aguinaldo Rodrigues. Machocracia, negacionismo histórico e violência no Brasil contemporâneo. **Revista Ñanduty**, v. 7, n. 10, p. 146-158, 2019. Acesso em: 12 mai 2023.

¹⁰ As chamadas TO's são evidenciadas nesse trabalho por serem instrumento de organização entre torcedores de futebol que detém grande visibilidade.

¹¹ Devido a pluralidade dos futebóis, é necessário apresentar que toda a trajetória de pesquisa vai elucidar o futebol masculino profissional e suas torcidas.

Capítulo 1 – A masculinidade em foco: hegemonia e performances do corpo

1.1 O jogo de relações hierarquizadas dos gêneros

Os debates sobre a binaridade dos gêneros e sobre a masculinidade são permeados pelas discussões acerca da categoria do Poder. O masculino é estruturalmente central na posição das relações dos gêneros e é historicamente dominador, detentor de poder e concebido como o sexo viril em termos biológicos. Essas premissas são perpassadas e normalizadas ao longo do tempo, socializando-as como uma retórica verdadeira, condicionando assim os sujeitos a uma posição de: a) subalternização do gênero feminino, posicionando mulheres na esfera de inferioridade em relação dos homens; b): estrutura que apresenta normas de comportamento para sujeitos do sexo masculino; e c): hierarquização de divergências dentro das performances das masculinidades, considerando essa categoria como não universal, ou seja, passível de mais de uma representação e em tempos históricos diferentes.

Bourdieu (2002) aciona a noção das “oposições concordes” para indicar o modo como essa naturalização do poder masculino se instaura no imaginário e na composição da construção desse gênero, especificamente, salientando que “ficamos, pois, condenados a equivocarnos sobre sua significação profunda se os pensarmos segundo a categoria do sexual em si” (BORDIEU, 2002, p. 7), atentando para o fato de que a discussão de uma masculinidade no viés puro e exclusivamente biológico não compreende a dimensão concreta da construção dessa categoria.

Para escapar da concepção biológica do sexo e entender o gênero como um instrumento de análise de constructos sociais, é preciso tratar da relação de subordinação e de poder, caracterizando-os como pontos de partida iniciais para desenvolver os diálogos acerca da construção do masculino¹², pautado na lógica da dominação.

Para Louro:

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. (LOURO, 2022, p. 12)

¹² Aqui, desenvolvo a categoria no singular, pensando no binômio masculino e feminino, muito embora ao longo do trabalho, essa categoria avance para a tratativa no plural - masculinidades.

Nesse sentido, a autora aponta para a caracterização da binaridade do gênero¹³, que molda a formação de condutas e práticas específicas que se contrapõem e se tensionam de acordo com sua cultura e sua época. Esses tensionamentos ocorrem sobretudo por conta da já mencionada hierarquia masculina e subordinação feminina, propagadas por diversas instituições, tais como a igreja, família, escola e ambientes de labor. A hierarquia propagada através desses aparelhos é o objeto principal desse subcapítulo, esquematizado para buscar compreender as disputas, tensionamentos e a perpetuação do poder masculino, que garante a análise de uma multiplicidade de elementos culturais.

Ao nos debruçar sobre a categoria homem, podemos compreendê-la como uma categoria histórica, que se molda de acordo com as experiências culturais diversas e, sobretudo, de acordo com o seu tempo, o que avança para a concepção de que não é uma categoria imutável. Essa dinâmica também ocorre com a categoria mulher. As demandas sociais atribuídas a cada um dos sujeitos variam de acordo com a categoria em que se inserem, isto é, dentro do que se espera socialmente.

O principal argumento para a dominação é a força física, argumento este que é variável de acordo com a análise. É claro que os apontamentos feitos pensando nas sociedades antepassadas em que o uso da força física era essencial para a sobrevivência trazem um entendimento de que essa estrutura é imutável. No entanto, se avançarmos os diálogos para o campo da fisiologia humana, é sabido que o requisito força é variável, existindo inclusive uma maior resistência do corpo feminino em relação ao corpo masculino no que tange o sistema imunológico¹⁴.

Considerando a premissa da força física como um diferencial entre os sexos biológicos, existe a manutenção dos espaços de poder ao longo do processo histórico, garantindo a exclusão de mulheres do corpo intelectual, de posições de embates bélicos e retendo-as aos trabalhos de cuidado, sejam esses remunerados ou não, como é o caso da maternidade e do trabalho doméstico em geral. À mulher, a jornada dupla ou mesmo tripla de trabalho¹⁵, é fundamental para a manutenção da estrutura familiar, visto que é nela que se encontram as características necessárias de cuidado diante das imposições sociais.

¹³ Defino gêneros binários como o masculino e feminino, sabendo e visibilizando as outras possibilidades.

¹⁴ MARTON, Fábio. Sistema imunológico das mulheres é melhor que o dos homens. **Abril**, 31 de out. 2016. Disponível em < <https://super.abril.com.br/saude/sistema-imunologico-das-mulheres-e-melhor-que-o-dos-homens>>. Acesso em: 08 de abr. 2023

¹⁵ Aponto aqui especialmente para as mulheres da classe trabalhadora, visto que essas são suporte de renda na estrutura familiar e ainda são responsáveis por todo o tipo de serviço doméstico e à criação dos filhos.

A visão de que a mulher possui uma delicadeza inerente, enquanto o homem é essencialmente caracterizado pela força e brutalidade, é o que sustenta a conexão social entre o homem como provedor e a mulher como facilitadora dos cuidados. O que nos interessa dessa discussão é como esse movimento inferioriza a categoria mulher, na mesma medida em que aponta o homem como o sujeito do topo da hierarquia binária.

Dentro da lógica do sistema capitalista, o provedor da casa – ou seja, a pessoa que vende sua força de trabalho em troca de um salário para o sustento de si e de sua família¹⁶ – é o sujeito mais simbólico da estrutura familiar. Essa dinâmica, no entanto, é um fator de inferiorização do trabalho feminino dentro do contexto da casa, ocasionando em violências patrimoniais em muitos dos casos¹⁷.

Os embates contra essa inferiorização da categoria de mulher e a disputa por espaços de poder – ou nesse caso, apenas na luta por direitos civis - surgiram em meados do século XIX, na primeira onda do movimento feminista, e requeriam reconhecimentos políticos e econômicos, visto que mulheres eram subordinadas socialmente pelos estatutos civis¹⁸. O movimento sufragista, formado por mulheres majoritariamente de classes mais abastadas, chega ao Brasil após a Proclamação da República em 1889, e visava o direito ao voto e à participação política feminina. Essa luta desembocou na conquista do direito ao voto em 1932, na promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro.

Essa primeira onda é associada ao movimento que não questionou de maneira significativa a divisão sexual dos papéis de gênero, atribuindo à sua força de trabalho de cuidado maternal e doméstico uma justificativa para os direitos civis requisitados (COSTA, 2005). Atribuíam suas lutas ao papel de gênero que desempenhavam enquanto mães e esposas, sem questionar completamente as perspectivas de dominação e de poder masculino.

A segunda onda data o início da década de 1960, juntamente com o momento histórico da guerra do Vietnã e do surgimento do movimento *hippie*, que propunha um novo modo de vida, disperso da lógica do consumo tão amparada pelo modo de produção capitalista e pelos Estados Unidos da América, além dos questionamentos acerca das morais propagadas por aparelhos ideológicos. Outro fator histórico importante dessa década é a criação da pílula

¹⁶ Ciente do local de cuidado da mulher na sociedade e da problemática de mulheres recebendo cerca de 22% a menos do que os homens, segundo dados do IBGE do ano de 2022, é comum que nas famílias brasileiras o maior salário seja o do homem.

¹⁷ A violência patrimonial é caracterizada por “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.”, segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios.

¹⁸ Esse apontamento abrange somente a perspectiva ocidental das experiências de mulheres, principalmente no Brasil.

anticoncepcional, possibilitando à mulher discutir sobre a liberdade sexual e uma vida oposta ao que se impõe na maternidade. Aqui no Brasil ganha forças a partir de 1964, com o início da repressiva Ditadura Civil Militar (PINTO, 2010).

Já a terceira onda, busca refletir acerca da categoria “mulher” como um todo e as intersecções que existem, alavancando um enfoque na subjetividade dentro de suas discussões acadêmicas e interpessoais. Essa possibilidade nos interessa mais, visto que aborda, dentre um de seus conceitos, o emaranhamento das relações de poder.

A efervescência desse movimento e a ideia atribuída a ele, colocou também em cheque o que se percebe e se entende como homem e a sua performance em sociedade. Segundo Courdine (2013), existe um rompimento de um dos traços mais pertinentes do sujeito masculino com o avanço das pautas feministas, a industrialização e com as Guerras Mundiais: o declínio do ideal viril.

Com a introdução das máquinas, o trabalhador, que possuía um lugar na sociedade alavancado por sua força física e habilidades de labor, passa a possuir um trabalho que pode ser realizado inclusive por mulheres ou por crianças, perdendo assim o *status* atrelado a ele por funções corporais. Essas intervenções tecnológicas se iniciam no século XIX, mas ainda permeiam o centro das discussões de gênero e trabalho, apontando para a afirmativa de que a força física já não mais é um meio de associação à renda, pelo contrário.

A filósofa francesa Olivia Gazalé (2019) lança luz à noção de que atualmente as profissões mais rentáveis e que possuem maior prestígio não exigem expressão corporal de força física, como é o caso das exercidas dentro do ambiente corporativo empresarial, que podem ser exercidas tanto por mulheres quanto por homens com semelhante eficácia. Muito embora, os cargos de poder dessa modalidade de trabalho ainda sejam ocupados majoritariamente por sujeitos do sexo masculino (YAMAGUTI, 2023), o que fica evidente com o avanço desse tipo de trabalho é que o ideal viril, antes atrelado inclusive com o modelo econômico e com a renda familiar, também é mutável e histórico.

Ainda que possamos compreender as intervenções e tensionamentos das relações de gênero no ambiente do labor, é preciso considerar que essa não é a única vertente que deve ser analisada ao iniciar as discussões acerca dos gêneros binários e suas mudanças ao longo da história. Esse fenômeno também é encontrado na vida privada familiar, seja na figura da mãe/filho ou na figura de marido/mulher. Nesse caso, ainda segundo Gazalé (2019), é percebido que com a problemática do desemprego em massa, a burocratização do acesso ao trabalho e com a terceirização das profissões, os homens em condições de desempregados ou ganhando menos que suas parceiras, veem sua virilidade em crise “tendo em vista que o marcador de

produção e administração de riquezas foi localizado historicamente do lado deles, enquanto foi naturalizada para as mulheres a dimensão reprodutiva e do cuidado” (BONFIM, 2020).

Para Saffioti (1987):

Em sociedades de tecnologia rudimentar, ser detentor de grande força física constitui, inegavelmente, uma vantagem. Em sociedades onde as máquinas desempenham as funções mais brutas, que requerem grandes força, a relativa incapacidade de levantar pesos e realizar movimentos violentos não impede qualquer ser humano de ganhar seu sustento, assim com o de seus dependentes. Rigorosamente, portanto, a menor força física da mulher em relação ao homem não deveria ser motivo de discriminação. Todavia, recorre-se, com frequência, a este tipo de argumento, a fim de se justificarem as discriminações praticadas contra as mulheres. (SAFFIOTI, 1987, p. 12)

Desse modo, as relações de gênero e as hierarquias por elas estabelecidas passam a sofrer impactos significativos, inclusive no modo como o binômio “homem” e “mulher” são percebidos socialmente. Com a lógica do ideal viril caindo em desuso economicamente, os sujeitos que performam a masculinidade hegemônica buscam meios de sintonizar essa energia em meios culturais e sociais. É o caso, por exemplo, do esporte e das arquibancadas, onde esses homens se sentem livres para “expressar suas emoções”, incluindo a violência.

À essa questão da violência como expressão de uma masculinidade dentre as diversas possíveis, mas que se estrutura no ideal viril, Muszkat (2007) traz questionamentos pertinentes acerca da formação da figura do homem ao longo de sua trajetória de vida. Diz:

Nessa perspectiva, faz-se fundamental a análise das questões de gênero, pois, se à mulher, é atribuído o papel de vítima, que lugar fica reservado ao homem? Que opções lhe restam quando não lhe é dada a possibilidade de inclusão, de amparo, de escuta? O rígido modelo cultural masculino, compartilhado tanto por homens quanto por mulheres, se por um lado transmite uma herança de poder, por outro exige um desempenho quase impossível de se atingir, gerando sentimentos de angústia, depressão e impotência. (MUSZKAT, 2007, p. 22)

Ao olhar para a construção do sujeito do sexo masculino e para a presença da violência na perspectiva da psicologia, a pesquisadora aponta para a possibilidade de considerar essa espécie de castração do ser emocional como um tipo de “violência intrafamiliar” (MUSZKAT, 2007, p. 22), que adere a lógica de que homens são seres apartados de suas emoções desde muito cedo, inclusive por mediação familiar femininas, nas figuras de suas mães e, posteriormente, nas figuras de suas esposas. Nesse caso, tornam-se agentes que perpetuam o sistema patriarcal e, paradoxalmente, que sofrem com seus malefícios.

Certamente esse tipo de estudo que visa as emoções masculinas não é algo que data longo tempo na academia, sendo considerado principalmente a partir da consideração de que as relações sociais de gênero estão interligadas. Ainda segundo Muszkat (2007), em concordância com o que diz Hurst (2003), a abordagem cultural em uma determinada época era a de analisar as questões das violências – em especial a doméstica, de homens para com mulheres – de modo a imprimir temor ao “outro”, que nesse contexto eram justamente os sujeitos do sexo masculino:

É, portanto, importante discriminar entre programas voltados aos ‘homens batedores’ – ou de comportamentos violentos –, que visam eliminar um comportamento indesejado – nesse sistema o homem é tratado como alguém “do mal”, em um sistema normatizador de valores morais –, ou elaborem-se programas em que se proponha parceria aos homens, considerando-os como parte interessada numa convivência mais prazerosa e gratificante. Programas cuja ideologia tenha como base um princípio maniqueísta bom/mau, em que o mau deve ser eliminado, disseminam sentimentos de hostilidade e persecutoriedade, criando barreiras ainda mais intransponíveis nos relacionamentos, em razão do lugar que os designa os “do mal”. (MUSZKAT, 2007, p. 25)

A possibilidade de revisão da categoria ‘homem’ enquanto um sujeito mutável em sua posição hierárquica social advinda das lutas feministas, nos traz também um indicativo de que suas performances sociais são históricas e se enquadram de acordo com a cultura em que se inserem. A lógica do poder segue sendo uma das características inevitáveis do ‘ser homem’ dentro da estrutura patriarcal, no entanto não sem tensionamentos e questionamentos ao longo dos anos.

Para além, a visibilidade acerca dos estudos especificamente calcados nas experiências masculinas, também foi um ponto importante para a ‘desessencialização’ das relações de gênero, abrangendo as mazelas do patriarcado para homens, tanto quanto para mulheres, castrando-os emocionalmente, e, principalmente, servindo às perspectivas caricatas da masculinidade hegemônica viril ocidental.

1.2 Estudos sobre as masculinidades: breve panorama

Com o avanço da teoria feminista e o desencontro com a ideia essencialista de gênero, o chamado *men's studies* também ganha força nos campos acadêmicos norte-americanos e um novo olhar sobre as performances masculinas no seio social é destacado. Dentro desses estudos, são apontadas de diferentes formas as complexas e opressivas dinâmicas do patriarcado para

com mulheres e para com os homens, na medida em que esses devem estar sempre em vigília para evitar condutas que atraíam um vestígio do que se é considerado feminino.

Castram-se as emoções e em lugar se dá espaço a um ser humano rígido e frio, com o intuito de proteger o “sexo frágil”, inclusive da ameaça de outros homens, e trabalhar para prover sustento aos seus descendentes:

No processo de subjetivação, o homem passa por experiências que ensinam o significado do ser homem. Nos anos 40 e 50, aqui priorizados como foco de análise, a masculinidade hegemônica projetava homens que deveriam se mostrar sempre fortes e capazes, devendo ter envolvimento com o trabalho. Nesse processo, o trabalho aparecia como fonte básica de auto-realização. Um espaço de criatividade e prazer, veículo de crescimento pessoal, com a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, valorizando-os por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa, modelando-o com as expressões daquele que tem em si atributos de poder viril. O sucesso profissional servia como medida no julgamento de si e dos outros, vinculado à competitividade e à própria ética do provedor – o homem capaz de sustentar uma mulher e os filhos. (DE MATOS, 2001, p. 51)

Ao início desse subcapítulo é importante salientar que a masculinidade é um lugar simbólico¹⁹ e performático, tal qual o seu oposto, a feminilidade. Ainda que a masculinidade, que é o nosso tópico momentâneo, seja representada na figura do homem másculo e que exhibe sua força física, coibindo a presença daqueles que o divergem e se materializando²⁰ em formato violento na nossa mentalidade, essa materialização ainda é produto de uma construção fundada no patriarcado, na interpelação social e econômica e, acima de tudo, na perpetuação do *status quo*.

No que tange os traçados imaginários dedicados às atribuições e características dos gêneros binários, nenhum deles é imutável ou ahistórico, pelo contrário, moldam-se de acordo com suas culturas e com seus tempos.

Todavia, as performances são essenciais para a manutenção do que se percebe como um ser humano do sexo masculino, mesmo que as barreiras de desconexão sejam muito frágeis. Um simples choro em momento de emoção ou carinho para com um outro homem é o suficiente para levantar suspeitas a respeito da veracidade da representação. Para além da constante “corda

¹⁹ Aponto esse espaço como um lugar simbólico em concordância com Bourdieu (2007, p. 9), entendendo os sistemas simbólicos como poderes estruturantes e estruturados que são instrumentos de conhecimento e de comunicação, fixados como consenso no mundo social. Ler mais em: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

²⁰ Saliento, nesse sentido, que apesar do poder simbólico e estruturado, a masculinidade também é materializada no formato da performance. Se dispersando do contexto do imaginário e da construção, ela é materializada na figura de homens que performam a masculinidade hegemônica com toda a simbologia a eles atribuída.

bamba” social, há também a agonia da percepção do deslize, visto que essa é uma categoria que está sempre em crise (TREVISAN, 2021).

Sobre a perspectiva do que pode ser a masculinidade, diz Oliveira:

Não bastaria dizer que ela atua nos discursos, ou se constitui como uma estrutura de poder, que integra a economia psíquica dos agentes, ou que é histórica, ideológica, identitária, predispondo comportamentos ao prescrever atitudes especiais em situações distintas ou que recobre um sistema de valores ou fundamenta certo tipo de estética. Dependendo da perspectiva adotada, sempre seria insuficiente qualquer uma dessas definições. (OLIVEIRA, 2002, p. 14)

Isso porque a complexa estruturação de uma masculinidade não obtém sucesso, *per si*. É necessário que os agentes do corpo social adquiram uma ideia/norma de como reproduzi-la e, ainda assim, não é possível tangê-la como um aparelho universal, dado a subjetividade dos seres humanos do sexo masculino. Por essa razão, é primordial compreender o motivo pelo qual procuro me utilizar durante essa trajetória de pesquisa de uma história das masculinidades, no plural.

A pluralidade dessa definição decorre da configuração hierárquica de como se constitui o sujeito, uma vez que o desvio da norma é sistematicamente condenado. Ela é, portanto, composta por marcadores que incluem a sexualidade – que deve estar alinhada à heteronormatividade –, a performance social e o sucesso ou insucesso na representação do masculino diante de seus iguais ou de mulheres, que “concedem tal hegemonia”.

Essa configuração é o que se percebe como a mobilizadora para atos de ridicularização, violência e destituição da categoria identitária “homem” aos sujeitos que fogem da norma, como é o caso dos homens gays, homens e mulheres transsexuais, e dos homens que demonstram sensibilidade diante de outras pessoas. Em caso de negação ou de encobrimento do que foge da norma, amputa-se uma parte do ser para que seja assim garantido o privilégio de existir na posição de dominação de outros sujeitos.

Ao lançar luz sobre essas questões, o movimento de estudos sobre os homens e sobre as masculinidades propôs uma nova visualização a respeito dos requisitos impostos para a compatibilidade da identidade masculina. Não mais se entendia a categoria ‘homens’ como algo universalizante, mas sob óticas distintas, se interseccionando de acordo com outros marcadores, como a classe, raça, religião e a faixa etária.

O novo molde de observação permitia, assim, se desfazer de noções abstratas e compreender essa categoria “como múltipla, mutante e diferenciada no plano das configurações

de práticas, prescrições, representações e subjetivações, campos de disputa e transformações minadas de relações tensas de poder.” (DE MATOS, 2001, p. 50).

Segundo Connell e Messerschmidt (2013):

O conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro proposto em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas; em uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens; e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australianas. O projeto nas escolas forneceu a evidência empírica de múltiplas hierarquias – de gênero e ao mesmo tempo de classe – entrelaçadas com projetos ativos de construção do gênero. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242)

Ainda que tenha ganhado a sua força com o movimento feminista e com a substituição da ideia maniqueísta de homens como seres essencialmente maus e forjados na violência, os estudos dos homens tiveram uma literatura específica sobre o papel sexual do homem, especialmente nas áreas da psicologia social e sociologia, antes mesmo do Movimento de Liberação das mulheres. Já ao longo dos anos 1970, houve um grande volume de escritos acerca do “papel masculino” nas relações binômias de gênero, às quais foram considerados incapazes de entender o fenômeno da construção da masculinidade em sua totalidade, considerando as partículas de subjetividade dos homens no tempo, localização e inseridos nos mercados referentes à classe, raça, faixa etária, sexualidade etc.

Connell e Messerschmidt (2013) pontuam que através dos estudos dos homens, surge também a centralização do diálogo acerca do poder e da diferença. É também na década de 1970 que o conceito de homofobia se origina dentro dos estudos sociais e é concebida a noção de que hierarquia das masculinidades existe, principalmente em conexão com as experiências de homens homossexuais que sofrem opressão sistematizada de homens heterossexuais. Além disso, a partir da década de 1980, passou-se a observar os meios de socialização (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 246) para fins científicos, de modo que as salas de aula, ambientes de trabalho, dentre outros espaços, foram importantes para compreender essa hierarquia e o modo como operava entre os homens.

Matos (2001) aponta que esse processo de observações e coleta de evidência científica em espaços de socialização foi um avanço significativo, visto que os debates acerca das categorias de gênero e das masculinidades tinham um viés essencialista e maniqueísta até então, sem considerar os processos de subordinações sofridos pelos homens em relação à classe, sexualidade, etnia, faixa etária etc. Diz Matos:

Dessa forma, os estudos sobre as subjetividades apresentam-se como uma nova fronteira para a historiografia na medida que tematizar a subjetividade, justamente, problematiza a noção de sujeito universal, unitário, isolável, emergindo a centralidade nos processos de diferenciação e nas possibilidades de construção singular da existência nas configurações assumidas pelas apreensões que os sujeitos fazem de si e do mundo. (MATOS, 2001, p. 48)

Ao anular a ideia prática e material de um ser masculino universo – este sendo um homem branco, heterossexual, jovem -, há a expansão da análise da categoria e, dessa forma, também a probabilidade da expansão do debate acerca das diversas masculinidades possíveis, garantindo a inclusão das subjetividades ao centro dos diálogos. Ainda que a experiência masculina se integre com a manutenção do patriarcado, existem sujeitos que, fora da norma universalizante, são também oprimidos de modo sistemático.

Ao lançar luz para os efeitos negativos do modo de vida social patriarcal e como existe a opressão e hierarquização sistêmica de sujeitos do sexo masculino por outros sujeitos do sexo masculino, essa forma analítica passou a fomentar os chamados *men's studies*, adentrando as áreas da história social, da saúde, da psicologia, da antropologia e dos estudos sociais.

Então, a partir desse movimento, além de compreender as relações entre os gêneros feminino e masculino, propõe-se o reconhecimento das análises interseccionais entre os sujeitos do mesmo sexo, suas subjetividades e suas relações com o mundo. A abertura dessas possibilidades também fez com que se pensasse a respeito dos espaços sociais do lazer do homem, algo que proponho analisar através dessa pesquisa.

Sobre a hegemonia de uma masculinidade universalizante (Matos, 2001), Connell e Masserschmidt dizem:

Como o conceito de hegemonia ajudou a dar sentido tanto à diversidade como à seletividade das imagens na mídia de massa, os estudiosos da mídia começaram a mapear as relações entre diferentes representações de masculinidades. Esportes comerciais são um foco das representações midiáticas da masculinidade, e o campo em desenvolvimento da sociologia do esporte também encontrou um uso significativo do conceito de masculinidade hegemônica. Foi implantado na compreensão da popularidade dos esportes de contato e confronto – que funcionam como uma renovação contínua do símbolo da masculinidade – e na compreensão da violência e homofobia frequentemente presentes em meios esportivos. (CONNELL; MASSERSCHMIDT, 2013, p. 246)

Essa discussão avança para a ideia central dessa pesquisa e aponta como os estudos sobre as masculinidades e os estudos sobre os homens em si estão conectados com o universo do esporte. A perpetuação da masculinidade hegemônica encontra no esporte um ideal de

homem viril que é almejado em inúmeros sentidos, alinhando o senso de competitividade, o físico, a violência institucionalizada e, também, o senso de comunidade.

Como apontam Connell e Masserschmidt (2013), as figuras masculinas representadas na mídia tem potência na concepção da violência atribuída aos homens e com a possibilidade de reavaliação de um modo de ser masculino, que não seja pautado na masculinidade hegemônica, através também dos estudos dos homens, surge também a discussão das masculinidades que se hierarquizam.

1.3 As configurações práticas e corporais da masculinidade

A estratificação de gênero na estrutura social garante aos homens uma série de privilégios, que são costumeiramente associados ao sucesso em suas carreiras, liberdade sexual – desde que dentro dos parâmetros cisheterossexuais – e ao direito de serem cuidados, destituídos da obrigação do trabalho doméstico por suas mães até, por fim, suas esposas. No entanto, para que haja acesso a essas regalias, é necessário que os homens estejam de acordo com os atos determinantes que os fazem estar dentro da categoria.

Dentre os aspectos principais e que norteiam toda a concepção do ‘ser homem’ é a virilidade, o desprezo pelo que é feminino e a prática de exibição de seus atributos de poder, e aqui se incluem tanto a força física quanto questões associadas aos bens aquisitivos. A questão monetária ainda é uma associação direta ao sucesso e corresponde à ideia de duplos agentes de poder, o da classe e o de gênero, quando apresentados por um homem.

A virilidade é um elemento impactante na análise da categoria, haja vista sua direta associação com outros atributos, como a frieza e a rigidez.

Para Trevisan:

A virilidade, segundo Badinter, não é um dom. Ao contrário, ela é “fabricada” de acordo com uma referência cultural: o “verdadeiro homem” - figura ilusória e utópica que o macho precisa alcançar por meio de deveres e provações, para mostrar que também se enquadra no padrão. Em outras palavras, o varão é “uma espécie de *artefato* e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito”. Isso torna a virilidade uma carga pesada, desde muito cedo. O macho dominante tem que estar sempre pronto a comprovar sua força. (TREVISAN, 2021, p. 55)

Uma das maneiras mais aparentes na performance corporal de “comprovar a força” é se utilizar da violência, sendo essa uma característica vigente no dote de masculinidade necessária para os sujeitos do sexo masculino. Tendo em vista o trecho acima, que nos aciona a ideia de

que existe uma fabricação da virilidade enquanto atributo essencial na concepção de uma masculinidade universalizante, compreende-se também que existem consistentes deslizos na produção dessa categoria, visto sua instabilidade diante do ato performativo.

Visivelmente instável, o ser humano cisgênero que habita esse lugar na exibição de seu “sexo” procura reiterar as regras sociais normatizadas, adentrando nesse lugar de materialização do que é discursivo, produzido socialmente, imaginado e dito antes de alcançar o lugar corpóreo. Sugere Butler (2015) que:

(...) o “sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (BUTLER, 2015, p. 195)

O pressuposto de que deve existir uma rematerialização atrela a ideia de que essa masculinidade performada não é fixa. A mutabilidade – ou, pelo menos a possibilidade dela – está associada à cultura, história e percepção do *status quo* de acordo com o corpo social que a avalia, considerando ainda os trejeitos de associação performáticos do homem cisheterossexual. Assim como a mutabilidade é uma pauta ao considerar a performance do “sexo”²¹, a sua rigidez também é.

Tanto a mutabilidade como a rigidez de um ato performático atrelado ao gênero de um corpo são estimulados por discursos externos ao ser. Isso significa que existe uma condição de vigília estimulada pela vida social, suprimindo deslizos e subalternizando os homens que os cometem com frequência. Essa vigília estimulada trabalha em cima da noção de materializar o “sexo” do corpo (Butler, 2022, p. 195), tornando possível conceber o gênero do sujeito em sua ação social.

Oliveira (2004, p. 13) entende a masculinidade como “um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação (...) que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados”, porém, percebe-se que o imaginário e/ou simbólico

²¹ Utilizo as aspas em concordância com Judith Butler.

se desapega do conceito na medida em que os corpos operam em meios materiais, ou seja, os comportamentos aderidos pelos sujeitos do sexo masculino são a materialização do simbolismo.

O autor ainda traz importante observação ao referenciar o lugar que esse corpo que pratica o que se é esperado detém na sociedade, visto que “apesar de todas as mudanças sócio estruturais e todos os movimentos que continuamente contestam a hegemonia masculina, esse lugar simbólico ainda é bastante valorizado e funciona como bússola de orientação para a construção de identidades” (OLIVEIRA, 2004, p. 253). Desse modo, Pedro Paulo de Oliveira evidencia a necessidade de performance do homem dentro do corpo social para que sua posição de poder não se anule, mediante, é claro, ênfase de suas características tidas como ideais na performance masculina.

Trata-se, portanto, de uma disciplinarização do corpo, para que se resulte em uma recompensa significativa, que, nesse caso, seria o prestígio social adquirido por homens nas relações de poder, atribuído àqueles que performam de modo sistemático o que a norma cisheterossexual estipula. Ao passo que a rematerialização, ou seja, a medida que se adere para que a performance não se escape do ideal, considerando a mutabilidade da ideia do “sexo” enquanto conceito mutável, é um meio de reafirmar as práticas corporais do lugar simbólico mencionado pelo Oliveira (2004).

Cecchetto (2004) evoca considerações de Bourdieu (1998) e previamente de Mauss (1974) para salientar a importância de gestos plenos de significados que são executados numa esfera individual e corporal única, mas que são aprendidos de modo coletivo. A autora ressalta a contribuição de Bourdieu em seu conceito de *habitus* como uma “forma pré-reflexiva do corpo introjetar os padrões culturais, a experiência do mundo, transmutando-se em uma política corporificada” (CECCHETTO, 2004, p. 74), o que corresponde a uma perspectiva de naturalidade das práticas corporais, muito embora sejam ensinadas por meio de aparelhos sociais presentes na construção do sujeito. A naturalidade pensada nesse caso é parte de uma concordância invisível entre estruturas cognitivas e estruturas sociais que não são questionadas (Bourdieu, 1998).

Diz Cecchetto que:

Uma prática particularmente importante para esse trabalho de construção dos corpos sexuais, de acordo com Bourdieu, é a dos ritos que marcam a separação entre homens e mulheres, por ele chamados de “ritos de instituição”. Estes desempenhariam um importante papel na socialização por gêneros e, principalmente, na somatização progressiva do que ele irá denominar dominação masculina. O corpo segue sendo o *locus* dessa dominação, uma forma de violência simbólica. Nesse sentido, assinala o esforço dos homens para assegurar sua participação no “patético jogo viril”: dar provas constantes de virilidade nos jogos de honra e guerra. Esse jogo da

masculinidade, no entanto, seria um empreendimento inacabado e permanentemente fabricado, por meio do qual podem eclodir comportamentos dominadores e violentos. (CECCHETTO, 2004, p. 74)

Em suma, os autores reafirmam a condição de categoria fabricada da masculinidade, compreendendo que parte da prática corporal dos sujeitos do sexo masculino são ideias e símbolos que se materializam de acordo com a aprendizagem coletiva do que se concebe como práticas masculinas ativas. Dentre essas práticas, está a virilidade enquanto conceito que hierarquiza os homens e que deve ser enxergada logo num primeiro momento, diante dos gestos, andados, atos e discursos. Para Bourdieu, ela é entendida “tanto como capacidade reprodutiva e sexual, quanto como aptidão para o embate e o exercício da violência”, uma vez que um dos atributos essenciais para vislumbrar um homem está a sua honra e sua capacidade de defendê-la.

Importante salientar que a subjetividade da performance masculina está atrelada principalmente às tentativas de distanciar os homens das performances de feminilidade, ou seja, só se é percebido um homem másculo quando seu ser se destitui de traços femininos. Essas destituições abrigam desde tarefas domésticas consideradas partes das obrigações de mulheres até a privação das emoções dos homens, tornando o processo de aquisição da masculinidade um ato violento não só para com a figura feminina, mas para com o ser completo do homem.

Barbosa (1998) examina o exercício de supressão das emoções masculinas como forma de configuração estrutural do corpo que emana o vislumbre da virilidade, considerando que o modelo de masculinidade ideal não compactua com traços de ternura e suavidade, devido a sua presença marcante nos componentes do universo feminino. A autora afirma que:

Existe uma tendência nos discursos sobre masculinidade para se examinar emoções e suas representações como algo estritamente biológico, caótico, desordenado, subjetivo, incontrolável e perigoso. Essa rede de associações costuma definir emoções como um processo individual e desengajado do meio em que foi produzido. A noção antiga e embebida no sistema binário, que considerava emotividade como uma característica feminina e racionalidade como uma característica masculina, ensinava que para um homem se qualificar como viril e, conseqüentemente, evitar que a noção de virilidade fosse infringida e/ou desestabilizada, emoções deviam ser suprimidas ou controladas. Através dos tempos, a palavra emoção se tornou no léxico e na vida um substantivo feminino. (BARBOSA, 1998, p. 327)

Ao conferir ao domínio feminino a emotividade, garotos são ensinados desde muito novos a seguir os moldes apropriados de convenção da masculinidade. São instruídos que meninos não tem medo, não são carentes e, principalmente, não choram, considerando esse

último um ato infantil e tipicamente feminino. Vale salientar que mulheres são cúmplices dessa estrutura no ambiente familiar, educando seus meninos de modo a criar homens que são desencorajados a manifestar emoções, especialmente àquelas vistas como negativas, ao passo que o enrijecimento emocional de crianças do sexo masculino “fomenta o aparecimento de um homem emotivamente inseguro e hesitante, mascarando e interpretando mal o discurso das suas emoções” (BARBOSA, 1998, p. 327).

Fabrice Virgili (2013), em um capítulo denominado “Virilidades inquietas, virilidades violentas” na obra *História da Virilidade*, em seu terceiro volume, aciona o sentido de uma “masculinidade ofensiva”, na qual para ser um homem era necessário aderir a posição de combate, desafiar o corpo próprio e de outros, além de utilizar a força sempre que necessário evocá-la. Compreende-se na produção dos discursos relacionados a esse tipo de masculinidade viril, o uso do corpo como uma ferramenta de poder que, atrelado às noções normativas das relações de poder hierárquicas que o envolvem, a possibilidade de instrumentalizá-lo como um possante de violência, uma vez que para constituí-lo dentro dos padrões de exigência das subjetividades masculinas, existe uma construção hostil que inibe e reprograma suas capacidades afetivas para com mulheres ou para com seus semelhantes, institucionalizando uma competição febril.

Como já mencionado anteriormente e amparado por estudiosos das práticas corporais da masculinidade, considero a materialização dessa categoria de análise uma junção de inibições de alguns fatores que tornam o ser humano mais suave, enquanto por outro lado, eleva-se o grau de exacerbação ao constituir o sujeito de características que incentivam a perspectiva da competição, da violência e da asperidade.

Isto dito, entendo que os pilares dessa prática simbólica e materializada nos corpos, vigiada por diversos aparelhos ideológicos e pelo coletivo civil, sejam três, para além da consideração biológica do falo: a inibição das emoções ternas ou frágeis, expressão da violência em alto teor e extrema posição de competição. Existem, certamente, diversos outros fatores a serem associados à construção subjetiva do ser humano do sexo masculino, no entanto, para o que proponho através desse trabalho, acredito que o fundamental perpasse esses três elementos que citei nesse parágrafo.

Compreendendo o futebol como um espaço de concretização das práticas masculinizantes, retenho esses três elementos fundantes de modo a me debruçar em suas reafirmações e os seus paradoxos dentro do esporte mais popular do mundo. Entendendo as arquibancadas como um ambiente de expressão masculina, a minha proposta passa pela ideia de associar essa inibição das emoções ternas (amor) ou frágeis (o choro) através da experiência

de torcedores e suas relações com seus clubes do coração; a violência em alto teor ao propagarem a noção do ódio, da agressão simbólica e física aos adversários e também aos clubes rivais e, por fim, a posição de competição que está intrínseca ao ambiente futebolístico, nas partidas do jogo em si, praticado nas quatro linhas, tanto quanto no movimento de torcer.

Portanto, para além de versar sobre o que compõe a prática corporal da masculinidade, é necessário evidenciar seus componentes em ambientes que recorrem à cultura como modo de institucionalizá-los. Associo o futebol como um dos meios importantes de espelhar condutas masculinizantes em seus atores – dirigentes, jogadores, torcedores – bem como o de fiscalizar condutas desviantes, chamando a atenção para esse segundo item, numa busca incessante de rematerializar a prática de acordo com o local em que se exerce, tido como um ambiente “de macho” e “para macho”, considerando, então, o espaço como um cosmo onde os corpos operam de modos semelhantes, senão idealmente iguais, atingindo o apogeu do que é masculino.

1.4 Políticas da masculinidade hegemônica: a machocracia em evidência

A construção de uma masculinidade hegemônica sugere a existência de outros tipos de masculinidade, que não seguem o padrão de virilidade violento designado na cultura a todos os indivíduos do sexo masculino. Essas masculinidades alternativas, ou ainda masculinidades dissidentes, são constantemente repreendidas, visto que soam como ofensas constrangedoras para a classe de homens “com h maiúsculo” que performam o que foi construído durante séculos.

Trata-se de produções simultâneas, nas quais a do corpo que reproduz o espelho da hegemonia é validado pela existência do corpo de uma masculinidade subalternizada, a que não reproduz, negando-a em prol de sua própria afirmação. Kimmel (1998, p. 105) aponta para a mutualidade da dinâmica do hegemônico e do subalterno, que interagem de modos desiguais de acordo com a ordem social e econômica dos gêneros.

A cultura está diretamente associada com a formação do sujeito, mas também é atravessada por eles, na medida em que é modificada de acordo com o tempo em que se pensa esse aspecto, à exemplo, o “ser macho” é uma categoria que não pode ser expressa de modo universalizante e/ou a-histórico, dadas as condições em que esse conjunto de fundamentos pode ser modificado de acordo com os agentes que os espelham.

Kimmel (1998, p. 106) cita também os diferentes marcadores de identidade que influenciam na construção desses sujeitos e que também são fluidos, principalmente de acordo

com a faixa etária. A juventude e a vida adulta de homens são as etapas em que essas repetições de fundamentos construídos socialmente mais se escancaram, especialmente devido à disposição e a vitalidade, o que significa que a experiência de homens ao envelhecerem e perderem biologicamente traços essenciais inerentes a essa categoria – no caso, a força como um exemplo físico – os coloca em uma situação de fragilidade e da necessidade da ajuda de outrem, fato que modifica sua posição na cadeia hierárquica da masculinidade hegemônica.

O que nos leva para o sujeito que ocupa posição mais elevada da concepção dessa hierarquia: o homem branco, jovem, heterossexual e rico. Dentre as categorias identitárias e as categorias econômicas, existe um privilégio intenso para o sujeito categorizado anteriormente, por se compreender como um indivíduo dotado de experiências que validam a sua existência de acordo com as construções históricas em seu entorno. Esse sujeito não é atingido por nenhum dos processos de subalternização, visto que detém poder econômico, fator que infere nas concepções de conquista altamente ativadas no processo de visualização de uma masculinidade concreta, não será vítima de racismo, sexismo ou homofobia, devido à sua branquitude, gênero biológico e social, e à sua sexualidade normativa. Dessa maneira, esse sujeito se coloca em posição de poder em relação à, por exemplo, um homem negro, gay e idoso.

Bonfim (2021) apresenta o estudo etimológico de “virilidade”, no qual é possível compreender as razões pelas quais a performance do homem está vinculada ao processo de absorção desses atributos e como as experiências masculinas de envelhecimento, por exemplo, são afetadas na condição do discurso do ideal de força física, que está essencialmente conectada com a violência expressa de modo material por homens:

A etimologia da palavra “virilidade” nos ajuda a compor esse distanciamento entre homem e virilidade. Esta provém do termo latim *virilitas*, sendo tomada como uma “virtude” que habita o terreno do modelo de perfeição masculina. *Vir* não é sinônimo de *homo*, logo, “virilidade” vai além da designação de “homem”. “Virilidade” comporta o ideal de força e virtude, correspondendo àquele que possui coragem, força física e vigor, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais. (BONFIM, 2021, p. 7)

Essas diferenças elencadas a categorias de identidade afetam também o imaginário dos homens que não se encaixam dentro do aspecto ideal, interferindo na visão de si mesmos, buscando compensar a falta de algum dos fatores no excesso de outro, o que pode agravar no exagero da agressividade atribuída à virilidade. De modo geral, a violência é sempre um ato lido como intrínseco ao que é masculino, então ao utilizá-la de modo exacerbado, o sujeito não

receberá repreendas, será apenas notado como exageradamente “macho”. Desse modo, a adoção da violência não é tida como um desvio de conduta, mas como uma reafirmação do ser.

As condutas violentas são tão presentes na constituição do sujeito do sexo masculino que performa a masculinidade que são, inclusive, utilizadas para pensar o aparelho político de seguimento desses homens. Buscam sempre a validação para os atos hostis (MUZKAT, 2006) e desconsideram os relevantes apontamentos sobre os danos psicológicos que esse comportamento traz.

Em sua obra *Nordestino: a invenção do “falo”*, Durval Muniz de Albuquerque Júnior versa a respeito dessa construção de virilidade no contexto regional, mas no capítulo 4, intitulado A invenção do macho, apresenta uma noção que pode ser utilizada para pensar o aspecto do poderio do imaginário social:

Era preciso resgatar o patriarcalismo não apenas como modelo familiar e de relação entre os “sexos”, mas como ordem social. O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar essa virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a República haviam trazido. Era preciso militar no sentido de se constituir um novo tipo regional que, imbuído deste sentimento, fosse capaz de superar o depauperamento que as novas gerações das elites não vinham demonstrando capacidade, fibra, firmeza, potência para sustar. Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como macho por excelência, capaz de revirilizar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 150)

E ainda que:

O nordestino será inventado como o macho por excelência, a encarnação do falo para se contrapor a esse processo visto como de feminilização, pensado como ameaçador, em última instância, para a própria região. A relação entre masculinidade e poder fica assim explicitada, ou seja, a feminilização do espaço regional significava, segundo esses discursos, a perda de poder em nível nacional, a impotência. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 150)

Esses trechos demonstram como a masculinidade é percebida a partir da ordem política e fator essencial para o empoderamento de um agrupamento de pessoas, especialmente a partir da compreensão da performance de masculinidades outras ser associada à perda de direitos ou ao abuso dentro daquela região. Sobre nesse contexto, a reinvenção dos homens, a absorção do ideal falocrata e a garantia de uma narrativa que envolva esses aspectos de modo a associar uma masculinidade hegemônica à figura do nordestino, sobretudo para garantir aos moradores da região uma espécie de poder em relação aos seus espaços.

A implicação de que os sujeitos detêm um maior poder ao exercerem os atributos considerados essenciais para a performance da masculinidade os faz também defender o direito à violência. Gomes associa essa defesa, inclusive, ao ódio contra os oprimidos por políticas conservadoras e aos direitos humanos e à “leitura do mundo pelo viés da violência”, além da “reafirmação fajuta da solidariedade masculina” (GOMES, 2019). Diz Tófoli (2018) que:

Nossa falocracia agora vai além: ela é composta de homens orgulhosos de serem grosseiros e preconceituosos, e que debaixo de seus tesos músculos (ou barrigas flácidas) parecem esconder certo medo de se tornarem algo como uma espécie em extinção. Nossos machos em questão não aceitam a visibilidade e o protagonismo que o feminismo e as novas sexualidades vêm ganhando no cenário dos costumes, e há uma boa chance que este sentimento tenha alavancado uma considerável parte dos votos a Jair Bolsonaro²².

Ponto interessante do trecho de Tófoli é a busca pela manutenção desse poder devido ao avanço significativo das pautas progressistas que consolidam um diálogo a respeito dos papéis de gênero em diversos setores da sociedade, algo que, certamente, coloca em xeque a estrutura patriarcal que prioriza e privilegia homens cisheterossexuais em diversos contextos. A defesa por sua estrutura, pode ser reconhecida através desse movimento de homens que aderem à prática de ódio à população subalternizada de modo público e entendida como uma manutenção do poder através de ameaças à integridade, suporte intenso ao uso das armas de fogo – como instrumentos que podem ser utilizados no cotidiano para “defesa pessoal” e, principalmente, pela propaganda do imaginário de homem ideal:

Em sua maior parte, essa masculinidade não assume a forma de um "movimento", mas representa uma tendência ou ênfase na cultura, na política e nos negócios. Uma parte importante disso é a promoção comercial de masculinidades exemplares. Os esportes televisionados, os filmes de "ação" de Hollywood, os desenhos animados e os quadrinhos dos super-heróis, os romances de aeroporto, os jogos violentos de videogame, os conjuntos de brinquedos plásticos infantis, tudo isso insiste de forma incessante na superioridade corporal dos homens e no seu domínio da tecnologia e da violência. (...) Existe uma agenda da masculinidade do lobby das armas também no culto do empreendedor capitalista implacável, que tem ganhado força com a globalização e as reivindicações políticas para obter "competitividade internacional". Os ataques da nova direita contra o estado do bem estar tem, além de uma dimensão de classe, também uma dimensão de gênero. (CONNELL, 2017, p. 195)

A questão do armamento, mesmo que não esteja diretamente ligada à integridade física de outros sujeitos, mas sobretudo à relação de poder, mostra uma fixação do homem cisheterossexual na capacidade de poder se tornar nocivo, na medida em que perde um pouco

da sujeição da população marginalizada pelos discursos conservadores e religiosos com o avanço das pautas feministas e pró LGBTs.

Entende-se, como mencionado por Albuquerque Júnior (2003), que a materialização de um modelo hegemônico de masculinidade passa pela ideia de reafirmação de posse do território, tornando necessário um enrijecimento e aderência de uma violência ativa, que seja lida enquanto poder, para que assim se supere às adversidades da condição de ameaça por parte de penetradores dos locais dos nordestinos. Essa mentalidade também é localizada nos discursos de homens conservadores, que explanam o medo de sua extinção devido à livre existência dos demais, como se por habitarem o mesmo universo dos sujeitos que exercem a sua masculinidade de maneira convicta, se tornassem penetradores intrusos do corpo social.

Em seu artigo, Gomes (2019) salienta que esse comportamento masculino de buscar a dominação da cena política através do uso da violência é típico de um contexto machocrata, que repudia as diferenças existentes nos modos de vida distintos e, para além disso, desumaniza seus agentes, vendo-os como vidas que merecem ser eliminadas. O autor lança luz a um ocorrido no Rio de Janeiro, às vésperas das eleições estaduais em 2018, quando o candidato à deputado, que viria a ser o mais votado com 140.666 votos, Rodrigo Amorim (PSL), atacou a memória da parlamentar assassinada, Marielle Franco, ao quebrar a placa de uma rua que homenageava a vereadora. Ele estava acompanhado de um parlamentar já eleito à altura, Daniel Silveira, da mesma sigla.

Esse ato, justificado nas redes sociais pelo parlamentar, de modo a relativizar o assassinato de Marielle e a impunidade diante do ocorrido, foi acatado pelos eleitores, que consentiram com o uso da violência propagado na situação, configurando a Rodrigo um posto no lugar de legislador do Rio de Janeiro. Essa movimentação de aderência da violência e, especialmente, da adequação do eleitorado a um candidato que fere a imagem e memória de sujeitos marginalizados, como era o caso de Marielle Franco, uma mulher negra, periférica e lésbica, nos aponta para uma observação feita pelo autor nas páginas seguintes, ao adentrar na temática da predileção dos eleitores, majoritariamente dos eleitores homens, por sujeitos do sexo masculino e com fortes dizeres discriminatórios para representa-los em posições de poder:

Coincidência ou não, é notável que tanto do ponto de vista político, como da imagem, parece haver certas predileções por líderes fortes, nem sempre democráticos, em detrimento das lideranças femininas e ou que demonstrem fragilidade. Seria um reflexo do contexto de incerteza do cenário econômico mundial? Ou a retomada de um projeto adormecido de dominação masculina ancorado nas representações patriarcais históricas, do século XVI, da sociedade ocidental que busca conter os avanços das pautas feministas e das novas sexualidades na sociedade e na política? (GOMES, 2019, p. 150)

O autor ainda aponta para a prática do revisionismo histórico – ato de revisitar fatos ocorridos que contém evidência histórica e relativizá-los e/ou acrescentar/omitir circunstâncias que os tornaram eventos importantes – como uma tentativa de sequestrar as mazelas sofridas por sujeitos marginalizados estruturalmente, como é o caso do movimento de negação do escravagismo brasileiro, propagado inclusive pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, que, como mencionado por Gomes, afirmou em entrevista a um canal da TV aberta que: “e você for ver a história realmente, o português não pisava na África, era [sic] os próprios negros que entregavam os escravos” (GOMES, 2019, p. 150).

Gomes ainda versa a respeito dos pilares que alicerçam e fomentam a cultura do ódio ao “outro”, considerando esse outro uma ameaça à dignidade do sujeito mais forte, retornando aos conceitos de meritocracia – e até da seleção natural, se considerarmos que a teoria popularizada por Charles Darwin, que alegava que os mais aptos devem sobreviver –, da concepção de que o “outro” uma hora roubaria o lugar de quem o detém por norma social e, por fim, o culto à masculinidade, atrelado a ideia de dominação natural do homem.

Maranhão (2024) faz menção a esse sujeito que detém como responsabilidade a ordem – e em consequência, a manutenção desse espaço hierárquico garantido ao sujeito do sexo masculino dentro do corpo social – ao relacionar o sentimento de patriotismo e de ideal de Nação aos homens, configura a incumbência da proteção do solo e da garantia do progresso, atrelado certamente com os bons costumes e afastamento de novos sujeitos políticos que se expandam à já conhecida norma.

Ao traçar um panorama relacionando a masculinidade e o militarismo, o autor aponta para o fato de que os aparelhos ideológicos militaristas são responsáveis na construção de um ideal masculino, uma vez que se atrelam à imagem da proteção e do combate, por meio do uso da força física e da associação com a violência necessária. Maranhão elucida o termo “cidadão-soldado”, que se configuraria no incumbido a zelar pela pátria, associando-se ao processo de militarização da República a partir de 1889, quando os corpos masculinos passam a contribuir para a imagem da formação de um forte Estado Nacional, transformando homens “em modelos de liderança e virtude” (MARANHÃO, 2024, p. 96).

Sobre o processo de aderência dos corpos masculinizados hegemonicamente ao ideal de nação pós Proclamação da República, diz:

Em variados cenários, a importância do corpo masculino imbuído de militarismo permeou as discussões concernentes à construção da identidade

nacional brasileira. Com a transição para a República, as preocupações dos militares do Brasil em relação aos padrões físicos tornaram-se mais acentuadas. Sob a ótica militar, a nação brasileira e sua população se deparam com a exortação de serem robustas, disciplinadas, hábeis e prontas para se equiparar às nações consideradas “civilizadas”. Desse ponto de vista, o físico não é apenas uma expressão corporal, mas sim um edifício da própria nação, erigida sobre alicerces de vigor, prontidão e competência. (MARANHÃO, 2024, p. 97)

Escolho traçar esse caminho metodológico, pois enxergo no ideal machocrata, a perspectiva do cidadão-soldado, ao passo que esses homens enxergam em si um defensor do bons costumes e do modelo de liderança e virtude, aos quais possuem a habilidade de perceber que os caminhos para o progresso não recaem na garantia de políticas públicas estruturadas para sujeitos marginalizados historicamente, protegendo, então, a pátria da visão imagética de fragilidade, do desordenamento do gênero e sexual e, principalmente, requerendo a si uma visão de liderança.

É interessante também observar que o militarismo e os corpos militarizados são alvo de idealização de homens que compactuam com a perspectiva machocrata, ao passo que esses corpos estão constantemente vigiados e se encontram enrijecidos devido ao processo de formação militar tradicional, que conta com um culto ao corpo vigoroso, bem treinado e orientado (MARANHÃO, 2014).

Outro ponto a ser analisado é o da posição desse homem militar em todos os contextos históricos apresentados pelo autor, que para além do corpo que se torna objeto de idealização e de espelho da pátria e do poder por ela apresentado, existe também uma validação e liberação do uso da violência por parte dos sujeitos conectados com instituições militares. A possibilidade de uma guerra para proteger o seu território e os seus civis é sempre anunciada, seus corpos são treinados para a expectativa da agressão, o que atrela ainda mais ao que já foi dito a respeito dos homens machocratas.

Nesse contexto, a aderência da possibilidade da violência torna compreensível a identificação de sujeitos que condescendem com a machocracia à ideologia militar, que preza a ordem – inclusive operando em favor da manutenção de poder e reafirmando a materialização da masculinidade hegemônica nos corpos dos adeptos da militarização -, a perspectiva de apagamento de outros e a noção de proteção a uma ameaça que ainda não se vê.

Observando um microcosmo cultural, buscando abranger tanto o cidadão-soldado quanto o machocrata viril, podemos pensar nas arquibancadas dos estádios de futebol como um espelho que reflete as pedagogias hostis aos corpos “outros” implantadas e reafirmadas pela sociedade civil. Ali, é possível identificar a ideia de um cidadão-soldado que cultua a norma

masculina ao denunciar desvios nos atos praticados por iguais (torcedores de um mesmo clube) ou aos Outros (torcedores adversários), que protege o seu espaço – espaço de homem -, garantindo que não haja intrusões, e por fim, categorizando sujeitos marginalizados historicamente – de sexualidades plurais, mulheres e racializados – como não pertencentes e, portanto, indesejados.

Dessa forma, os espaços historicamente frequentados pelos homens ainda são espaços onde os corpos precisam seguir de acordo com a norma homogênea, inclusive em seus costumes, uma vez que para exercer o ato do torcer, por exemplo, existe um código de ética que está intimamente ligado com os preceitos da masculinidade viril. Antes de se tornar torcedor, é necessário que sejam lidos os trejeitos específicos dos homens que ali habitam, ou seja, é necessário identificar um “macho” antes de identificar o torcedor.

Capítulo 2 – “Coisa pra macho”: o futebol, a machocracia e a lgbtfobia

A cultura é o que interliga todo o processo de identificação dos agentes com uma determinada categoria. É através dela e de sua época que o sujeito compreende o que é e o que deve ser no cerne da estrutura social, correspondendo a uma série de elementos que são essenciais para a sua própria compreensão e para a leitura de outros membros da comunidade. Como já explorado anteriormente, dentre esses elementos estão a virilidade, a heterossexualidade compulsória e a amputação das sensibilidades.

No entanto, ao desmembrarmos ainda mais a categoria “homem²³”, podemos perceber ainda um elemento muito presente em sua socialização: a competição. Por essa razão, crianças nascidas do sexo biológico masculino são incentivadas desde muito novas a aprimorar seu senso competitivo, seja na inserção aos esportes, seja na prática do brincar. São ensinadas desde muito cedo o sentido eficaz da ideia do “ser melhor” que o próximo.

Dentro da noção da prática de esportes como aprimoramento da máxima da competição é que se localiza um dos objetos centrais do presente trabalho, que é o futebol. É o esporte mais praticado do Brasil e do mundo, também pela facilidade com a qual se pratica. Precisando somente de uma bola, duas marcas para se traçar o gol e ao menos um adversário para exhibir suas habilidades, as crianças enxergam na experiência uma possibilidade de comemorar o ato de ganhar ou sofrer as angústias do perder.

Para Damo (2002, p. 11), “o futebol cumpre a mesma função significante do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino”²⁴, o que nos elucida a importância desse motor cultural para a construção de uma masculinidade hegemônica. Seja no campo da prática ou atuando como um espectador, a existência do interesse é muito incentivada ao longo da vida.

A contramão também ocorre dentro do esporte, ou seja, na medida em que se estimula que os sujeitos sejam adeptos da prática ou da prática do torcer, também há uma intensificação da representação da masculinidade hegemônica dentro do esporte mais popular do mundo. A virilidade, a coragem, o senso de competitividade são atributos essenciais para a valorização de um atleta em campo, não sendo nunca opcionais. As emoções em caso de título são bem-vistas. Diferentemente do choro pós uma derrota (ARAÚJO, 2015), que desqualifica a premissa da honra e da frieza.

²³ Opto por utilizar a categoria de modo universalizado para que haja uma maior compreensão do que esse parágrafo se pretende, mesmo sabendo e salientando as diversas possibilidades de performance masculina, uma vez que a intenção do capítulo é analisar o sujeito que exerce as condições performáticas da masculinidade hegemônica dentro dos estádios de futebol.

O prisma das características essenciais do praticante profissional de futebol ultrapassa as quatro linhas e modula também os espectadores, os sujeitos que acompanham o time onde quer que vá e que, paradoxalmente, abrem mão de um dos elementos – a amputação das emoções – para concretizar a ato do torcer.

Um dos pilares da identidade vinculada a um torcedor de futebol, é a negação do outro, no caso, a de um adversário, um clube e um agrupamento de sujeitos que possam ser, respectivamente, vítimas da derrota e zombados após o apito final. É através dessa dinâmica que se desencadeiam movimentos de retaliação moral contra os torcedores rivais de diversas formas, incluindo o preconceito em sua pura essência.

O racismo, a xenofobia, o machismo, o elitismo e a lgbtfobia tomam espaço na coletividade das arquibancadas (BANDEIRA, 2019), desempenhando a função de buscar desmoralizar aqueles a quem se opõem. Não se trata de uma exclusividade de uma torcida específica, tampouco que todos os que habitam as multidões são adeptos de uma mentalidade preconceituosa, no entanto, as arquibancadas se tornam um espaço legitimador de violências, sendo pouco confrontadas no calor do jogo.

Cânticos, xingamentos em momentos impactantes do jogo – nesse caso não se declara se é para os atletas do time adversário ou do próprio time, dependendo unicamente das circunstâncias das disputas -, provocações em redes sociais e até em confrontos físicos, as violências relacionadas aos traços identitários que não são almejados no âmbito do futebol são constantemente evidenciadas. Um ponto de extrema relevância para o diálogo é a naturalização com que essas violências ocorrem nesses espaços, sem que haja uma repulsa por parte de seus atores e dos que os cercam:

A construção da identidade masculina de uma torcida acontece com a produção de uma outra masculinidade, a da torcida adversária. Essa representação carrega as marcas do que a torcida a qual se pertence não é. Caracterizar negativamente a masculinidade do torcedor rival é ao mesmo tempo a possibilidade de afirmar positivamente a masculinidade da torcida a qual se engaja. (...) dentro dos estádios de futebol, o marcador social torcedor é o mais significativo na representação do sujeito, o que nem sempre ocorre da mesma forma fora dele. (BANDEIRA, 2008)

É certo que em outros ambientes os disparates preconceituosos são velados e/ou repreendidos por outros sujeitos, o que não acontece na maioria das vezes com o coro uníssono das arquibancadas, especialmente ao trazer o marcador da sexualidade. A homossexualidade é vista como uma transgressão para a hegemonia ali constituída e utilizá-la em tom pejorativo é uma artimanha para validar a própria identidade, como aquela que tem os requisitos válidos para imperar no espaço futebolístico.

Além disso, a evocação do sujeito homossexual enquanto partícipe no eixo futebolístico é relativamente atual (MOURA, 2019), muito embora tenham existido em outros momentos e em outros locais possibilidades de ascensão e de permanência desse grupo nos estádios²⁵. O principal movimento de participação não efetiva é, então, no apontamento da figura do gay para caçoar do adversário, ou seja, é através da perspectiva da zombaria que esses indivíduos efetivamente existem no esporte, visto que, de modo paradoxal, há o movimento de recusa à prática sexual desviante e, isocronamente, o de construção do outro a partir dessa conduta em prol da reafirmação da masculinidade de si:

Isso não significa que o grupo representável irá necessariamente pertencer ao espaço que demanda. Conforme dito acima, pode ser que uma representação sirva ao mesmo tempo de tráfico e clandestinidade. Uma espécie de (não) pertencimento, o qual se insere ou exclui, ou melhor, exclui inserindo, ao mesmo tempo em que insere excluindo. (MOURA, 2019, p. 53)

Ao evocar o sujeito homossexual para dentro dos estádios, a ideia não é dar espaço de pertencimento, segundo o autor, mas evocá-la para hierarquizar as masculinidades possíveis dentro daquele espaço. Nesse contexto, pretende-se, portanto, assumir a posição dominante, enquanto inferiorizando o local do adversário por meio de cânticos provocativos e/ou apresentando a eles e aos demais presentes a ideia de uma torcida que domina, enquanto a outra é dominada.

2.1 A virilidade e a LGBTfobia em jogo

No ano de 2019, o Club de Regatas Vasco da Gama²⁶ recebe o São Paulo Futebol Clube²⁷ no Estádio São Januário para mais uma rodada do campeonato brasileiro. O primeiro tempo terminou sem gols, apesar da pressão do Vasco que obteve maior número de finalizações, com chances claras de gols, mas que foram desperdiçadas pelos atletas do clube do Rio de Janeiro. A torcida incendiava o lendário estádio cruzmaltino, fazendo uma linda festa nas arquibancadas e intimidando o time paulista.

No segundo tempo, aos onze minutos, Talles Magno abre o placar para o Vasco da Gama e Felipe Bastos, no minuto 35, garante a vitória dos donos da casa. A atuação do clube carioca, entretanto, foi ofuscada por um ato histórico para o futebol brasileiro da série A. Em decorrência

²⁵ Refiro-me à experiência da Coligay e do enfrentamento do espaço do macho viril no curso da Ditadura Civil Militar brasileira.

²⁶ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Vasco.

²⁷ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como São Paulo.

de cânticos homofóbicos promovidos pela torcida do clube carioca, o árbitro da partida, Anderson Daronco, interrompeu a partida²⁸. Ele chamou o então técnico da equipe cruzmaltina, Vanderlei Luxemburgo, para sinalizar que a partida não seria reiniciada enquanto houvessem provocações de cunho homofóbico contra a torcida e o time adversário. O capitão da equipe e o quarto árbitro também foram informados sobre as motivações pelas quais Daronco julgou necessária a paralisação.

Aquela era a primeira rodada de uma fiscalização que atendia a uma circular da entidade máxima do futebol masculino profissional, a Fifa²⁹, a qual garantia que os times que praticassem atos de homofobia, sejam atletas ou torcedores, seriam passíveis de punição. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva³⁰ definiu que o comportamento poderia ser enquadrado no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

O artigo determina que:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais)³¹.

No primeiro parágrafo, fica registrado que a punição para quando o ato discriminatório é emitido por um número alto de sujeitos ligados a uma entidade esportiva, como é o caso das arquibancadas, o clube fica sujeito à perda de pontos equivalente a uma vitória (3 pontos) e em caso de reincidência, com a perda do dobro de pontos (6 pontos). Além disso, o artigo prevê a responsabilização dos indivíduos que forem identificados nas práticas, proibindo suas habitações nas praças esportivas “pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias³²”.

Na ocasião, o cântico em questão era uma repetição dos dizerem “time de viado”, como relatado pelo árbitro na súmula do jogo:

Relato que aos 17 minutos do segundo tempo houve um canto vindo da arquibancada da torcida do Vasco em que dizia: "time de viado". Aos 19

²⁸ Vasco x São Paulo: Súmula relata cantos homofóbicos e cartão para Castán após o fim do jogo. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 25 de ago. de 2019. Disponível em: < <https://ge.globo.com/futebol/noticia/vasco-x-sao-paulo-sumula-relata-cantos-homofobicos-e-cartao-para-castan-apos-o-fim-do-jogo.ghml> > Acesso em: 25 de mai. De 2023.

²⁹ Federação Internacional de Futebol ou Fédération Internationale de Football Association, sediada na Suíça, em Zurique.

³⁰ A partir desse momento me refiro à entidade pela sigla STJD.

³¹ Código Brasileiro de Justiça Desportiva, artigo 243-G.

³² Idem, p. 88.

minutos do segundo tempo, a partida foi paralisada para informar ao delegado do jogo e aos capitães de ambas as equipes a necessidade de não acontecer novamente e para informar no sistema de som do estádio o pedido para que os torcedores não gritassem mais palavras homofóbicas³³.

A falta de uma legislação que abordasse a problemática da homofobia no ambiente futebolístico de modo mais objetivo fez com que os agentes das arquibancadas brasileiras compreendessem o espaço como um local sacro para exibição de violências simbólicas (BORDIEU, 2007), tais como a recusa de pertencimento de sujeitos que escapam da norma hegemônica “do lado de cá”, garantindo uma hierarquia da construção da masculinidade própria (BANDEIRA, 2008) e dos seus, como sendo a mais autêntica no campo dessa disputa.

A legitimação da prática do torcer ou do jogar só ocorre com a demonstração da negação de transgressões sexuais. Por isso, a performance corporal precisa ser educada, trabalhada ao longo da vida e do tempo de habitação daqueles espaços, moldando-se de acordo com o que se espera do torcedor/atleta homem, para que assim, se conquiste a ideia de pertencimento de ser um dos “praticantes que possuem legitimidade de participação” (FARIA, 2009).

A recusa da aceitação de sujeitos transgressores no ambiente em que a masculinidade hegemônica é exaltada sem ressalvas, parte também do fator da demonização e subalternização de sexualidades que não correspondem ao eixo heteronormativo. Como expôs Louro (2022, p. 36) “cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade”. Diz:

Curiosamente, no entanto, as instituições e os indivíduos precisam desse “outro”. Precisam da identidade “subjugada” para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam. Assim, podemos compreender por que as identidades sexuais “alternativas”, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas (e necessárias): elas se constituem numa referência para a identidade heterossexual; diante delas e em contraposição a elas a identidade hegemônica se declara e se sustenta. (LOURO, 2022, p. 38)

Esse cenário afasta torcedores LGBTQIA+ do esporte e, em especial, das arquibancadas. O torcer se torna uma prática associada com a limitação do ser, haja vista que para frequentar os estádios acompanhando o clube do coração – prática essa bastante comum na vida de homens heterossexuais, especialmente no quesito da socialização -, muitos sujeitos

³³ BRAZ, Bruno; MARTINS, José Eduardo; PEREIRA, Felipe. Juiz relata homofobia e Vasco pode até perder pontos da vitória sobre SPFC. UOL, São Paulo, 25 de ago. de 2019. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/25/juiz-relata-homofobia-e-vasco-pode-ate-perder-pontos-de-triunfo-sobre-spfc.html> > Acesso em: 26 de mai. de 2023

que habitam a esfera de uma masculinidade subalternizada colocariam suas integridades físicas em risco e sofreriam com os ataques simbólicos constantemente normalizados.

Trata-se de uma articulação que para além de dominar o espaço de acordo com o *status quo* cisheteronormativo, também garante que os corpos subversivos sejam vistos como indesejáveis. É, portanto, um estabelecimento de hierarquias dentro da categoria das masculinidades, subjugando homens que escapam da norma através da representação de virilidade:

São violências plurais acontecendo ao mesmo tempo no termo do futebol. O poder precisa ser aparente, no sentido de aparecer para todos, seja no próprio grupo, seja na representação para o adversário e para o resto da sociedade. Mostrar-se inconstante é fazer com que o poder do grupo não seja percebido. As subjetividades nesse aspecto tomam um espaço central na forma espetacular, subdividida pelas hierarquias do poder, homologadas pelas normas estabelecidas pelo poder. (MOURA, 2019, p. 46)

Rick Afonso-Rocha (2019) versa a respeito do conceito de deimopolítica, ao que qualifica como “a generalização do medo enquanto estratégia de controle social e construção da legitimidade do Estado, especialmente das suas práticas austeras” (AFONSO-ROCHA, 2019, p.4), para conduzir a ideia de que existe uma narrativa que indis põe condutas praticadas fora das diretrizes das políticas da sexualidade. Através dessa atuação, engendra o imaginário das vidas e das práticas que devem ser temidas, evitadas e repugnadas.

O autor aborda o ponto de que é através do medo que “mutila-se a vida e legitima-se a morte” (AFONSO-ROCHA, 2021, p.140), considerando as narrativas construídas para justificar o subjugo dos corpos. No Brasil, o número de mortes da população LGBTQIA+ é considerado alarmante, visto o dado apresentado por matéria da *CNN Brasil* (MEIRELLES, 2022) que indicava que, a cada trinta e duas horas, uma pessoa LGBTQIA+ foi morta violentamente no ano de 2022³⁴.

Aos corpos dissidentes, a estigmatização é o que traz aos atos de hostilidade uma prática legítima. Aplica-se uma dinâmica de cerceamento das subjetividades de modo a apartar as sexualidades disparatadas e os gêneros que se afastam do binarismo das condutas normatizadas, apontando-os como modos de vida que não são válidos, recriminando-os em todos os aspectos e, claro, punindo suas existências e vivências através dos discursos religiosos, patológicos, do afastamento de vidas com qualidade e saúde mental, da privação de suas famílias e, por fim, conduzindo-os à repreensão do livre exercer de suas práticas afetivas/sexuais.

³⁴ MEIRELLES, Matheus. Uma pessoa LGBTI+ foi morta violentamente a cada 32 horas no Brasil em 2022. *CNN Brasil*, São Paulo, 11 de mai. 2023. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/uma-pessoa-lgbti-foi-morta-violentemente-a-cada-32-horas-no-brasil-em-2022/>> Acesso em: 14 de jun. de 2023.

No ambiente dos estádios, podemos evocar a compreensão da deimopolítica, ou seja, da assimilação de vidas que devem ser temidas, para associar ao corpo hegemônico das torcidas e a problemática da habitação de sujeitos que não pertencem. O embate físico é constantemente evocado nos cânticos desses agrupamentos e, sendo assim, a virilidade, a agilidade, a coragem e a potência são atributos essenciais para o fortalecimento dessas multidões. Sendo esses adjetivos vinculados ao macho de modo repetitivo, desmembrados da figura feminina ou dos homens não-adeptos da performance normatizada da cisheterossexualidade, a tendência é que não se compreenda esses agentes como parte homogênea do grupo.

A associação do corpo dissidente, que apresente uma masculinidade subalterna (KIMMEL, 1998)³⁵, que vacila no campo inconstante da performance hegemônica, é lida como o enfraquecimento desse grupo de sujeitos que possuem práticas específicas de compreensão de seu ser naquele ambiente – e que estão muito interligadas à identidade que adquirem enquanto se entendem como torcedores. Em muitos cânticos:

(o adversário) ...representado como inferior é associado à prática da felação e a posição de penetrado em uma prática de sexo anal. Essas práticas sexuais cantadas apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em “risco”. Práticas sexuais aparecem como mais perigosas que identidades sexuais na construção de uma masculinidade desejável nesse contexto. (BANDEIRA; SEFFNER, 2000, p. 253)

E ainda que:

Por meio de um processo discursivo, as torcidas procuram “desmasculinizar” seus adversários, simbolizando-os como “não-homens”. Isto gera uma dicotomia: por um lado os “homens de verdade”, os “machos”, e por outro, os “não-homens”, os “frouxos”, os “covardes”, os “fracos”, os “inimigos”, os “PUTOS”, os “BICHAS”, que são simbolizados como sujeitos opostos e inferiores. Dentro do contexto futebolístico, esse insulto com conteúdo de conotação sexual revela aspectos do complexo campo de significados relativos à masculinidade, compondo parte do discurso a que denomino de “sexismo desmasculinizador” (BAZINI, 2017, p. 7)

Apesar da atuação de torcedores que compactuam com discursos progressistas e rejeitam a ideia de que esse espaço é um espaço modulado para a representação masculina viril, a rejeição por uma mudança dentro dos padrões já estabelecidos do esporte é sinalizada por, entre outros motivos, recusarem-se a deixar os cânticos homofóbicos caírem em ostracismo em meio às vozes dos torcedores.

Às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais do ano de 2018, no dia 04 de outubro, um grupo de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras³⁶ entoou um cântico “alertando” aos torcedores rivais do São Paulo para o fato de que, se eleito, o então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, iria “matar viado”. Em imagens gravadas na Estação da Sé³⁷, o canto “ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar viado” reverberou.

Nas redes sociais, alguns torcedores palmeirenses repudiaram o ato de seus “irmãos de clube” após o vídeo se tornar um viral³⁸. Fato é que a perspectiva de muitos torcedores ao entoarem o cântico ofensivo e desumanizador com tamanha energia, era a de colocar o adversário numa posição de inferioridade e de risco às próprias vidas caso houvesse a possibilidade de haver uma política austera em relação à população subjugada pelos discursos dos eleitores bolsonaristas e, também, do próprio candidato da época³⁹.

O Palmeiras não recebeu punição, segundo as normas do STJD, pois o ato não aconteceu dentro dos estádios, o que dificultaria na aplicação de multa ou de reconhecimento dos sujeitos que praticaram a infração.

É importante salientar a articulação dos torcedores ao evocarem a representação de uma figura política como a de Jair Bolsonaro, conhecida por suas falas preconceituosas contra minorias, em especial contra a população LGBTQIA+⁴⁰. Ao enunciar o cântico, além de desmasculinizar a torcida rival através do termo “bicharada”, os torcedores naturalizam a violência contra os sujeitos subalternizados, dando ao Estado na figura do, até então candidato à presidente, legitimidade para seu extermínio.

Ao trazer em evidência a política de hostilidade de Jair Bolsonaro, os torcedores do Palmeiras tiveram, então, dois intuitos: primeiro o de subjugo do outro, hierarquizando as masculinidades existentes no duelo entre as torcidas; o segundo de apontar uma figura que, como eles, não toleraria desvios da norma. Ao desmasculinizar o grupo de torcedores através do imaginário de suas práticas sexuais, eles os desapropriam do direito de habitar aquele espaço.

³⁶ A partir de agora me refiro ao clube apenas como Palmeiras.

³⁷ Estação de metrô da cidade de São Paulo.

³⁸ DE MATOS, José Edgar. Vídeo mostra palmeirenses entoando grito homofóbico que cita Bolsonaro. UOL, São Paulo. 04 de out. de 2018. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/10/04/palmeirenses-viralizam-na-internet-com-grito-homofobico-que-cita-bolsonaro.html> > Acesso em: 15 de jul. de 2023

³⁹ Comissão da Câmara chegou a debater declarações de Bolsonaro em 2010, as quais o então deputado apontava que o caminho para pais inibirem a homossexualidade em seus filhos seria a agressão física. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/noticias/144388-comissao-vai-debater-declaracao-de-bolsonaro-sobre-punicao-a-filho-gay/> > Acesso em: 19 de set. de 2023

⁴⁰ Ler mais em: **TERRA**. Bolsonaro: “prefiro ter um filho morto em acidente a um filho homossexual”. 8 de jun. 2011. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcc0aRCRD.html> > Acesso em: 14 de jul. de 2023.

Moura diz que o esporte representa para a maioria dos homens “o principal lócus de ensino, de preservação, de reatualização e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade” (MOURA, 2005). A questão da preservação desse espaço como uma pauta urgente de torcedores que compõem a casta superior da hierarquia masculina nos estádios nos interessa, em especial, pois ela ultrapassa as quatro linhas.

Muito embora as práticas associadas à perpetuação do ideal de masculinidade hegemônica necessariamente comportem também a recusa da aceitação de sujeitos que possuem experiências diversas e tidas como disparatadas dentro do campo da sexualidade, a virilidade não necessariamente está atrelada a esse movimento. É certo que ao assistirmos uma modalidade de esporte que exija contato físico direto e uso do corpo como ferramenta que demonstre uma habilidade e uma superioridade física em relação ao adversário, a virilidade se apresenta como um atributo positivo, uma vez que demonstra para quem atua como espectador uma vontade maior, uma facilidade de atingir o objetivo principal da partida e, é claro, um maior potencial de vencer.

Uma imagem marcada na história que demonstra essa doação do corpo masculino diante de um embate numa partida de futebol é a imagem do jogador de futebol uruguaio Hugo de León, com sangue escorrendo pela sua testa, enquanto levanta a taça de campeão da Taça Libertadores da América em 1983, enquanto atuava pelo Grêmio.

Figura 1 – Ensanguentado, Hugo de León ergue taça de Campeão da América em 1983.



Fonte: SouGremio

Para Moura (2019), a ocasião é bastante representativa, justamente por elencar a imagem da testa machucada e o sangue escorrendo pela face do jogador como uma associação à entrega dentro de campo. Ao analisar as imagens nos dias de hoje, pode ser que essa construção

imagética passe pela dedução de que se tratou de um embate violento, mas que foi vencido justamente por existir uma consistência viril por parte do elenco gremista à época, no entanto, as circunstâncias não são nada além de interpretações, visto que existem relatos controversos acerca da partida e da real causa do sangramento (STEIN, 2013).

Não é só na perspectiva de performance de jogo que a virilidade é exaltada, pois é possível considerar também a fissura erótica pelo corpo do atleta, visto como um corpo que atinge um auge de performance física. Em pesquisa associada aos estudos do corpo, com enfoque no corpo do atleta masculino, Amaral, Bertolli Filho e Bozina (2018) em seu artigo intitulado *Do estádio para o estúdio: representação do corpo masculino e virilidade na capa da Revista Placar*, associam as representações dos corpos masculinos como objetos de códigos culturais e também de um planejamento baseado na noção da idealização desses corpos com o passar do tempo.

Os autores vão traçar um panorama de modo a elaborar uma inconsistência na execução das capas da revista Placar ao longo do tempo, onde anteriormente se via a imagem do jogador elevando o padrão da virilidade dentro do campo, atualmente essa imagem passa a ser dissociada do contexto de associação da dor, sem máculas, mas antes, trazem uma noção considerável acerca da prática do esporte ao longo da história:

Na antiguidade, cabia apenas aos cidadãos nascidos nas polis gregas do sexo masculino a prática de esportes, um signo da cidadania, masculinidade e supremacia frente aos demais indivíduos da sociedade. Assim como o conhecimento bélico, a música, a retórica, as práticas esportivas também faziam parte da formação intelectual e formal dos indivíduos do sexo masculino na antiga Grécia. Os exercícios físicos eram entendidos como uma forma de manter o corpo e a alma em equilíbrio justamente pela consagração do resultado estético, além de configurar a virilidade do homem e o afastamento de códigos considerados naquele período como pertencentes à condição feminina como a fraqueza e a covardia. Na Idade Média, o corpo masculino estava atrelado à capacidade de força e bravura em diálogo com a moral cristã vigente da época. Havia a necessidade de acreditar que os corpos seriam dádivas de Deus ao passo que esse mesmo corpo passasse pelas mesmas privações sofridas por Cristo enquanto entidade de carne e osso, ou seja, para homens e mulheres. A despeito disso, o corpo do homem manteria a supremacia em face ao corpo feminino pelas condições biológicas como a menstruação, por exemplo, que seria considerado um sintoma de corpo impuro à visão de Deus. (AMARAL; BERTOLLI FILHO; BOZINA, 2018, p. 62)

A mentalidade cristã acentuada na Idade Média faz alusão ao processo de sofrimento constantemente mencionado ao longo desse trabalho, que está entrelaçado ao ideal da masculinidade, como se o estado de aflição pudesse ser associado a uma mensurável quantia de virilidade a ser processada pelo corpo físico do homem. Certamente, a mística da penitência a

ser paga durante a vida tem ligação ainda hoje com a performance masculina, bem como a ideia da polis grega, onde a função do corpo servia também como consagração de resultado estético.

Considerando os jogadores de futebol, o resultado estético é associado a performance em campo, que não se desentrelaça da performance viril, uma vez que esses três elementos estão associados na visão dos torcedores e também na visão dos adversários em campo. Quanto maior o potencial estético, maior a probabilidade de ganhar uma dividida, de acelerar um contra-ataque e de, agilmente, desempenhar uma função que deixe o companheiro de elenco na frente do gol. Porém, a condição estética de nada serve se as funções desempenhadas pelo atleta não desembocarem numa prática que estabeleça códigos de virilidade e que atuem de modo a serem assertivas no decorrer do jogo.

Por estarem em evidência desde o primeiro minuto dos noventa em campo para a partida, os corpos dos jogadores são objetos de vigília constante por parte dos torcedores, dos companheiros de elenco e dos adversários. Desse modo, os autores do artigo citado acima refletem acerca das modificações culturais associadas à revista esportiva *Placar*, considerando o momento em que nos localizamos no tempo e na história. Eles alegam que “o suor, o esforço, as marcas de barro nos uniformes e o sofrimento pelas caretas estampadas nos rostos dos atletas” são códigos que fazem alusão ao esforço corpóreo que caíram em desuso nas capas da revista atualmente (AMARAL; BERTOLLI FILHO; BOZINA, 2018, p. 63).

Os autores apresentam ainda a hipótese de que a mudança na representação dos atletas na capa da revista se dá pelo distanciamento do campo, do suor e da sujeira dos uniformes, com os salários astronômicos recebidos pelos atletas atualmente. Ao versar a respeito do ex-jogador Daniel Alves, que no desenvolvimento dessa pesquisa foi julgado e preso pelo crime de estupro⁴¹, Amaral, Bertolli Filho e Bozina afirmam que essa mudança imagética “reforça a representação de poder e capital que circula o universo do esporte de jogadores com salários milionários” (2018, p. 67).

Ainda segundo os autores, o condenado pelo crime de estupro e ex-jogador de futebol, aparece trajando um smoking verde de veludo, segurando uma bola de futebol que foi desenvolvida especialmente para a Copa no Brasil, no ano de 2014. Em uma pose que demonstra imponência e elegância, Daniel Alves, está associando seu corpo na imagem a um corpo que deve causar deslumbramento e, também, que se afasta dos ossos do ofício de um

⁴¹ Ler mais em: G1. Daniel Alves foi condenado a 4 anos e 6 meses de prisão por crime de estupro; relembre julgamento do ex-jogador. **G1**, 20 mar, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/20/daniel-alves-foi-condenado-a-4-anos-e-6-meses-de-prisao-por-estupro-relembre-julgamento-do-ex-jogador.ghtml> Acesso em: 12 de out 2023.

jogador de futebol. Sem sujeiras ou suor, que são elementos característicos dos embates dentro do campo, mas com um componente imagético que atrele a uma questão que envolve o luxo, o dinheiro, o refinamento e a classe, o corpo desse ex-jogador é considerado como um corpo que se destaca dentro do esporte, embora pouco se relacione no quesito imagético com o futebol *per si*.

Figura 2 – Daniel Alves na capa da revista placar em 2013.



Fonte: Revista Placar

Importante salientar que diante dessa imposição imagética relacionada ao *glamour* e dinheiro, as perspectivas acerca da masculinidade viril, não só foram modificadas, como foram ampliadas. O conceito de pertencer a um auto padrão no sentido aquisitivo diante de um modo de produção que perpetua o valor da existência através da valia quantitativa financeira, também está atrelada a perspectiva da virilidade, aquela noção do homem provedor e, portanto, do homem que zela, que cuida e que consegue adquirir bens diante de um esforço corporal do trabalho.

Em 7 de abril de 1978, ocasião em que o técnico Cláudio Duarte assumiu o comando técnico do Internacional, ainda na revista *Placar*, o treinador sugeriu um tipo já mencionado e conhecido dentro do meio futebolístico ao relatar que não aceitaria “estrelinhas” ou “bonecas” em seu time (PLACAR, 1978). Com esses dizeres, Cláudio buscava associar o clube e o seu modo de trabalhar a um modo voltado para a perspectiva da guerra e do exercício máximo do corpo de seus comandados, tipo de discurso que costuma agradar os torcedores, uma vez que a

raça é um dos atributos admiráveis dentro das quatro linhas. Ao utilizar o conceito de “bonecas”, busca enfatizar que não serão toleradas fraquezas, associando o termo ao brinquedo de meninas, elucidando a feminilidade de modo pejorativo.

Esse tipo de discurso invade inclusive outros sujeitos que participam do jogo de futebol, como é exemplo o árbitro de futebol Armando Marques, que em entrevista para o mesmo veículo esportivo, sugeriu que para enfrentar as mazelas da profissão, o profissional deve ser macho. Em reportagem datada o dia 08 de dezembro de 1972, Armandinho, como era chamado, disse: “nós juízes não temos direito a fazer greve. Quem entra na carreira deve ser macho e entender que pode sofrer até mais do que puras agressões” (PLACAR, 1972, p. 2).

A ideia de que o corpo do homem deve sofrer as mazelas e ser percebido como um corpo passível de enrijecimento para demonstrar uma virilidade superior à de outros, por exemplo, também se encontra em uma das premissas de formações identitárias de um homem ao longo de sua existência. Ao apontar que os outros juízes devem entender que seus corpos estão sujeitos a coisas piores que a agressão, Armando justifica as ações violentas de outros homens, ao mesmo tempo que reafirma que a virilidade deve ser um fator decisivo para encarar a profissão de juiz.

Além da naturalização da violência, outra coisa importante que ocorre na perspectiva da virilidade é compreendê-la como um sinônimo de excelência. Em 1999, na edição de número 1.152, o técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão, motiva o time através do uso excessivo do termo “macho”, atribuindo aos seus comandados essa característica.

Figura 3 – Felipão motiva seus jogadores através do uso da palavra “macho”.

dorminhoco que não despertava confiança e o goleiro Marcos tinha pouca experiência no time titular. Hoje, são as figuras centrais da virada que transformou o alviverde na melhor equipe do Brasil e que, na disputa com o surpreendente Deportivo Cali, da Colômbia, está a um passo de conquistar a Libertadores, o título mais importante de sua história.

Na Primeira Fase da Libertadores, o Palmeiras ficou em segundo lugar em seu grupo, atrás do Corinthians, e iria enfrentar, nas Oitavas-de-Final, o Vasco de Felipe, Donizete e Mauro Galvão. Como decidia a vaga em casa, o Vasco era o favorito. (Em São Paulo, houve empate em 1 x 1.) “Foi a partir dos 4 x 2 contra o Vasco que nós ganhamos a confiança necessária para seguir em frente num torneio mata-mata”, explica o técnico Luiz Felipe Scolari.

Time macho

Na preleção antes da partida, Felipão repetiu a palavra “macho” várias vezes. “Ele disse que ninguém iria ficar intimidado com a pressão da torcida, que o Palmeiras deveria jogar um futebol de macho, de time grande de verdade”, conta o tetracampeão Zinho. O meia Alex, que tinha a fama de tremer em partidas decisivas, mereceu atenção especial do treinador. Teve longas conversas nos dias que antecederam o jogo. “O professor me pediu para evitar firulas e ficou lembrando, todos os dias, os grandes gols que eu já tinha feito pelo Palmeiras”, conta Alex.

Não por coincidência, Alex marcou dois gols e mostrou muita confiança dentro de campo. Tornou-se o principal articulador das jogadas ofensivas e o cérebro do meio-campo. Se os atacantes não aparecem, ele resolve. Fez dois golaços na vitória de 3 x 0 contra o River Plate e, no final da partida, foi cortejado até pelos adversários, que o cumprimentaram pela grande partida.

“Participei do time do Palmeiras bicam-

peira, mas não quero voltar a ser jogador de um grupo tão decidido e sem vaidades.” No início do ano, Zinho quase deixou o clube depois que Felipão disse que ele estava “gordinho” e fora de forma (Oseás, Cléber e Galeano também foram considerados “mandiocas” por estarem acima do peso e jogarem “plantados”). O Flamengo queria levar Zinho de volta no começo da temporada e a diretoria do Palmeiras não fez força nenhuma para mantê-lo. Apesar da boa proposta carioca, Zinho quis ficar, principalmente após uma conversa com Felipão. A pedido do técnico, ele passou a jogar mais recuado, protegendo os laterais. Quem viu o craque dar carrinho na defesa e parar contra-ataques sabe o quanto ele está sendo importante para o time.

A maior reviravolta na carreira foi dada pelo goleiro Marcos. Reserva de Velloso desde 1994, ganhou sua grande chance com a contusão do titular e entrou na segunda partida contra o Corinthians, ainda na Primeira Fase da Libertadores. Nervoso, não fez nenhum milagre (o Palmeiras perdeu por 2 x 1). As poucas, foi ganhando o ritmo de jogo que faltava. Marcos salvou o Palmeiras no mata-mata contra o Corinthians. No primeiro jogo das Quartas-de-Final, fez tantos milagres que virou São Marcos ou Mister M. Na partida decisiva, defendeu um pênalti na disputa de penalidades. Contra o River, novas defesas salvadoras – lá e cá.

Nem o supertime de Wanderley Luxemburgo, que foi bicampeão brasileiro, conseguiu ir tão longe. Se a equipe de 1994 tinha nomes como Edmundo, Edílson e Roberto Carlos, o elenco atual é mais completo. Catorze jogadores já vestiram a camisa da Seleção Brasileira e dois (Arce e Rivarola), da Seleção Paraguaia. Há um reserva de bom nível para cada posição – Euler, acostumado a esquentar o banco, foi o grande responsável pela virada sobre o Flamengo. Quase foi emprestado ao Atlético Mineiro, mas Felipão – sempre

 **A EQUIPE DE FELIPÃO É MAIS HARMONIOSA QUE O TIME BICAMPEÃO BRASILEIRO EM 1993 E 1994. ESSE GRUPO NÃO TEM VAIDADES** 

Fonte: Placar

Um time de machos, portanto, passa a ser um time competente e “despido de vaidades”, um time que demonstra garra e comprometimento, subvalorizando o termo e, praticamente, o colocando como um elemento de performance. A associação do termo “macho” com “futebol de time grande” noticiado pela revista *Placar* nas palavras do técnico - à época - do Palmeiras nos apresenta uma visão interessante de como os as categorias de performance de gênero e de eficácia em campo parecem ser interpeladas uma pela outra.

Em 1980, o atleta Batista também foi um dos que utilizou essa estratégia de associar a performance do gênero com a performance em campo para demonstrar grandeza em relação aos seus adversários. A reportagem cita outro atleta, o Rondinelli. Toda a estratégia imagética da página nos remete a um atleta que mantém seu nível profissional e que, ao mesmo tempo, pode ser considerado um sujeito aderente das associações ao seu gênero.

Figura 4 – Reportagem sobre o atleta Batista se autodenominando como “Baita macho”.

Leve sempre para o camping, caça ou pesca as facas esportivas da Tramontina. Material com direitos autorais.



“SOU UM BAITA MACHO”

BATISTA

Rondinelli deu o grito e na mesma hora uma voz de protesto se ergueu dos pampas: a de Batista, o guerreiro do Inter e da Seleção. Mas, no fundo, ele está com o beque do Flamengo: até 82, nossos craques terão que aprender a lutar.

“Eu acho que temos macho de sobra no futebol brasileiro. O problema é reciclar esse pessoal todo para o estilo de jogo moderno, a nova maneira de se posicionar dentro de campo. Todo o Brasil viu a Copa da Europa pela tevê. Lá não teve bola perdida, se um cara driblava alguém tinha que driblar de novo porque o adversário voltava. Isso é que falta botar na cabeça da turma, porque o futebol da Copa da Europa é

sa para mim é perder, e para não perder faço qualquer coisa.

“O segredo da minha força? Olha, há um certo momento do jogo em que a gente tem que brigar consigo mesmo. É quando, depois de muito esforço, parece que as pernas se foram, que não há fôlego para mais nada. É nessa hora que eu encontro uma reserva moral, uma reserva que todo mundo tem, mas muitos não usam, talvez por não sabe-

Fonte: Placar

É indiscutível que a elucidação do termo ocorre como uma tentativa de acentuar as características do jogador ao mesmo tempo que posicionar-se dentro da hierarquia social do gênero e, quando Batista começa a falar sobre força ao final da página, ele novamente faz uma alusão ao uso intensivo dela como uma forma de superar limites, a qual ele atrela a uma “reserva moral”, digna de um lugar atribuído à essa virilidade discutida e valorizada no esporte.

Certamente esse lugar materializado da virilidade também encontra espaço em diversos outros discursos reproduzidos dentro da sociedade. A valoração desse atributo encontra espaço também dentro das torcidas, uma vez que para além de apoiar o clube, esse corpo é um corpo que se encontra mentalmente e fisicamente conectado com o restante dos torcedores e as cores que defendem.

Como mencionado de modo mais detalhado no início desse subcapítulo, a lgbtfobia encontra base dentro da categoria de homens que exercem sua virilidade de modo mais constante e performático justamente por, na visão regular social, ter em frente traços muito mais

feminilizados, fragilizados e delicados do que exaustivamente habitar esse meio inconstante e que requer manutenção de forma a reafirmá-lo com muita frequência. O não-reconhecimento do atributo da virilidade em um corpo fisicamente e biologicamente associado ao masculino causa estranhamento, uma vez que existem instruções pedagógicas de como esse corpo deve se portar mediante o olhar da sociedade, e como suas expressões estão diretamente ligadas com o seu “sexo” (BUTLER, 2018).

Esse lugar de habitação do ser que pratica o elemento da virilidade como um imperativo em sua formação de identidade, em especial centrando na questão dos estádios, configura em uma análise de associação constante com a violência derivada das narrativas das brigas de torcidas, operando de modo a amedrontar o corpo civil com a possibilidade de violências e associação desses homens com atos violentos, bem como o que se pode ocorrer em uma inflamação gerada nas quatro linhas entre os atletas.

No entanto, esse imaginário imposto – e extremamente conectado com a masculinidade viril – transporta a imagem dos torcedores para um outro universo, àquele dotado da violência, indisponível para os traços de delicadeza, muito embora esteja sempre associado à paixão, e que sugere uma pré-disposição para a briga/confronto, aderindo nesse sentido o objetivo final do esporte pelo qual se pratica o ato de torcer. Desse modo, a partir do próximo subcapítulo, adentrarei um pouco mais nas características da masculinidade dotada de virilidade enquanto categoria que agencia o aspecto político, considerando, em especial, a relação entre esses termos e o futebol.

2.2 Futebol, política e masculinidade

No ano de 2022, após a derrota nas urnas do ex-presidente Jair Bolsonaro para o presidente Luis Inácio Lula da Silva, diversas rodovias do país foram tomadas por protestos golpistas por parte dos apoiadores de Bolsonaro. Centenas de caminhões foram estacionados nas estradas principais de muitas cidades, de modo a bloquear as passagens e causando transtorno para civis, trabalhadores e comerciantes.

Neste cenário, uma inusitada presença dispersou um grupo que protestava de modo ilegal na rodovia Fernão Dias (BR-381), que liga Belo Horizonte a São Paulo, no dia 31 de novembro de 2022. O Clube Atlético Mineiro⁴² jogaria na capital paulista na terça-feira (dia

⁴² A partir de agora me refiro ao clube apenas como Atlético Mineiro.

primeiro de dezembro) contra o São Paulo pela trigésima quinta rodada do Campeonato Brasileiro, ocasionando no deslocamento de torcedores organizados rumo ao Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

A chamada Galoucura⁴³, através de seu presidente, Josimar Júnior ou Josias, como é conhecido, divulgou vídeos dos torcedores apagando fogos dos pneus queimados pelos bolsonaristas e liberando vias. Em vídeo, Josias diz estar à disposição para “furar bloqueios”: “Se precisar da tropa do fura bloqueio, chama a Galoucura. Todos os bloqueios que tiver, nós vamos tirar. É a tropa do fura bloqueio. É a Galoucura.”⁴⁴

Parte importante dessa declaração é que um outro integrante da torcida organizada ainda complementa com a frase “ninguém impede de ver o Galo⁴⁵, não. Vamos apagar tudo. Pode passar todo mundo, ‘tamo’ junto⁴⁶.”

A vontade de poder exercer a sua função como torcedor em outro território, fez com que esse grupo se utilizasse da força física e da má fama atribuída aos torcedores organizados⁴⁷, tidos por parte da sociedade como sujeitos hostis e violentos, para burlar os protestos antidemocráticos que estiveram no caminho do percurso até o estado de São Paulo. Os manifestantes que haviam estacionado seus veículos de modo a impedir a passagem de outros viajantes se viram obrigados a retirá-los.

Vale salientar também que nessa ocasião a Polícia Rodoviária Federal se ausentou de operações de desmonte das obstruções realizadas pelos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, permitindo que durassem por semanas em diversos pontos do país. No entanto, o episódio com a Galoucura não foi o único momento em que esse empecilho e outras torcidas organizadas travaram embates. A Gaviões da Fiel, torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista⁴⁸ também teve problemas com bolsonaristas nas estradas e tiveram sucesso na liberação das vias para que pudessem assistir ao time, bem como a Império Alviverde, do Coritiba Foot Ball Club⁴⁹.

⁴³ Torcida organizada do Atlético Mineiro fundada no ano de 1984.

⁴⁴ MARTINS, Victor. Torcida do Atlético-MG cria ‘a tropa do fura bloqueio’ para ver jogo em SP. **UOL**, Belo Horizonte, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/01/torcida-do-atletico-mg-cria-a-tropa-do-fura-bloqueio-para-ver-jogo-em-sp.html>. Acesso em: 18 jan 2024.

⁴⁵ Mascote do clube, o Galo é uma alusão ao time de futebol de Minas Gerais.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Isso devido à questão da violência urbana associada aos grupos de torcedores organizados de modo muitas vezes indevido ou generalizado. Ler mais em: PALHARES, Marcelo; SCHWARTZ, Gisele. Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 129 p.

⁴⁸ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Corinthians.

⁴⁹ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Coritiba.

Optei por elencar esse acontecimento com a Galoucura de modo mais detalhado pela postura do presidente da torcida organizada diante das medidas inconstitucionais dos apoiadores de Jair Bolsonaro. Após desobstruírem as vias para chegarem em São Paulo a tempo para o jogo do Campeonato Brasileiro, Josias ainda realizou uma transmissão ao vivo na plataforma *Instagram* com recado para o presidente Luís Inácio Lula da Silva (ESTILLAC, 2023), colocando-se à disposição para liberação de mais estradas, caso fosse necessário. Em vídeo, disse:

Aí, meu presidente, não é jogo do Galo não, mas se você 'ligar nós' aí, a tropa já vai avançar. A direção é uma só: Brasília. Vamos ver se é tudo isso mesmo. Democracia, caralho. Fica esperto, cambada de otário. Liga, liga, meu presidente, que a tropa vai ser convocada. É a tropa do fura-bloqueio. Não é jogo do Galo não, mas pela democracia do nosso país, a tropa avança.

Nesse evento específico, o futebol e a política se entrelaçaram por razões circunstanciais. O desejo de vivenciar mais uma partida do clube fez com que torcedores se unissem no combate ao empecilho em comum com o de milhares de brasileiros na ocasião. Para além desse aspecto, houve ainda um momento em que a já tão mencionada virilidade – abordada de modo crítico em grande parte do texto – foi traço essencial no desmantelamento dos atos inconstitucionais.

A má fama atribuída aos torcedores organizados – tidos como violentos em grande parte de seus atos, especialmente para pessoas que não se relacionam com o ato de torcer -, associada à masculinidade viril e, de certa forma, agressiva, fez com que o recuo acontecesse por parte dos sujeitos atores da paralisação antidemocrática. Percebe-se que nessa ocasião, portanto, a ideia subjetiva de torcedores organizados serviu para que o objetivo final, o jogo e a prática do torcer, se concretizassem.

Evidente que esse episódio não é o único em que podemos perceber o futebol e a política sendo elementos de enfoque. Um motor cultural tão importante quanto esse esporte jogado com os pés, que atrai multidões de torcedores apaixonados, certamente tem contribuições para o corpo social que vão além dos dribles e dos gols. Torcidas que representam ideais de mundo, que lutam de modo incessante por suas próprias questões enquanto torcedores, mas que também compreendem a ideia da multidão e a utilizam de modo consciente para alterar a realidade política.

De modo autêntico e partindo de um princípio de atuação diferente, torcedores se mobilizam por causas que os atingem em diferentes graus de análise. Desde a precificação de ingressos, até políticas nacionais que precarizam suas vivências nas arquibancadas ou que não

coincidem com a lógica comunitária de uma torcida, os seus papéis enquanto agentes políticos são facilmente percebidos. Trata-se da constituição de uma política informal (BRAGA; NASCIMENTO, 2022) que “por suas interações com outros campos sociais”, acaba institucionalizando-a.

Não à toa, o esporte e seus torcedores passaram a ser vistos com outros olhos pelas Ciências Humanas e Sociais. Dizia Nelson Rodrigues que “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola” e definitivamente episódios de mobilização como o citado acima, além de diversos outros movimentos promovidos por torcedores sugerem que a atenção de pesquisadores deve se voltar para essa multidão intencional para entender alguns fenômenos sociais, tais quais a masculinidade hegemônica e/ou a violência no futebol.

Os levantes contra diretorias de clubes, por exemplo, são explorados com muita intensidade pelos torcedores. Basta um sinal de descomprometimento com o time, patrimônio do povo e de sua torcida, e torcedores mais engajados buscam respostas para tal na forma de protestos, muitas vezes na frente da sede de seus clubes ou mesmo nos estádios. Considerando essas movimentações dentro do futebol, pode-se dizer que o envolvimento dos torcedores com a política é bastante intenso.

A política nacional, em conjunto com a ideia de uma política micro – a que funciona dentro dos clubes em si e que pode operar de modo a melhorar a condição do torcedor ou precarizar ainda mais a sua ida aos estádios – é um fator que influencia de maneira absoluta os acessos de torcedores, uma vez que se considerarmos a premissa de uma política nacional neoliberal, que visa lucro e eleva o classicismo, isso se torna um problema evidente para os torcedores que detém menor poder aquisitivo, ocasionando em protestos, esvaziamentos involuntários de estádios e, conseqüentemente, em um menor montante de lucro via ingressos para o clube de futebol.

À exemplo, mas certamente não operando como um aspecto situacional único, a escala de trabalho 6x1⁵⁰ dificulta a possibilidade de exercer a prática do torcer, uma vez que essa está associada ao lazer e com o divertimento. O engajamento numa torcida só pode se dar em um cenário onde existe uma jornada adequada de trabalho, ponto que certamente poderia mobilizar

⁵⁰ Escala de trabalho já contestada através de protestos de trabalhadores que a executam, consistindo nos dias de trabalho sendo seis e um dia de folga, dentro dos sete dias da semana. Essa escala de trabalho é problematizada devido ao pouco tempo livre do trabalhador. Ler mais em: JUSBRASIL. Escala 6x1: uma jornada de trabalho que prejudica a saúde e a felicidade dos trabalhadores. Jusbrasil, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/escala-6x1-uma-jornada-de-trabalho-que-prejudica-a-saude-e-a-felicidade-dos-trabalhadores/2042612721>. Acesso em: 04 set. 2023.

torcedores que exercem essa escala a promover políticas que institucionalizem o fim desse tipo de produção econômica.

Ao dificultar o acesso à cultura e lazer, movimentos sociais que visam melhorias nas condições trabalhistas podem buscar reverter o cenário. Ao atrelar esse fato à privação da possibilidade de se vincular com maior assiduidade ao âmbito da torcida e ao acesso ao clube, podemos citar essa condição como um fator político que pode desencadear uma luta pelo direito ao lazer e descanso.

Pontuo esse recente movimento de maneira a buscar exemplificar como um processo associado ao fator econômico pode tornar-se um problema para a classe torcedora, na medida em que existe a privação do suporte ao clube. Percebe-se que a privação do acesso é um elemento determinante para a mobilização de torcedores, uma vez que o subcapítulo se iniciou com as paralisações inconstitucionais nas rodovias, que foram derrubadas por torcedores e pelo ímpeto de apoiarem os seus clubes.

Nesse caso, para além da questão econômica que estava associada ao movimento de paralisação – que visava reafirmar a posição favorável ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro – existia também a inconstitucionalidade de privar o direito de ir e vir dos civis, ao passo que quando os bloqueios foram desmontados, os torcedores organizados foram vistos com bons olhos por uma parcela do corpo social brasileiro, uma vez que os bloqueios precarizavam as idas ao trabalho, lazer e afins.

O exercício da masculinidade dentro de parâmetros motivados pelos protestos são considerados essenciais, uma vez que é somente através da materialização da força, seja ela constituída pela imagem de uma multidão⁵¹ ou de uma noção mais abrangente de força física (MARANHÃO, 2024), que a poder dominante é pressionado pela premissa do medo e da possibilidade de consideração de uma revolta popular.

Sendo a torcida um corpo ativo, reagente e constituído por uma pluralidade extensa de subjetividades, onde nela se incluem diferentes modos de pensar política, diferentes modos de vida e, certamente, experiências do torcer diversificadas, o traço que a une enquanto massa social é a potência do torcer e a possibilidade de alterar resultados sendo um corpo a mais em campo por seu clube – e isso só se dá ao pulsarem numa só voz dentro dos estádios de futebol.

⁵¹ Ler mais em: RUDÉ, Georges. **A Multidão na História: Estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848**. Rio de Janeiro. Editora Campus. Tradução Waltensir Dutra, 1991.

2.3 A machocracia nos gramados

A utilização do termo “masculinidade hegemônica”, embora remeta à ideia que busco salientar ao longo dessa pesquisa, ainda escapa da real intenção de averiguação do corpo social composto por torcedores tradicionais e que se ancoram em todo o seu “poder de macho” para deter o espaço do futebol para si, recusando outras possibilidades de incrementação ao ato de torcer por uma instituição. Por isso, considero o termo “machocracia” mais apropriado para o que proponho. Entende-se que:

A machocracia é uma performatividade do poder baseada em uma espécie antropológica de homem que representa o macho, um sujeito que acredita no exercício de poder por meio da força de subjugação masculinista, inclusive, com ênfase na forma autoritária da política. A relação poder e autoridade estrutura a sua subjetividade. (GOMES, 2019, p. 156)

É possível notar que esses homens possuem certa apreensão de que seu modo de vida esteja caindo em desuso diante do avanço das pautas progressistas e da luta política dos indivíduos marginalizados e oprimidos pela mesma estrutura hostil que os beneficia. Como aponta Gomes: “as referidas práticas discursivas consistem na tentativa de silenciar outras experiências corporais, afetivas e sexuais em nome da hegemônica patriarcal, eurocêntrica e cisgênera que esses discursos e práticas se constituem” (GOMES, 2019, p. 156). A linguagem política principal passa a ser a intolerância como forma de blindar a hierarquia social na qual esses sujeitos são atores dominantes.

Nos gramados, essa é uma temática que perpassa gerações. Durante o levantamento documental elaborado utilizando como fonte a revista *Placar*⁵² e outros veículos midiáticos jornalísticos, é possível perceber como os discursos provocadores e avessos em relação à homossexualidade na sessão de comentários de torcedores, intitulada Camisa 12⁵³, produz a esfera de ódio no entorno de práticas sexuais disparatadas.

Na edição de número 1.132, do mês de outubro de 1997, há a menção de uma página gay criada pela torcida do Cruzeiro Esporte Clube⁵⁴ com a finalidade de depreciar a torcida rival, a do Clube Atlético Mineiro⁵⁵, que revidou a provocação. Na revista, os dizeres “Capitão gay: Futebol é esporte para macho? Os cruzeirenses bolaram uma página gay para os atleticanos

⁵² Revista brasileira de esportes lançada em 1970 pela editora Abril.

⁵³ O futebol é um esporte praticado com onze jogadores de cada lado. O nome da coluna faz referência ao torcedor, considerado o jogador extra do clube.

⁵⁴ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Cruzeiro.

⁵⁵ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Atlético Mineiro.

e a galera do Galo⁵⁶ revidou. É sacanagem pura. As páginas divertem ainda com os fracassos em campo dos adversários” (PLACAR, 1997, p. 116).

Ali, é perceptível como um aspecto inerente ao futebol, o da zombaria do adversário e de suas performances dos times em campo, perdem o valor primário e se encontram em fator secundário, uma vez que a temática central da página é atribuir valores de julgamento à uma sexualidade dissidente, como forma de humor, colocando os adversários em uma posição de desmasculinização ao propagarem a ideia da página.

Além disso, o comentário está localizado no canto esquerdo da página, já ao centro, uma manchete sobre a ocasião em que a Revista *Playboy* estaria disponível para a internet, junto com uma imagem de uma mulher loura e nua em uma cama. A estética da fetichização do corpo feminino enquanto há, ao mesmo tempo, a construção de uma retórica que ridiculariza indivíduos homossexuais e os coloca como antagônicos na articulação de uma masculinidade válida faz parte da compreensão de si dos homens que performam a heteronormatividade.

Figura 5 – Recorte de sessão da revista Placar em 1977



⁵⁶ Mascote do Clube Atlético Mineiro e um modo de se referir ao clube.

A percepção da mulher como um ser inferior – e que, portanto, está em condições apenas servis, seja sob o aspecto do desejo sexual, seja para suavizar situações do cotidiano, vide os comentários nos estádios sobre o “embelezamento” que a mulher traz ao local, despindo-a de agência e de gostos próprios – acrescido com a ridicularização de corpos LGBTQIA+, compõem um combo de homossociabilidade masculina muito particular. A partir desse trecho retirado da *Placar*, uma revista de esporte voltada principalmente para o público masculino, essa afirmação fica evidente.

Porém, não só nesse contexto é possível averiguar como a figura da mulher é vista dentro do universo futebolístico. No ano de 2014, o portal de notícias esportivas *ESPN* noticiou uma fala do então dirigente do Cruzeiro, Alexandre Mattos, que, após erro no clássico mineiro, disparou falas de teor machista contra a auxiliar de arbitragem, Fernanda Colombo, dando a entender que o seu lugar não era dentro do futebol. O que deveria ser apenas uma crítica à performance de arbitragem de Colombo, se transformou no exemplo claro de como os homens costumam enxergar mulheres em posições fundamentais dentro do futebol:

Aí, a gente pega essa bandeira, bonitinha, que estava ali no canto. Os caras gritam no ouvido dela e como ela não tem preparo, levanta a bandeira, porque fica apavorada. Isso porque ela tinha errado na rodada passada. O São Paulo fez as reclamações e ela ganha de presente isso [o clássico]. Provavelmente ela vai ganhar um clássico de presente na próxima rodada do Brasileiro. Estão tentando promover ela porque ela é bonitinha e não é por aí. Ela tem que ser boa de serviço, profissional e competente. O erro dela foi muito, muito, muito anormal, coisa de quem está começando uma carreira. Se é bonitinha, que vá posar para a *Playboy*, não trabalhar com futebol (ESPN, 2014).

A fala machocrata do dirigente ao tratar de problemas em campo com a auxiliar de arbitragem demonstra uma condição de naturalidade no desdém à mulher e suas exhibições profissionais dentro do esporte. Além de sugerir que a profissional fosse “posar para a *Playboy*”, revista masculina associada ao exemplo anterior, o dirigente faz questão de elogiá-la por sua aparência, assumindo que a sua presença naquele jogo de clássico mineiro fosse meramente por sua beleza. É, portanto, interessante considerar como toda tratativa para sujeitos que não são do sexo masculino, é desassociá-los do ambiente futebolístico como forma punitiva, e dito com certa naturalidade.

Já na edição do dia 18 de julho de 1980, número 533, o atleta Antônio José Rondinelli Tobias⁵⁷ do Clube de Regatas do Flamengo⁵⁸ cede um depoimento exclusivo à revista. Em letras

⁵⁷ Conhecido apenas por Rondinelli.

⁵⁸ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Flamengo.

garrafais, os dizeres “*falta macho no futebol brasileiro*” introduzem o tópico da matéria a ser conduzida com o atleta, além da perspectiva desse comentário ser tida como uma “denúncia” de Rondinelli aos demais colegas de profissão. Ali, o Deus da Raça – como era chamado – opina que “os craques precisam dar exemplo de empenho” (PLACAR, 1980, p. 22) em solo nacional, articulando de modo que se compreenda a relação entre a falta de empenho com a falta de virilidade necessária para atingir níveis altos de performance no esporte. Diz:

(...) são eles que têm de colocar a perna na dividida, cuspir no adversário, xingar, dar alma nova à torcida. Cito um exemplo que para mim é marcante. Quem me contou foi o Rivelino: em 70, Tostão saía do campo direto para continuar o tratamento do olho esquerdo, aquele mesmo que sofreu descolamento de retina. Tinha o olho que era uma pasta de sangue, mas sua coragem, seu empenho, sua força interior o levaram a superar tudo. (PLACAR, 1980, p. 22)

A agressividade e o sacrifício são a todo momento acionados no ponto da demonstração de uma excelente e exaltada performance em campo. De fato, Rondinelli tem razão quando diz que atos como “colocar a perna na dividida, cuspir no adversário e xingar” dão nova alma à torcida. É a partir da inflamação do jogo dentro de campo que o torcedor repõe o fôlego para empurrar o time em direção à boa atuação. Essa dinâmica do futebol, em si, já é uma relação de dependência culminada na lógica da competitividade que exalta a noção machocrata.

O orgulho de exaltar as hostilidades no esporte colocam em evidência a naturalização do lugar de “macho”, onde os corpos de maior fragilidade ou que evoquem minimamente o feminino - ou as características atreladas à feminilidade – são rechaçadas, na maioria dos casos com violências, principalmente as simbólicas e àquelas consideradas como passíveis de condenação ao deslugar dos sujeitos no âmbito do futebol.

Figura 6 – Manchete de Rondinelli na revista Placar no ano de 1980



Fonte: Acervo Placar Digital

Em 6 de maio de 1977, na edição de número 367, o treinador Orlando Fantoni que no Brasil trabalhou em clubes como o Grêmio, o Cruzeiro, o Vasco, o Esporte Clube Bahia⁵⁹ e também o Clube Náutico Capibaribe⁶⁰, concedeu uma entrevista na qual abordava, dentre outras temáticas, o “problema que muitos se recusam a enfrentar” (PLACAR, 1977, p. 32) que é a homossexualidade⁶¹ no esporte. No decorrer de suas falas, o técnico dispara contra divisões anteriores onde, segundo ele, se encontram as séries em que mais se inserem as práticas homoafetivas.

A compreensão de que as sexualidades disparatadas seriam um problema no âmbito esportivo e que, como consequência, afetariam as performances dos atletas alavanca a ideia do não-pertencimento. O ex-atleta e campeão mundial pelo São Paulo, Richarlyson⁶², teve uma carreira sólida no que tangem suas atuações em campo, suas conquistas de títulos e prêmios

⁵⁹ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Bahia.

⁶⁰ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Náutico.

⁶¹ O termo utilizado por Fantoni na época foi homossexualismo. Muito embora tenha raízes etimológicas iguais, as palavras homossexualidade e homossexualismo possuem diferentes significados, sendo a segunda uma forma de atribuir uma patologia ao sujeito homossexual. Ver mais em: PRETES, Erika Aparecida. História da Criminalização da Homossexualidade no Brasil. In: Túlio Viana (Org.) Sexo, crime e direito ao próprio corpo. 1 ed, 2020, p. 350 – 400.

⁶² Richarlyson Barbosa Felisbino atuou por clubes como o São Paulo, Atlético Mineiro, Vitória e Chapecoense. Foi campeão mundial em 2005, campeão brasileiro em 2006, 2007 e 2008 com o São Paulo. Campeão da Copa Libertadores da América em 2013 com o Atlético Mineiro. Foi premiado como Bola de Prata no ano de 2007 e esteve na Seleção do Campeonato Brasileiro no mesmo ano.

individuais e, em contrapartida, muita turbulência no extracampo. Isso porque no ano de 2007, o então diretor administrativo do Palmeiras, José Cyrillo Júnior, fez insinuações em rede aberta de canal televisivo que Richarlyson seria gay.

O jogador optou por dar abertura em um processo de queixa crime contra o dirigente após essas alegações, no entanto, o juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, da nona Vara Criminal de São Paulo, arquivou o processo e enfatizou que “futebol é jogo viril, varonil e não homossexual”:

O juiz sugeriu o que o jogador poderia fazer. Se não fosse homossexual, o melhor seria ir ao mesmo programa de televisão dizer que era heterossexual. “Se fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omiti-lo, ou silenciar a respeito. Nessa hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados.”⁶³

Manoel Maximiano ainda alegou que “o que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicaria a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio e o ideal⁶⁴”. Um ano e quatro meses após o episódio, o juiz foi punido pelo Tribunal de Justiça por usar “linguagem imprópria” nesse mesmo caso, ficando suspenso por um ano de quaisquer possíveis promoções por merecimento⁶⁵. A indenização de Richarlyson se ateve ao pagamento de dez cestas básicas por parte do dirigente do clube alviverde.

Após esse episódio, Richarlyson passou a ter inúmeros problemas com torcedores, inclusive com o menosprezo da torcida são paulina, mesmo tendo conquistado um título mundial e três campeonatos brasileiros com o clube. Em que pese o fato de ser multicampeão, seu nome passa a integrar a chamada Calçada da Fama – ou Caminho dos ídolos – somente a partir de 2021, na gestão do presidente Júlio Casares, ao que o colunista do portal *UOL*, Rodolfo Rodrigues, chamou de “reparação de um erro bizarro⁶⁶”.

Além do menosprezo da torcida do São Paulo, a torcida organizada do Palmeiras, Mancha Verde, protagonizou um protesto quando rumores de que Richarlyson seria um novo reforço alviverde surgiram. Uma das faixas que garantiu a repercussão da mobilização continha os dizeres “A homofobia veste verde” (VEJA, 2012). Essa cobrança foi endereçada ao então

⁶³ Ler mais em: VEJA. Em faixa censurada, Mancha avisa: ‘A Homofobia veste verde’. **Veja**, 4 jan. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/em-faixa-censurada-mancha-avisa-a-homofobia-veste-verde>. Acesso em: 14 nov. 2023

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Juiz do ‘Caso Richarlyson’ é punido. **Globo Esporte**, 15 de dez. de 2008. Disponível em: < <https://ge.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL923685-9825,00.html> > Acesso em: 11 de nov. de 2023

⁶⁶ RODRIGUES, Rodolfo. Richarlyson na calçada da fama é reparação de um erro bizarro. **UOL**, 01 de abr. de 2021. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/rodolfo-rodrigues/2021/04/01/richarlyson-na-calçada-da-fama-do-sao-paulo-e-reparacao-de-um-erro-bizarro.htm> > Acesso em: 15 de nov. de 2023

presidente Arnaldo Tirone, que, durante jantar com sócios pertencentes à torcida organizada, conselheiros e membros da diretoria garantiu que a contratação não estava nos planos.

No ano de 2022, Richarlyson concedeu uma entrevista ao podcast *Nos Armários dos Vestiários* expondo publicamente pela primeira vez questões acerca de sua sexualidade:

Pelo tanto de pessoas que falam que é importante meu posicionamento, hoje eu resolvi falar: sou bissexual. Se era isso que faltava, ok. Pronto. Agora eu quero ver se realmente vai melhorar. Porque é esse o meu questionamento. Eu não queria ser pautado por causa da minha sexualidade, de eu ser bissexual, eu queria que as pessoas me vissem como espelho por tudo aquilo que eu conquistei dentro do meu trabalho. Eu nunca coloquei a minha sexualidade na frente do meu trabalho, e nunca faria isso. E eu não estou falando isso agora porque eu parei de jogar, muita gente maldosa vai falar isso, que eu falei agora porque não jogo mais. Não. Eu nunca falei porque não era a minha prioridade, como não era hoje, mas hoje eu me senti à vontade de falar. Eu queria que não existisse essa pauta, estamos aqui falando de uma coisa que poderia não existir. Eu queria estar falando aqui da minha nova carreira. Mas é importante. Vamos poder alertar um ali, outro aqui⁶⁷.

A turbulência vivida pelo atleta Richarlyson nos direciona para a problemática da habitação de sujeitos em condição de subjugo por escape da norma machocrata imperativa dentro do esporte, quando com um rumor, a sua presença, independente das atuações profissionais, se torna indesejável para o corpo de dirigentes e para os torcedores, que passam a ser hostis e/ou ignorá-lo enquanto profissional por sua “conduta desviante”.

É dentro dessa ótica que opera a deimopolítica em relação à população LGBTQIA+ bem como o proceder agressivo e hostil de homens cisheterossexuais, que busca espelhar nos demais atores da prática esportiva a violenta postura de segregar torcedores e atletas que não apresentam as representações do torcedor-jogador ideal, inibindo um fator de identidade que é perpetuado pela grande maioria do extenso corpo do ambiente futebolístico.

⁶⁷ “Nos armários dos vestiários” estreia investigação jornalística sobre homofobia no futebol. **Tela Viva**, 24 de jun. de 2022. Disponível em: <https://telaviva.com.br/24/06/2022/nos-armarios-dos-vestiarios-estreia-investigacao-jornalistica-sobre-homofobia-no-futebol/> Acesso em: 15 de nov. de 2023.

Figura 7 – Sessão aberta aos torcedores falando sobre a Coligay em 1977.



COLIGAY (I)

Desgraça! Trágédia! Camaridade pública! Depois de nós, colorados, tanto gozarmos a Coligay, parece que vão fundir mesmo a Inter-Flowers. Isto é um crime! Registro aqui o meu veemente protesto. Rogério Bacon, Porto Alegre, RS.

COLIGAY (II)

Agora, a torcida do Corinthians não pode ostentar, sozinha, o título de fiel. O Grêmio também tem a sua fiel torcida: a Coligay. Florisvaldo do Carmo, Itui, RS.

VIOLÊNCIA

Simplesmente plausível a atitude dos policiais mineiros e paulistas por ocasião dos clássicos Atlético x Cruzeiro e Santos x Corinthians, que retiraram educada e pacificamente torcedores que foram despejar suas lágrimas próximo a seus ídolos. Em contrapartida, assistimos, enojados, a esdrúxulas e revoltantes atuações de policiais aqui do Paraná que, ao verem um torcedor do Colorado entrar em campo, apressaram-se de seus cocotes e covardemente espancaram o pobre homem. Espancaram uma célula que fomenta e tolera, ainda que desprezadamente, o carcomido futebol paranaense. Meus repúdios à polícia paranaense. Hermes Parcinello, Cascavel, PR.

N.R. – *Repúdios extensíveis às lamentáveis cenas de Jêú, no jogo XV x Corinthians: invasões, prisões e espancamentos em pleno campo de futebol. É repúdio ao exagero policial.*

ZICO

O Zico quer ganhar 200 mil por mês? O que adianta se pagar tanto por um jogador que faz corpo mole durante 90 minutos por jogo? Osmar Vieira da Costa, Belém, PA.

ATLÉTICO MINEIRO

Diante desses banhos de bola que o Gato está dando em várias equipes, em especial numa de azul cheia de estrelas, já acostumada a esses passeios, só resta mesmo uma definição: é covardia. Eduardo Ameral, Barbacena, MG.

SELEÇÃO (I)

Os cronistas esportivos de São Paulo reclamaram a não convocação de Valdir Peres, Vladimir, Chicão, Altton Lira, Zenon, Palhinha, Jairo, Sócrates, Zé Sérgio e Erótis. Esqueceram, porém, que o técnico não é o Brandão, nem um paulista. E muito menos um treinador com idéias poluídas, tal qual os paulistas. Alberto Roberto, Itaporã, MT.

SELEÇÃO (II)

Se o Coutinho só convocou o Rondineli para a Seleção porque ele é alto, então

como entender as ausências de Jairo e Alcino na zaga brasileira? Mário Sérgio Venditti, São Caetano do Sul, SP.

SELEÇÃO (III)

Estranhei, mas estranhei mesmo a não convocação do goleiro Toinho do São Paulo para a Seleção Brasileira. Ou melhor: para a Seleção Carloca do medíocre Coutinho. Jandierques Marinho de Melo, Florianópolis, PI.

SANTA CATARINA

Por que o Placar não fala dos clubes catarinenses? Quando muito, só saem reportagens sobre Avaí, Figueirense e Joinville. Vamos falar do futebol catarinense, principalmente o do interior. Valmir Bossardi, Lages, SC.

CAMP. BRASILEIRO (I)

A luta para ver quem vai representar a Paraíba no Brasileiro de 1977 está

dura, entre Treze, Campinense, Botafogo e Auto. Até a Desportiva Borborema está no pé. Luciano S. Pereira, Campina Grande, PB.

CAMP. BRASILEIRO (II)

Aqui vai uma idéia para a CBD aplicar no Campeonato Brasileiro: por que não se divide o torneio em três zonas? A zona 1 compreendia clubes do Norte e Nordeste; a 2, os do centro, leste e oeste; e a 3, os do sul. Depois de uma fase classificatória, quatro clubes de cada zona passariam à fase final, com todos jogando contra todos. No final, teríamos um grande campeão brasileiro. Sem repetição e sem outras bobagens. Marco Aurélio Falchetti Vieira, Tubarão, SC.

N.R. – *Não seria melhor a criação de uma divisão de acesso?*

Maiores cartas na página 66

QUEM USA A FERRAMENTA CORRETA
NO LUGAR CERTO NÃO SE APERTA.
DURAÇO É FERRAMENTA DE HOMEM.

Os alicates e torquesas Duraço podem ser encontrados nas principais ferragens e supermercados. Para cada tipo de uso o tipo certo de ferramenta. Duraço é prá toda vida.

Procure a linha de ferramentas Duraço nas boas casas do ramo.



Procure a linha de Ferramentas Duraço nas boas casas do ramo.

DURAÇO

Ferramenta de homem

FORJAS TAURUS S.A.

Av. do Forte 511 - Porto Alegre - RS

Fonte: Placar

Essas violências⁶⁸ contra os que escapam da norma buscam reafirmar o espaço de sociabilidade masculina onde o que lhes foi ensinado a respeito do “tornar-se homem” é, por vezes, mais importante de ser demonstrado do que o próprio amor ao clube. A disposição para o embate corporal com torcedores adversários demonstra, para além da passionalidade muito

⁶⁸ Aponto como violência também a desapropriação desses ambientes e da prática do torcer de sujeitos que compõem a marginalizada classe de sexualidades desviantes. Tratarei desse deslugar no subcapítulo seguinte.

presente no futebol, a presença da agressividade e o sintoma da competitividade já muitas vezes evocado nesse presente trabalho.

Os cânticos de torcida são parte integrante das festas das arquibancadas e também estão associados à lógica de desvalorização e diminuição de seus adversários e rivais através da premissa das sexualidades disparatadas. Abaixo, cito um trecho de um cântico da torcida organizada Máfia Azul, do Cruzeiro:

*Cheiro de viado e bicha
Tudo bando de cu a tal da União Sinistra⁶⁹
Mancha Verde⁷⁰ é só cuzão, Força Jovem⁷¹ é tudo cu
E Bamor⁷² é só bundão
Eu vou chamar pra mão a Fúria⁷³,
Eu vou quebrar Império⁷⁴ e também a Galoucura⁷⁵
Porque meu bonde é chapa quente,
Comando 7L, pode crer linha de frente.
Isso é Máfia e você tá ligado, união com a T.U.F⁷⁶, TJS⁷⁷ E Fanáticos⁷⁸
Camisa 12⁷⁹ é tudo chapa quente, Remoçada⁸⁰, Alvirubra⁸¹
E Torcida Independente⁸².*

A parte inicial do cântico possui uma condição de rebaixar os rivais ao associá-los a práticas sexuais “desviantes”, uma vez que parte de uma condição esportiva compreender você e os seus como maiores e melhores que os adversários, no entanto, a escolha das palavras na composição do grito traz a percepção de que os seus rivais e adversários são menores, uma vez que são penetrados. Os adjetivos remetendo “os outros” ao orifício anal também condiciona a uma lógica de menosprezo por parte de quem canta a música, além, é claro do presente teor da violência naturalizado nos trechos que remetem a “sair na mão⁸³”.

Sobre isso, diz Moura que:

⁶⁹ Referência à união entre as torcidas organizadas Mancha Verde, do Palmeiras e Galoucura, do Atlético Mineiro.

⁷⁰ Torcida organizada da Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo.

⁷¹ Torcida organizada do Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro.

⁷² Torcida organizada do Esporte Clube Bahia, da Bahia.

⁷³ Torcida organizada do Clube Atlético Mineiro, de Minas Gerais.

⁷⁴ Torcida organizada do Coritiba Football Club, do Paraná.

⁷⁵ Torcida organizada do Clube Atlético Mineiro, de Minas Gerais.

⁷⁶ Torcida organizada do Fortaleza Esporte Clube, do Ceará.

⁷⁷ Torcida organizada do Santos Futebol Clube, de São Paulo.

⁷⁸ Torcida organizada do Clube Athletico Paranaense, do Paraná.

⁷⁹ Torcida organizada do Sport Club Internacional, do Rio Grande do Sul.

⁸⁰ Torcida organizada do Clube do Remo, do Pará.

⁸¹ Torcida organizada do Clube Náutico Capibaribe, do Pernambuco.

⁸² Torcida organizada do São Paulo Futebol Clube, de São Paulo.

⁸³ Gíria para bater, enfrentar sem uso de armas.

Assim, internamente, os grupos que se apresentam no espetáculo do futebol seguem um perfil de ostentação da sua masculinidade. É com essa forma “homem” que podem fazer frente tanto no estádio em confronto com o adversário como ser percebido pela sociedade. O agir expresso dessa forma é comumente simulado nas manifestações coletivas, como se observa em cânticos popularmente disseminados com o intuito de insulto. Entoados pelos torcedores e jogadores, essas rimas e gritos chamam atenção para a colocação do sujeito homem adversário em um espaço sem masculinidade. (MOURA, 2019, p. 48)

E ainda aponta que, a presença do sujeito lgbtqia+:

(...) requer, também, uma série de regulações para seu funcionamento no espetáculo. O seu aparecimento não se dá apenas de maneira clandestina, mas também trancafiada. Por um lado, quem se identifica como homossexual precisa manter-se “no armário”, por outro, o sujeito homossexual é chamado a participar do jogo, forçosamente, para que este sancione como se devem dar as relações masculinas, no espaço futebolístico. Por óbvio, o sujeito homossexual não nasce propriamente nas relações masculinas do futebol, mas tem também aí mais uma maneira de sua aparição. É como se nascesse e desaparecesse a cada jogo. O homossexual não escolhe estar presente no jogo de futebol, não do ponto de vista que lhe é atribuído. (MOURA, 2019, p. 49).

O autor ainda traz a ideia de um sujeito que é clandestino no aspecto do futebol, tendo em vista que ele só aparece quando a intenção dos agentes é atribuir um tom de jocosidade, desaparecendo no contexto de apreciação do esporte, de vivência nas arquibancadas ou, mesmo, enquanto atleta profissional de futebol de alto rendimento. Essa ação possibilita que o sujeito que habita uma experiência pautada em uma das letras da sigla LGBTQIA+ está “entranhado no jogo, sem, contudo, se mostrar como tal” (MOURA, 2019, p. 51).

O cântico acima traz para além de uma performance agressiva para com os adversários, uma espécie de aversão às sexualidades dissidentes, na medida em que se utiliza desse fator como uma maneira de se engrandecer diante de seus adversários. Um exemplo a ser contabilizado nessas provocações em tons jocosos das torcidas organizadas é um grito da Torcida Tricolor Independente, organizada vinculada ao São Paulo Futebol Clube, direcionado aos torcedores do Sport Club Corinthians Paulista:

*Gambá⁸⁴, me diz como se sente
Por que você gosta de beijar?
Ronaldo saiu com dois travecos⁸⁵*

⁸⁴ Apelido provocativo associado às cores do clube alvinegro.

⁸⁵ Ocasão em que o jogador Ronaldo Fenômeno, ex-jogador do Corinthians, foi acusado de não pagar o programa para a travesti Andréa Albertino, em 2008, no Rio de Janeiro. Ler mais em: **UOL**. Ronaldo liga álcool a episódio com travestis: 'Só fiz mal a mim mesmo'. *UOL Esporte*, 21 maio 2021.

*E o Sheik selinho ele foi dar⁸⁶
 Vampeta posou pra G⁸⁷
 Dinei desmunhecou na A Fazenda⁸⁸ de calcinha ele dançou
 Não adianta argumentar
 Todo mundo já falou
 Que o Gavião⁸⁹ virou um beija-flor.*

Nesse grito, que é frequentemente cantado em alto volume pela torcida do São Paulo, além de evocar a ideia de desmoralização dos rivais ao os associar a um símbolo de delicadeza, como é o caso da ave beija-flor, existe também uma sugestão de homossexualidade em território que, teoricamente, deveria ser intocado e sacrossanto da masculinidade: os gramados e os ídolos do clube. Falaremos um pouco sobre como essas situações entoadas pela torcida tricolor foram recebidas pela torcida do Corinthians mais à frente.

Ponto é que, novamente, ao associar os adversários com a homossexualidade, existe um lugar de pertencimento do sujeito homossexual dentro do futebol, como bem fundamentou Moura (2019), ao mesmo tempo em que ele se apaga, pois o tom é sempre de exibição satírica, associando o outro a esse local numa tentativa de diminuí-lo e despi-lo de sua masculinidade, sendo esse elemento um fundador para a prática do torcer. Ou seja, de certa forma, o que os torcedores dos cânticos acima lembrados desejam, na verdade, é invalidar o outro enquanto torcedor, haja vista a cisheteronormatividade imposta pelo espaço machocrata como um fator determinante no quesito pertencimento ou deslocar.

Ainda acerca do cântico propagado pela torcida do São Paulo Futebol Clube, as situações mencionadas foram extremamente rechaçadas pelos torcedores do alvinegro paulista, de modo que existiram protestos contra alguns dos jogadores citados na letra à época dos acontecimentos. Emerson Sheik, por exemplo, que postou uma foto em sua rede social pessoal dando um selinho em um amigo teve protestos físicos em frente ao Centro de Treinamento no ano de 2013. O amigo em questão era o dono do restaurante Paris 6, localizado na grande São Paulo, Isaac Azar.

⁸⁶ Referência à fotografia de Emerson Sheik, ex-jogador do Corinthians, dando selinho em amigo. Ler mais em: **TERRA**. Selinho de Emerson em amigo divide torcedores e vira piada no Twitter. *Terra*, 31 jul. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians/selinho-de-emerson-em-amigo-divide-torcedores-e-vira-piada-no-twitter,dff754c958790410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 2 jan. 2024.

⁸⁷ G Magazine foi uma revista dedicada à nudez masculina, voltada para o público homossexual.

⁸⁸ Reality show de famosos exibido pela Rede Record de Televisão, no qual o ex-jogador do Corinthians, Dinei, fez participação.

⁸⁹ Referência à maior torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista, a Gaviões da Fiel.

Figura 8 – Beijo de Emerson Sheik em amigo causou polêmica entre os torcedores



Fonte: Terra

Na ocasião, Emerson havia postado a foto junto com uma legenda que sugeria uma comemoração depois da vitória do Corinthians por 1 a 0 contra o time do Paraná, Curitiba. Em sua rede social, escreveu: “amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial. Vencemos, estamos mais perto dos líderes.” (TERRA, 2013)

A associação da postagem com o Corinthians enfureceu ainda mais os torcedores, de modo que se posicionaram nas redes e também de maneira presencial em frente ao Centro de Treinamento do Corinthians, com faixas que relatavam seus descontentamentos com o atacante do clube paulista, ao passo que Sheik revidou os ataques chamando os ataques dos torcedores de “preconceitos babacas”.

Torcedores associados à torcida organizada Camisa 12 do Corinthians compareceram no Centro de Treinamento com faixas e cederam entrevista para veículos da imprensa. Um dos torcedores disse que:

A nação inteira está freneticamente indignada. Pode até ser opção dele, mas nós estamos sempre tirando sarro dos bambis [modo pejorativo com o qual é chamada a torcida do São Paulo]. O mínimo que ele tem de fazer é um pedido de desculpas. A gente não quer ser homofóbico, mas tem que ter respeito com a camisa do Corinthians. Aqui não vai ficar beijando homem. Hoje são 5, amanhã 50 e depois 500. Vamos fazer da vida dele um inferno (TERRA, 2013).

Figura 9 – Torcedores do Corinthians exibem faixa em protesto a Emerson Sheik



Fonte: Terra | Mauro Horita

Através da entrevista apresentada, conseguimos notar como o torcedor leva uma situação pessoal do jogador para um lado extremamente pessoal, como se a ação fosse desmoralizante para o clube que o emprega. A associação ao modo como esses torcedores tratam o rival, São Paulo, e o sequestro na menção, alegando que o selinho de Emerson Sheik os colocaria numa posição desconfortável diante da premissa da jocosidade atribuída somente ao rival, faz com que possamos compreender como o “lugar de homem” mencionado na faixa não pertence nem mesmo ao homem heterossexual que demonstra afeto por um amigo.

Novamente, existe a percepção de que o ambiente machocrata não tolera delicadezas, o ponto de partida deve ser sempre o enrijecimento. A situação ocorrida com Emerson Sheik, que ainda hoje é mencionada pela torcida do São Paulo com entonação satírica e relembrando o rival de sua “humilhação” por parte de um ex-atleta, é uma prova cabal de como o ambiente das arquibancadas enxerga o homossexual, mesmo que o ato que remeta à essa sexualidade venha de um homem heterossexual, detentor de uma posição alta na carreira do esporte de alto rendimento, como era o caso de Sheik, autor do único gol que sagrou o Corinthians campeão mundial no ano de 2012, num confronto contra o Chelsea, da Inglaterra.

Já no caso de Ronaldo Fenômeno, que atuou pelo Corinthians já no seu final de carreira, a sua associação com a figura da travesti Andréa Albertino, em 2008, causou rebuliço na mídia

tanto por se tratar de um jogador mundialmente famoso e campeão da Copa do Mundo de 2002 pelo Brasil, quanto por se tratar da figura de um jogador, unicamente, se relacionando com travestis. À época, Ronaldo alegou ter confundido Andréa com uma prostituta cisgênero e que solicitou o cancelamento do programa quando soube que se tratava de uma travesti, porém a vinculação do caso com seu nome perdura até os dias de hoje, inclusive por meio de cânticos homofóbicos e de cunho discriminatório contra as experiências transsexuais e travestilizadas, ao chamá-las de modo pejorativo de “travecos”.

Se a figura do homossexual é vista com desdém e hostilidade dentro dos estádios de futebol e em meio aos gritos das arquibancadas, as experiências contrárias à cisgeneridade não são não existentes nesse ambiente, sequer por meio de sequestro de sentidos, como pontua Moura (2019). Diante do corpo trans/travesti, não existem sequer insinuações, que não estejam antes relacionadas a um sentido homofóbico, como é o caso do cântico da torcida do São Paulo. Pensando ainda na relação de um sujeito tão potente na história do futebol, como Ronaldo Fenômeno, a sua associação com as travestis ainda assim conseguiram torná-lo alvo de tons jocosos por parte de consumidores da cultura do futebol, especialmente os rivais.

Em vista da rivalidade Corinthians *versus* São Paulo já mencionada durante o desenvolvimento desse capítulo com bastante afinco, já no ano de 2023, o perfil oficial do clube alvinegro na rede social X, fez provocações de cunho homofóbico relacionando o estádio do São Paulo, o Cícero Pompeu de Toledo, atual Morumbis, ao alimento natalino panetone. Em face da piada homofóbica, a menção se faz em relação ao formato do estádio – grande e redondo – e sugere que dentro está sempre cheios de frutinhas⁹⁰.

⁹⁰ Modo pejorativo de se referir aos homossexuais.

Figura 10 – Perfil oficial do Corinthians faz piada de cunho homofóbico em rede social.



Fonte: Gazeta Esportiva

Diante do ocorrido, o perfil oficial do São Paulo se pronunciou, lembrando uma ação idealizada para o mês do orgulho LGBTQIA+, promovida pelo Corinthians:

Figura 11 – Perfil oficial do São Paulo no X questiona piada de cunho homofóbico do Corinthians



Fonte: Gazeta Esportiva

Em consideração ao enunciado propagado pelo perfil oficial corinthiano, Pompeu e Souza (2019) vão tratar acerca do humor como um meio de discriminar de maneira homofóbica nos círculos sociais, em especial, no ambiente de trabalho. Boa parte dos entrevistados pelos autores relatam experiências envolvendo piadas que se utilizem do marcador de gênero e que são constantemente atribuídas ao humor, sem constar o teor segregador, ao passo que seus autores não se identificam como homofóbicos. Os autores dizem que:

(...) a naturalização de piadas sobre homossexuais adjetivadas pelo termo “nada demais” é frequente nos discursos dos entrevistados. A constante presença de tais piadas e a adjetivação como sendo “nada demais”, manifesta uma tentativa de considerar tais piadas como não sendo preconceituosas ou discriminatórias, procurando mascarar visões preconceituosas com a utilização da expressão “nada demais”. (POMPEU; SOUZA, p. 654).

No futebol, essas piadas para além de frequentes, demonstram uma cultura de pertencimento e naturalização, haja vista a evocação do ser humano que se encontra nas categorias identitárias de sexualidades fora da norma sempre em um tom de desqualificação, na busca por diminuir o adversário. Os tons lgbtfóbicos são associados a todas as torcidas de futebol em algum dado momento, uma vez que um dos principais argumentos em uma discussão ou disputa no âmbito desse esporte é a desmasculinização (BAZINI, 2017).

O fundamento de que existe uma desmasculinização na possibilidade de existirem torcedores que se enquadrem na sigla LGBTQIA+ atinge também os clubes nas diretorias, que também estão repletas de sujeitos que compactuam de um ideal machocrata. No ano de 2021, o ex participante do *reality show Big Brother Brasil*⁹¹, Gilberto Nogueira, conhecido como Gil do Vigor, recebeu um convite do Globo Esporte para conhecer a Ilha do Retiro, estádio do Sport Clube do Recife⁹², pela primeira vez. Ali, Gil recebeu homenagens da emissora durante o desenvolvimento da reportagem e, ao final, realizou sua característica dança, apresentada tantas e tantas vezes durante sua participação no *reality show* que chegou até a semifinal.

A dança de Gil incomodou um dos conselheiros do clube, que em áudio vazado, rechaçou a reportagem e protestou contra a ideia de associar a pessoa do ex-BBB ao Sport. O conselheiro Flávio Koury teve os áudios vazados para grupos de fora da associação, em um dos quais dizia que “tem 1,2 milhão de pessoas achando que o Sport só tem viado, só tem bicha. Vai vender é camisa. A viadagem inteira vai comprar. Vai ser lindo!” (GLOBO, 2021). Para além desse trecho, Koury complementou:

Se ele tivesse feito essa dancinha na casa dele ou no bordel, ou onde ele quisesse, eu não estava nem aí. Mas foi dentro da Ilha do Retiro, né rapaz. Isso é uma desmoralização. Isso é ausência de vergonha na cara. É isso que a gente está vivendo. Esses tempos novos, é isso. Não tem mais respeito. Filho não respeita pai, pai não respeita filho, não respeita irmão. Não tem amigo. É a depravação. (...) O que eu disse é que eu não gosto de putaria e não gosto mesmo não. Vocês tratem de não querer botar palavras na minha boca. Não admito isso. (GLOBO, 2021)

O responsável pelo vazamento dos áudios, Romero Albuquerque solicitou a expulsão do conselheiro do quadro do Conselho Deliberativo do Sport, no entanto, seu pedido não só não foi acatado, como resultou em sua própria renúncia do cargo, devido à situação de impunidade do caso de Gil dentro da instituição. Além de Romero, durante a reunião que julgava o caso no conselho de ética, o diretor da diversidade do clube, foi expulso da sala após pedir a palavra,

⁹¹ Televisado e idealizado pela Rede Globo de Comunicações.

⁹² A partir desse momento me refiro ao clube somente como Sport.

uma vez que participava do episódio como ouvinte. Romero Albuquerque ainda mencionou em nota que:

Flávio, Pedro e a Mesa Diretora são tiranos e covardes. Não quero ser lembrado por ter feito parte do pior Conselho Deliberativo da história do Sport, por isso contribuirei no que compete a um sócio, como sempre fiz. (...) Ele (Koury) mentiu na cara dura quando disse que não tinha a intenção de ofender. Sem querer a gente pisa no pé de alguém, o que aconteceu foi de propósito e é crime. (GLOBO, 2021)

Mesmo com a apresentação pública e pressão popular sobre a criminosa gravação de áudio disponibilizada pelo ex conselheiro Romero Albuquerque, Koury permaneceu impune diante da ação homofóbica contra Gilberto Nogueira. Diante da naturalização do subjugo dos sujeitos homossexuais face ao caráter machocrata das instituições futebolísticas, esse fato não nos causa surpresa, pelo contrário, reafirma uma estrutura moldada para a proteção dos interesses da classe cisheteronormativa no esporte. Ao associar a figura de uma única pessoa, um único torcedor, ao restante da torcida, Koury, em sua fala, ao dizer que “tem 1,2 milhão de pessoas achando que o Sport só tem viado, só tem bicha”, adere uma lógica de interpretar o corpo de Gilberto como um corpo a ser temido, a ser visto com desdém e a ser repudiado pelos outros torcedores.

À luz da lógica da deimopolítica, termo cunhado por Rick Afonso-Rocha (2021), Gilberto traria uma noção de perigo à estrutura heterocisnormativa do futebol e, nesse caso, visto de modo temerário pelo conselheiro, ao clube *per si*. Sua associação à entidade funciona como um desequilíbrio e uma fragilidade diante dos olhos dos rivais, e também diante dos olhos da própria torcida. Como acontece em diversos dos casos citados até o momento nesse presente trabalho, a vinculação da homossexualidade ao objeto sacrossanto da masculinidade hegemônica que é o clube de futebol, causam um rompimento na construção imagética elevada da machocracia do esporte – sendo esse um elemento importante para grande parte da constituição das torcidas de futebol ainda nos dias de hoje.

Essa mesma deimopolítica é identificada na revolta de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras em uma situação ocorrida no mês de março do ano de 2018, na qual um torcedor do clube alviverde reclamou da homofobia no estádio em um jogo diante do rival São Paulo Futebol Clube. O jornalista William de Luca, após presenciar cânticos homofóbicos no clássico Choque-Rei⁹³, reclamou em seu perfil pessoal do ainda Twitter, dada à época da publicação, sobre os atos da torcida do próprio clube.

⁹³ Apelido dado ao confronto São Paulo *versus* Palmeiras.

William disse em publicação que: “a torcida do Palmeiras, em sua homofobia típica, canta que todo ‘viado nessa terra é tricolor’. Parece que encontrei uma exceção à regra: eu mesmo, viado e palmeirense, e que cola no estádio em TODOS os jogos.” (GLOBO, 2018), reforçando sua sexualidade e o seu compromisso com o clube do coração, ao reforçar sua presença física nos jogos através do *post*. O torcedor relatou ter recebido ameaças desde que a sua publicação se tornou viral no site, partindo, principalmente, de torcedores do seu próprio time.

O jornalista, em entrevista, afirmou que: “pessoalmente as pessoas são mais contidas, mas pela internet já disseram que me matariam, que me bateriam até eu parar de falar sobre o Palmeiras, porque eu estava “sujando” o nome do time” (GLOBO, 2018). A ideia atribuída ao contexto de “sujar” o nome do time vem justamente da premissa de que o clube enquanto entidade passa a ser violado diante da presença de pessoas que detém uma sexualidade que não seja a considerada pela norma padrão social. Aqui, o uso da violência ao ativar os dizeres sobre matar e bater, vem da consideração da eliminação de corpos físicos como consequência da intolerância típica da machocracia.

De forma geral, os torcedores de futebol, os dirigentes e também os atletas observam o espaço como um lugar imaculado de perpetuação da masculinidade e de dissociação com corpos “estranhos” ao modo de ser *operandi*. Em um dos próximos capítulos, tratarei sobre um episódio envolvendo o atleta Germán Cano, à época jogador do Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, atleta esse que me inspirou a pesquisar sobre as relações do futebol e do gênero com mais afinco, porém nesse subcapítulo tratarei de uma reação ao movimento feito por Cano e idealizado pelo clube carioca no mês do Orgulho LGBT no ano de 2021.

Após realização das ações propostas pelo clube em que trabalhava, o zagueiro Leandro Castán, alegou ter sido “teoricamente obrigado a vestir” a camisa que foi parte de uma das ações alavancadas pelo clube carioca no mês do Orgulho. Castán é evangélico e, na época em que o clube cruzmaltino anunciou a iniciativa, o zagueiro, por meio de sua rede social, postou um trecho bíblico que dizia “sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra”. Em entrevista coletiva cedida, o atleta relacionou a questão desse episódio com as críticas de torcedores sobre sua performance, negou atrito com o protagonista da cena emblemática do mês do Orgulho no Vasco, Germán Cano, e reafirmou o seu posicionamento enquanto cristão, declarando, portanto, ter se sentido obrigado a usar a vestimenta do arco-íris:

Pode ter certeza que aqui no Vasco nunca faltou respeito. Eu sou o primeiro a respeitar a instituição e o torcedor. Tenho gratidão pelo Vasco. No momento no qual expus o que acredito, quando eu fui, teoricamente, obrigado a vestir

uma camisa, acho que algumas pessoas não gostaram. Mas eu respeito a todos e também acho que tenho de ser respeitado. (...) Sei que tem gente que pega no meu pé, que fala que estou mal. Mas os números estão aí. Sou muito crítico. Teve um jogo nesta temporada que fui mal, o contra o São Paulo. Então, sei que parece que aquele jogo valeu por 20. Sei que tem relação com o episódio do Brusque. Ficou marcado para mim. Eu, como cristão, processando a minha fé, é aquilo que eu penso. Não ficou nenhum desconforto. Muitos falaram que teve problema comigo e com o Cano. Não tivemos. E, se tivemos, resolvemos no vestiário. (LANCE!, 2019)

A ação do Club de Regatas Vasco da Gama ficou marcada na história, embora não sem ter sido contestada não somente dentro do campo, como no caso do defensor acima mencionado, como por parte de torcedores que demonstraram apoio ao zagueiro. É importante salientar que, como a torcida de um clube de futebol é sempre pluralizada, as opiniões acerca de ações como a do Vasco serão vistas como controversas para uma parcela relativamente significativa do total, em especial ao se tratar de um ambiente como o futebolístico.

Mais adiante, trataremos especificamente do ocorrido em junho de 2021, porém até o momento, o que nos importa é o modo como esse espaço é disputado por meio das tentativas de reafirmação do espaço do macho, na condição dos atletas, torcedores e dirigentes, que procuram estabilizar as relações machocratas de modo a naturalizá-las, mesmo mediante aos avanços das pautas sociais relacionadas à pluralidade das experiências de gênero e das sexualidades.

Ao lançar luz para o termo da machocracia no futebol e compreendê-la como uma categoria que persiste mesmo sob as condições de instabilidades, procurei também elucidar como ela opera para categorizar os sujeitos que pertencem ou não à lógica da produção do futebol enquanto cultura que dita e replica masculinidades, permitindo o espaço ao outro ou negando-o, partindo da ideia da hierarquização absoluta da performance materializada.

2.4 Do direito à cidade ao direito ao estádio: torcedores LGBTQIA+ e o espaço das arquibancadas

O processo histórico da industrialização e da condução maquinária de mão-de-obra foi sem dúvida um fator de influência nas modificações sociais ocorridas nos séculos anteriores, impactando intensivamente os modos de vida e as noções geográficas atribuídas às cidades e aos seus residentes. Ainda que as cidades sejam anteriores ao processo industrial, devo salientar que as reflexões aqui vão ser guiadas a partir do contexto de desenvolvimento das cidades pós-

feudais, associadas à burguesia industrial e ao capitalismo concorrencial, fazendo menção ao filósofo Henri Lefebvre (1986).

Lefebvre constrói o conceito de “direito à cidade” pensando nos espaços geográficos que “são centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas, como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)” (LEFEBVRE, 2008, p. 12). Isso significa que o modo de vida conhecido até então se dissipa, de modo a dar espaço para novas organizações, novos modos de trabalho e, o que mais nos interessa na associação desse trabalho, a novas culturas, incluindo certamente a cultura do lazer. Além, é claro, da modificação na estrutura da masculinidade, considerando a queda do ideal homem feudal e da perspectiva de um novo sujeito pós apropriação das recentes máquinas e de um novo espaço, evocando o homem citadino.

O filósofo francês marxista avalia em sua obra *Direito à cidade* (1986) o modo como as cidades passam a ser povoadas a partir de uma necessidade de vínculo empregatício nos novos centros urbanos, observando principalmente a partir da ótica das pessoas que se deslocam para as periferias fortemente povoadas (LEFEBVRE, 2008, p. 19). A partir daí, lança o olhar para a forma como o ecossistema urbano⁹⁴ contribui para um novo produto da cultura:

Na base econômica do “tecido urbano” aparecem fenômenos de outra ordem, num outro nível, o da vida social e “cultural”. Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade e vida urbana penetram nos campos. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. Os mais conhecidos dentre os elementos do sistema urbano são a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”, o que comporta novas exigências no que diz respeito aos “serviços”. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade. E também as preocupações com a segurança, as exigências de uma previsão referente ao futuro, em suma, uma racionalidade divulgada pela cidade. Geralmente a juventude, grupo etário, contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade. (LEFEBVRE, 2008, p. 19)

Desse modo, os centros urbanos obtêm uma noção de maior qualidade estética e são tidos como espaços dotados de uma cultura ausente no contexto rural, aumentando a tensão entre as relações reais da cidade e campo. O núcleo urbano torna-se, então “produto de consumo”, visto que contém “monumentos, sedes de instituições, espaços apropriados para festas, para os desfiles, passeios, diversões” (LEFEBVRE, 2008, p. 20). O autor menciona que

⁹⁴ Ler mais em LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.

a cidade adquire, então, um papel de “lugar de consumo e consumo do lugar”, paralelamente, uma vez que ao estar ali localizado, a possibilidade de usufruir aumenta exponencialmente.

Ao passo que a cultura citadina se estabelece dentro da crescente cultura do consumo, atrelada ao movimento de industrialização e também ao estabelecimento do pensamento burguês e capitalista, passa-se também a entender o papel das formações imobiliárias dentro da nova estrutura econômica e, em associação, a constituição dos espaços menos privilegiados, adotados por sujeitos que não possuem poder econômico aquisitivo para moradia e permanência em espaços de alto custo, devido à proximidade dos grandes centros, onde se estabelecem os principais centros culturais, sociais e econômicos urbanos.

Nesse contexto em especial, David Harvey demonstra sua preocupação em sua obra *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana* (2014) com a democratização do espaço urbano e, principalmente, com o movimento do direito à moradia. O autor visa inserir na discussão, já antecipada por Lefebvre, os movimentos sociais urbanos e a garantia de direitos adquiridos através da importância desses mesmos movimentos. No prefácio de sua obra, Harvey menciona o processo de luta de movimentos sociais urbanos no Brasil que inspiraram outros em cidades dos Estados Unidos, como Nova York e Los Angeles.

O autor ainda, em seu prefácio, diz que:

(...) as lutas políticas são animadas tanto por intenções visionárias quanto por aspectos e razões de natureza prática. Grupos ligados à Aliança pelo Direito à Cidade são basicamente formados por moradores de baixa renda em comunidades negras que lutam pelo tipo de desenvolvimento que vá de encontro a seus desejos e necessidades, pessoas sem-teto que se organizam por seu direito à moradia aos serviços básicos e jovens negros LGBTQ que lutam por seu direito à segurança nos espaços públicos. (HARVEY, 2014, p. 21)

Harvey faz alusão a uma problemática atual, mas que já havia sido notada por Lefebvre, uma vez que grupos se tornam alvos de marginalização dentro do espaço urbano, com moradias precárias, com falta de segurança ou de serviços básicos, além de envolver também os sujeitos que sofrem com a falta de moradia total. Além disso, aborda também o que irei desenvolver de modo mais detalhado ao longo do desenvolvimento do subcapítulo: o direito à cidade por parte da população LGBTQIA+.

O geógrafo marxista ainda reforça que a importância da cidade diz respeito também ao modelo de pessoas que desejamos ser, às relações sociais, naturais, estilos de vida e valores estéticos que buscamos, considerando o espaço físico como um reflexo da intenção do corpo social e do senso de coletividade. Assim, assume que:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e as nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados. (HARVEY, 2014, p. 28)

Ao buscar anunciar a necessidade de compreender o espaço físico urbano como um lugar passível de mudança e de inclusão de corpos escanteados historicamente, bem como desassociar da lógica do consumo imperativo e da associação direta com o mercado imobiliário que desumaniza corpos que não possuem poder aquisitivo e os marginaliza, gerando uma onda de descontentamento com a zona citadina, Harvey entende a cidade como um espaço mutável e, dessa forma, associado à possibilidade de melhorias nas condições de vida de seus residentes, entendendo que o direito à cidade passa necessariamente pela mudança na incompatibilidade social e econômica de muitos de seus residentes.

Salienta que:

Reivindicar o direito à cidade no sentido que aqui proponho equivale a reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas, e pressupõe fazê-lo de maneira radical e fundamental. Desde que passaram a existir, as cidades surgiram da concentração geográfica e social de um excedente de produção. A urbanização sempre foi, portanto, algum tipo de fenômeno de classe, uma vez que os excedentes são extraídos de algum lugar ou de alguém (...) (HARVEY, 2014, p. 30)

A partir da ideia de construção de um novo modelo de cidade, que abranja sujeitos historicamente excluídos diante da premissa da classe, o autor também abre a possibilidade de diálogos acerca da exclusão desses mesmos sujeitos aos diversos setores culturais existentes no ambiente urbano, visto que o acesso básico à moradia, por exemplo, lhes é negado. Considero esse debate parte do que proponho através desse trabalho, uma vez que os estádios, pertencentes às cidades, em especial aos grandes centros, passam também por um processo de elitização e de movimentos de torcedores que se organizam de modo a manter o acesso aos estádios de seus respectivos clubes, mesmo diante da precificação exorbitante dos ingressos e de maior controle dos corpos.

Como já exposto por Lefebvre e retomado por Harvey, as cidades são espaços de cultura e de produção da mesma. Sendo o futebol parte da cultura mundial e considerável produto de mobilização coletiva, sugiro a partir da temática do direito à cidade, uma maior ênfase na

possibilidade de análise do direito ao estádio, mediante ao fenômeno de classe, raça e, em seguida, sexualidade e gênero dentro desse espaço. Em concordância com diversos teóricos das Ciências Humanas que trabalham o futebol, considero o lugar das arquibancadas um espaço de evidência desses fatores.

Mascarenhas (2009) compreende essa transformação e dificuldade no acesso de torcedores ao seu local de lazer e prática do torcer como uma discussão que não pode estar dissociada da premissa de reconhecimento do estádio de futebol como “momento e lugar da realização de parcela da vida urbana” (p. 145). O geógrafo sugere que o lugar de realização das partidas faz parte do espaço-tempo da cidade e que em espelhamento do movimento urbano capitalista elitizado, vem transformando inclusive os corpos que se estendem nas arquibancadas, tornando o espaço cada vez mais elitizado e descaracterizando a perspectiva do esporte popular.

Ao alertar para o movimento de expectativa monetária nos espaços de circulação social, impondo valor ao uso dos lugares urbanos, incluindo os estádios - e, posteriormente, as arenas - devido à alta demanda de acesso ao espetáculo proporcionado pelos novos modelos de concepção dos jogos, isto é, a profissionalização dos atletas, os recursos financeiros dispostos pelos clubes e a modernização dos espaços que sediam as partidas, o autor considera o estádio como um espaço onde a cultura e o lazer são “novas fronteiras de acumulação” de capital (MASCARENHAS, 2009, p. 145).

Ao avançar o debate para os novos modelos de exibição as partidas, aderindo as arenas multiuso como experiências modernas e mais confortáveis no ponto de vista dos torcedores, o autor acena para o fato de que:

(...) as novas arenas ampliam e radicalizam o sentido da cidade mercadoria, ao impor valores comerciais muito mais altos para os ingressos e para a alimentação em seu interior, eliminando assim agentes e serviços informais que tradicionalmente compunham a experiência dos torcedores. Acima de tudo, para garantir a plena realização da mercadoria, vem sendo imposto um crescente aparato normativo que visa eliminar ou subjugar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo. Toda a nova arquitetura dos estádios aposta nesse princípio do controle dos corpos, condicionando a circulação dos frequentadores e reduzindo seu comportamento à passividade, distanciando-os do tradicional protagonismo festivo das massas ruidosas e, por vezes, imprevisíveis. (MASCARENHAS, 2009, p. 145)

Entende-se a partir da análise do autor, então, que existe além de uma cultura do consumo dentro do esporte a partir da precificação alta dos ingressos, uma tentativa de mudar

o público-alvo, de modo a fazer adentrar no futebol um público cada vez mais polido e detentor de controle corporal, suavizando as imprevisibilidades das massas e acentuando ainda mais a característica elitizada do espaço urbano, inclusive nos espaços de lazer que outrora haviam sido considerados dos mais populares.

Em reportagem publicada pelo portal Mídia Ninja, em 2023, a temática da elitização do futebol atrelada ao movimento de precificação alta dos ingressos foi evidenciada, utilizando como exemplos as partidas finais ocorridas no ano passado, como a final entre São Paulo e Flamengo pela Copa do Brasil e também a final proporcionada pelo Fluminense Football Club⁹⁵ contra o Club Atlético Boca Juniors⁹⁶, da Argentina, pela Copa Libertadores da América. Em ambos os casos dos embates, o assunto do alto valor exigido pela compra dos ingressos foi pauta de torcedores.

Segundo a reportagem de Mariana Martins, no jogo de ida do Maracanã, estádio do Rio de Janeiro, palco do primeiro confronto da final da Copa do Brasil, onde o Flamengo atuava como mandante, os ingressos foram vendidos a partir de duzentos reais e os valores máximos chegavam a dois mil reais. No jogo de volta, no estádio do Morumbi, casa do São Paulo Futebol Clube, o cenário não mudou: valores mínimos de duzentos reais e máximos de dois mil reais.

Já na final continental, os ingressos também tiveram preços expressivos, chegando a quatrocentos reais em setores onde os valores são mais baixos. A autora da matéria ainda explicita o fato de que os valores dos ingressos para acessar os estádios não são as únicas coisas relacionadas ao futebol que tiveram um significativo aumento, como também os itens de clube como camisas e as mensalidades de sócio torcedor⁹⁷.

Acontece que a desapropriação do espaço que em outros momentos foi frequentado majoritariamente pela classe trabalhadora, compondo os extensos mares das arquibancadas de forma expressiva, também interfere num processo referente ao modo como essa classe exerce a potência da cultura e, certamente, em como gastam o seu tempo livre e de lazer. Matos (2001) vai afirmar que a ideia do trabalho como processo de autorrealização para homens – categoria que mais habitava os estádios nos setores populares anteriormente – era muito vigente e, portanto, o lazer e o que se fazia com o tempo livre era uma parte determinante.

⁹⁵ A partir de agora me refiro ao clube somente como Fluminense.

⁹⁶ A partir de agora me refiro ao clube somente como Boca Juniors.

⁹⁷ Ler mais em: **Mídia Ninja**. Elitização do futebol: como o esporte mais popular do Brasil está ficando caro. *Mídia Ninja*, 30 ago. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/elitizacao-do-futebol-como-o-esporte-mais-popular-do-brasil-esta-ficando-carro/> e em: **AGÊNCIA BRASIL**. Ingressos com preços elevados favorecem elitização do futebol. *Agência Brasil*, 12 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-10/ingressos-com-precos-elevados-favorecem-elitizacao-do-futebol>.

Entretanto, esse recente movimento de encarecimento do espaço nos estádios brasileiros, interfere no público e, por consequência, nas conhecidas festas das arquibancadas e nas recepções dos atletas. O que nos faz compreender que essa desapropriação do espaço está altamente conectada com o fator monetário e com o que Lefebvre já antecipava e caracterizava como um “lugar de consumo e consumo do lugar” (2008, p. 20), ao traçar uma análise a respeito do espaço urbano e de seus lugares de lazer.

Certamente essa é uma problemática que deve ser apresentada, de modo que compreendamos que a luta pelo direito ao estádio é algo que está diretamente associada a uma parcela da sociedade que antes o frequentava e que, devido ao aumento do processo de elitização, atrelado aos novos moldes de espaços onde se exibem as partidas e à profissionalização de seus agentes, adquirem perspectivas de novos espectadores, associando-os mais à torcedores-clientes do que aos torcedores tradicionais.

O deslugar sentido por diversos torcedores de classes menos abastadas é um lugar conhecido por inúmeros sujeitos no corpo social e, pensando em um espaço físico, nos estádios também. O movimento de luta pela retomada do espaço do estádio de maneira popular como já conhecido por diversos torcedores, é também um movimento trilhado por torcedores LGBTQIA+ e por mulheres, uma vez que esse espaço é configurado a partir das premissas associadas à masculinidade hegemônica.

É necessário relembrar que o espaço do estádio de futebol e o esporte em si é:

(...) formado num tempo em que a ideologia dominante pregava – e o senso comum retificava – que a mulher era um ser inferior, biologicamente e mentalmente incapacitado a determinadas atividades. A formação da cultura torcedora popular, por sua vez, também nasce num contexto de tomada dos estádios por uma classe trabalhadora masculinizada que conquistava aos poucos o direito ao tempo livre, com a redução da jornada de trabalho, como a que desembocaria no mote “8 horas de trabalho, 8 horas de descanso, 8 horas de lazer”. Ainda que muitas mulheres já fossem trabalhadoras assalariadas desde muito novas, ao contrário dos homens, não tinham o seu “tempo livre” designado ao lazer, fosse ele gratuito ou pago. O lugar da mulher fora da fábrica era reservado ao trabalho reprodutivo, dentro do ambiente doméstico. O tempo livre era dividido social e sexualmente como o próprio trabalho. (SIMÕES; HELA, p. 58, 2016)

Sobre a presença da mulher, anos depois, dentro dos estádios de futebol, embora ainda questionada, segue se intensificando em números e nos papéis representados, assumindo posições dentro de torcidas organizadas, embora ainda vistas em situações de exceção:

Dentre esses torcedores que frequentam os estádios de futebol, as mulheres têm ganhado maior destaque. A presença do público feminino nos jogos se dá desde as primeiras manifestações de ocorrência do esporte nas cidades e, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se mantém regular e constante. Atualmente, as mulheres vêm legitimando o espetáculo futebolístico enquanto uma vivência de lazer e/ou de trabalho, contribuindo para a construção de valores e (re-) significados do futebol. No entanto, essa incorporação apresenta alguns obstáculos e preconceitos, entre os quais, a dificuldade de legitimação da mulher como cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus mais variados aspectos, tais como: técnico-tático, econômico, social, político, cultural, artístico, entre outros. Esse quadro sucede pela construção histórica em torno do futebol e da imagem da mulher (e do homem) na sociedade. (CAMPOS; AUGUSTO, SILVA, p. 02, 2010)

Ou seja, ainda hoje é possível observar alguns movimentos específicos de mulheres que buscam seu espaço dentro desse local considerado sacro para os homens, uma vez que sua adesão em outros momentos era baixa ou nula. Para mulheres, o ambiente futebolístico representava uma área de lazer meramente masculina, dotada inclusive de socializações que repreendiam traços tidos como femininos, suprimindo delicadezas, principalmente.

Dessa forma, podemos interligar a questão do deslocar para diversos sujeitos dentro da categoria dos estádios: mulheres, lgbtqi+ e, posteriormente, a pessoas de classe social menos abastadas, devido a esse processo de elitização recorrente nos estádios do Brasil e do mundo. Ao deixar de perceber esse espaço como um espaço popular, ou seja, que adere um número extenso de pessoas de diferentes classes sociais e com diferentes subjetividades, é possível associar à ideia de que se torna um lugar de perspectivas homogeneizadoras. Assim como o homem modifica a cidade de acordo com os interesses do capitalismo dentro do sistema, como parte integrante, modifica também o estádio.

Aprimorando ainda mais a relação da cidade com sujeitos que não se encaixam na normatividade fabricada e estabilizada, devemos antecipar que a discussão seguirá para o recorte da sexualidade e do gênero nos espaços urbanos e que isso se inclui os estádios de futebol, de modo que se faça importante entender a relação dos movimentos do direito à cidade, do direito ao estádio no âmbito econômico e, por fim, do direito ao estádio no âmbito das sexualidades e do gênero.

Carvalho e Macedo Júnior (2017) fazem menção a um conceito denominado “cidade-armário”, no qual se incumbe ao espaço urbano a manutenção da norma conservadora, apreendendo esse lugar com um espaço “de respeito” (p. 105). Entende-se por espaço “de respeito” os lugares que seguem uma norma institucionalizada de poder social, ou seja, que se

enquadrem no conceito, simbologia e materialização da heterossexualidade. Ao constatar essa observação, Carvalho e Macedo Júnior dizem que:

(...) ao analisarmos com mais cautela, podemos reparar a quem se destina a cidade: a ausência de políticas públicas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais visando sua proteção e a garantia de acesso aos direitos capazes de afirmar o princípio basilar da dignidade da pessoa humana é uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade, ignorando a presença e participação de LGBTs em seu corpo; uma vez que não existem políticas públicas voltadas para essa população, temos dois fenômenos que são interligados: a invisibilidade social LGBT – embora não esteja invisível nos relatos de violência urbana em virtude de discriminação – e a redefinição da cidade enquanto “cidade-armário”. (CARVALHO; MACEDO JR. 2017, p. 105)

Essa ausência de políticas públicas mencionada pelos autores faz com que os sujeitos subalternizados passem a ser vítimas de violência constante, desde simbólicas até físicas. Dentre essas violências, podemos também incluir a desnaturalização de seus corpos ao habitarem locais e exercerem suas subjetividades nos centros urbanos, atribuindo suas condutas consideradas desviantes para o âmbito privado. Gestos de afeto, por exemplo, como abraços ou beijos, são tidos como inadequados diante do espaço considerado um espaço “de respeito”.

Os autores também apontam para os dados que conduzem à realidade das pessoas lgbtqia+ nas cidades, uma vez que os assassinatos – estágio máximo da violência contra esses corpos que não se enquadram nas normas estabelecidas e exercidas pelo poder social – ocorrem majoritariamente nas ruas. Carvalho e Macedo Júnior, através de documento elaborado pelo Grupo Gay da Bahia⁹⁸ em levantamento feito no ano de 2015, apontam que 56% das travestis assassinadas foram executadas em vias públicas.

A materialização da violência contra esses sujeitos parte da premissa da eliminação dos corpos e das práticas que não são relacionadas ao que se espera dentro dos ambientes urbanos. A cidade passa a ser entendida como um espaço que reafirma estruturas violentas contra sujeitos subalternizados, na medida em que a performance social das categorias de gênero passa a ser vista como uma exigência no processo de aquisição do direito à cidade, muito embora existam movimentos urbanos que busquem políticas públicas que protejam essa população.

Considerando as particularidades enfrentadas pela população lgbtqia+ na disputa pelo espaço urbano e as pedagogias dos estádios de futebol, que prezam pela masculinidade

⁹⁸ Organização não associada a órgãos governamentais voltada para os direitos e defesa da população LGBTQIA+ no Brasil. Fundada em 1980, torna-se sociedade civil sem fins lucrativos em 1983 e é declarada utilidade pública municipal em 1987. Ver mais em: <https://grupogaydabahia.com.br/o-que-e-o-ggb/> Disponível em: 26 mai 2024.

hegemônica como uma maneira de institucionalizar o lugar como um santuário para a performance masculina cisheteronormativa, é possível entender esse local também como um local que participa do movimento de exclusão dos corpos subalternizados, das masculinidades dissidentes e dos atributos relacionados às performances femininas.

A simples menção desse deslugar da população lgbtqia+ nos estádios nos apresenta uma condição paradoxal, uma vez que ali, o nome do homossexual é constantemente invocado, de modos pejorativos. Ele é ali um intruso, um nome a ser invocado para desclassificar torcedores rivais e também atletas de equipes adversárias. A sua presença física, entretanto, não é bem-vista e é, por sinal, hostilizada em ambientes que fazem alusão ao esporte do futebol. Recentemente, porém, podemos notar movimentos de torcedores, que buscam tomar esse espaço e esse direito ao lazer que a prática do torcer proporciona, mesmo que esse espaço seja percebido como hostil à população lgbtqia+.

Por ser um esporte que está atrelado à categoria da formação do ser humano do sexo masculino, em consenso social, a presença de mulheres e de lgbtqia+, especialmente homens homossexuais ou mulheres trans/travestis - uma vez que são tidos como sujeitos que não praticam uma masculinidade inteira - seus corpos são concebidos como corpos indesejáveis, inoportunos para a situação e, por fim, alvos para uma violência que se consagra de modo simbólico, ou seja, através de cânticos que categorizam suas existências como vidas e experiências menores, até violência física.

Um fato a ser mencionado, é que ao associar a imagem e corpo com futebol ou com clubes de futebol, a população lgbtqia+ também sofre represálias, mesmo que essa associação não ocorra dentro do estádio de futebol, uma vez que essa possibilidade pode ocasionar um vislumbre de “vexame” para os torcedores que performam a masculinidade hegemônica e participam do processo de machocratizar o futebol como um todo. Desse modo, até a simples menção de torcer por um time, que parta de homossexuais, lésbicas, trans ou travestis, é tido como um ato desonroso para os torcedores ideais – homens, heterossexuais, viris. Sendo assim, não é somente dentro dos estádios, mas o deslugar desses sujeitos passa a incorporar a prática futebolística como um todo, desde o torcer, até o praticar dentro do futebol masculino profissional.

À exemplo, no dia 27 de dezembro de 2021, o portal de notícias G1, da Rede Globo de Comunicação, noticiou um episódio de homofobia envolvendo um homem de vinte e sete anos, durante uma festa idealizada pela torcida organizada Galoucura⁹⁹. Matheus Rodrigues alegou

⁹⁹ Matheus Rodrigues abriu boletim de ocorrência diante da situação, porém nem o clube e nem a torcida organizada Galoucura se manifestaram. Ler mais em: PIMENTEL, Thais; POLITI, Laís. ‘Fui expulso por ser gay’,

ter sido expulso do local do evento por usar *body* e canga em um local com piscina, sob a justificativa de que a vestimenta não era adequada para a celebração, de modo que mesmo com a compra do ingresso – novamente, associando o lazer a um produto –, o rapaz não configurava o arquétipo desejado para o espaço e para a festividade, muito embora a vestimenta fosse adequada para o tipo de festa *pool party*.

Matheus relatou que estava acompanhado de duas amigas quando começou a ser observado por integrantes da torcida organizada. Constrangido, o rapaz procurou uma ducha afastada do local, mas ao retornar para o lugar onde estavam suas amigas, Matheus foi cercado por homens e expulso do evento. A Galoucura, o Clube Atlético Mineiro e o clube que cedeu o espaço para a organização do evento, o Clube Labareda - que pertence ao time -, foram procurados para prestar esclarecimentos para o portal de notícias, mas não responderam até o dia de publicação da matéria no portal digital do jornal (PIMENTEL; POLITI, 2021).

Ainda no tocante da cidade de Belo Horizonte, em 2017, o portal de notícias do Globo Esporte, também atrelado à Rede Globo de Comunicação, realizou importante reportagem acerca da disputa futebolística entre os grandes clubes da cidade, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. Na ocasião, às vésperas de um clássico mineiro, os arredores da Arena Independência foram palco de faixas de cunho homofóbico penduradas de modo a serem vislumbradas pelos torcedores do Cruzeiro durante seu percurso até o estádio.

De acordo com o *Globo Esporte* (02 jun. 2017), a reportagem *Homofobia, brigas e caçada a rivais marcam dia de clássico em BH* destaca que várias das faixas dispostas ao redor do local no qual a partida ocorreria continham dizeres como “sejam bem-vindas” nas cores do arco-íris, que simboliza o movimento lgbtqi+. Outras faixas, continham ameaças aos torcedores visitantes. Essa “recepção” gerou conflitos naquela mesma tarde em diversos pontos da cidade de Belo Horizonte, uma vez que os torcedores cruzeirenses entenderam as faixas como ameaças e também como desqualificação.

Um fato importante quando pensamos em clássicos regionais, especialmente os que acontecem na capital das cidades, é entender como os atos relacionados à violência ou ao subjugo passam necessariamente pela disputa da cidade, ou, pelo menos, dos lugares associados ao espaço onde a partida acontecerá ou onde os adversários passarão para transitar até o estádio/arena. Dessa forma, a competição, que se enquadra dentro das quatro linhas, se espalha

diz homem que denuncia homofobia em festa da Galoucura. **G1 MINAS**, Belo Horizonte, 27 dez. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/27/fui-expulso-por-ser-gay-diz-homem-que-denuncia-homofobia-em-festa-da-galoucura.ghtml?fbclid=IwAR2yf5igX5Z0BD_q29GKS2jU3mff2jOi2VGsjyPWxJkMbp8fDzaH5Y2MQKc. Acesso em: 01 de mai 2023.

para o espaço urbano, onde torcedores buscam diminuir as experiências de outros, nesse caso, atribuindo a questão da sexualidade como fator principal.

Essa aderência não é algo específico da cidade de Belo Horizonte e do clássico mineiro, como veremos a seguir, possuindo ocorrências em diversos pontos do Brasil e do mundo. Portanto, a cidade, para além de ser palco de produções culturais, de relações de lazer-produto, de disputas nas quais os movimentos sociais urbanos buscam adequações e modelos mais humanos de residência, é espaço também de disputas de hegemonia, no que tange o maior esporte do mundo e seus espectadores-torcedores.

Figura 12 – Cartazes da torcida do Atlético Mineiro para recepção dos torcedores do Cruzeiro



Fonte: Danilo Girundi/TV Globo

A busca pela invalidação da forma torcedora dos adversários, em especial atrelando-os a imagens feminilizadas ou associadas a cultura lgbtqi+ passa por uma noção primordial de disputa categórica, na qual a existência de uma torcida “mais masculina” seja atribuída à uma torcida ideal, que seja merecedora do espaço do futebol, dos estádios e, em associação, ao lugar cultural das cidades. Desse modo, a ideia de aversão à homossexualidade, para além de ser valorizada, passa a ser cultivada como o movimento ideal para obtenção de um espaço que verdadeiramente exerça o objetivo de torcer (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Assim, a violência simbólica construída a partir da inferiorização dos sujeitos homossexuais, que são evocados sempre de modo pejorativo dentro do ambiente futebolístico, disfire aos corpos dissidentes uma ameaça convicta, colocando-os no lugar de existência não desejada, não diferenciando esse espaço do restante da cidade, pelo contrário, espelhando o

movimento dentro do esporte considerado o mais popular. Visivelmente alvos de uma conotação violenta, de deboche e sarcasmos, os torcedores lgbtqia+ se sentem acuados ao pensar em frequentar o ambiente dos estádios, uma vez que são usados como meios de provocação e também como retaliação diante das provocações.

Em São Paulo, por exemplo, essas disputas acontecem da mesma maneira, com associações de torcedores que buscam inferiorizar e apontar fragilidades nas masculinidades de diferentes torcidas por meio da sexualidade, sempre acionada nesses casos. Como já mencionado, o homossexual é hostilizado enquanto parte da presença física, no entanto, sempre lembrado no contexto futebolístico. Os centros urbanos seguem sendo ponto de disputa no estado mencionado, assim como em solo mineiro e em diversos locais do Brasil.

No dia 25 de julho de 2023, às vésperas de um confronto decisivo pela Copa do Brasil, a torcida do São Paulo Futebol Clube espalhou faixas de cunho homofóbico contra o rival Sport Club Corinthians Paulista pela manhã daquela terça-feira na cidade de São Paulo. Os dizeres faziam alusão ao nome da maior torcida organizada do clube adversário, a Gaviões da Fiel, e antecipava o duelo que aconteceria na casa do rival, a Neoquímica Arena.

Em resposta, a torcida do alvinegro paulista entoou cânticos homofóbicos contra o rival tricolor nas vésperas do confronto final, uma vez que para avançar para a próxima fase no formato aderido pela Copa do Brasil de Futebol, os times fazem um duelo de ida e volta, um dentro da casa do adversário e o outro em casa (GLOBO, 15 ago, 2023). O jogo de volta, no estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, foi datado do dia 16 de agosto de 2023, com vitória do São Paulo, que avançou para a final do campeonato, sagrando-se como campeão no dia 24 de setembro de 2023.

Figura 13 – Torcedores do São Paulo estendem faixa homofóbica em provocação à Gaviões da Fiel às vésperas de clássico decisivo em 2023.



Fonte: Jornal Trivela

Além dos cânticos homofóbicos, os torcedores do Corinthians organizaram ato em frente ao Centro de Treinamento da Barra Funda, do São Paulo, onde expuseram uma faixa com dizeres que atribuíam a homossexualidade a um ato de desonra e pejo dentro do futebol. Essa faixa trazia uma menção ao termo “freguês”, que no futebol é utilizado para anunciar uma superioridade numérica de vitórias em detrimento às derrotas do adversário em um confronto. De modo a evocar novamente a homossexualidade como um fator de diminuição do coletivo de torcedores rivais, os torcedores modificaram a palavra freguês.

Figura 14 – Em frente ao Centro de Treinamento do São Paulo Futebol Clube, torcedores do Corinthians expõem faixa de cunho homofóbico.



Fonte: Canarinhos LGBT

Embora consideradas situações rotineiras no âmbito futebolístico, existe uma lei no estado de São Paulo que visa punir administrativamente sujeitos que discriminarem lgbs em território paulista. A lei número 10.948 de 05 de novembro de 2001, permanece vigente e visa proteger e atribuir direitos civis aos sujeitos pertencentes à sigla. Em seu artigo primeiro, esclarece que “será punida, nos termos desta lei, toda manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra cidadão homossexual, bissexual ou transgênero” (SÃO PAULO, 05 nov, 2001).

No entanto, as manifestações de cunho esportivo não são tidas como atentatórias ou discriminatórias com frequência. Também referente ao clássico paulista, pouco antes da ocasião mencionada acima, do confronto da Copa do Brasil, o Corinthians teve como punição um jogo com portões fechados, também por ocorrência de cânticos homofóbicos em partida pelo Campeonato Brasileiro, no dia 14 de maio de 2023. O adversário era o mesmo, São Paulo, e o

clássico paulista Majestoso¹⁰⁰ terminou empatado em 1 a 1, na Neo Química Arena. De acordo com o jornal *LANCE!*:

O árbitro Bruno Arleu de Araújo relatou o ocorrido em súmula e o Corinthians foi enquadrado no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, que trata sobre "praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. (*LANCE!*, 06 jun, 2023)

Ao passo que a defesa do Corinthians alegou que se tratava de uma questão histórica, de anos de rivalidade que fomentavam essa condição nas arquibancadas alvinegras (*GLOBO*, 06 jun, 2023). Para além, Daniel Bialski, em sua condição de advogado do clube alvinegro disse que:

Não necessariamente existe dolo a se dizer "isso é homofóbico, de extrema gravidade". Não é de extrema gravidade. Não tem dolo. É canto para provocar time e incentivar o outro time. Muito diferente de caso de racismo, como aconteceu com o Vini Jr lá fora. Ali houve dolo, chamando o jogador de macaco¹⁰¹. (*GLOBO*, 06 jun, 2023)

A partir da fala do advogado, se pode perceber que aos olhos da defesa corinthiana, o crime de homofobia e o de racismo não são enquadrados na mesma perspectiva de violência e desumanização. No entanto, diante da Justiça Desportiva, os dois crimes são percebidos e enquadrados na mesma categoria, inclusive são analisados a partir do mesmo artigo do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, o artigo 243, que prevê a proibição de “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.

Ainda dentro das quatro linhas, o árbitro Bruno Arleu de Araújo, que foi quem relatou o ocorrido dos cânticos no clássico Majestoso, paralisou a partida aos 17 minutos. Ao solicitar a paralisação, o telão da Neo Química Arena prontamente exibiu mensagem solicitando aos

¹⁰⁰ Apelido do clássico alcunhado pelo jornalista Tommaso Mazzoni, do jornal *A Gazeta Esportiva*. Leva esse nome em consideração ao grande número de disputas e história entre os dois rivais paulistas e a grandiosidade dos duelos. Marcado pelos conflitos que são frequentemente associados a uma disputa pela consideração hegemônicas de uma masculinidade disposta nos estádios, o clássico Majestoso é um excelente clássico para se analisar de modo a considerar como as disputas esportivas aderem outro viés quando relacionadas a uma importância de desqualificar o rival. Ler mais em: SOUZA, Larissa Serpetini. Sociologia do majestoso: uma análise interseccional do clássico do futebol paulista. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 5, n. 1, p. 488-510, jul. 2019.

¹⁰¹ Vinicius Júnior, jogador brasileiro do Real Madrid, clube da Espanha, é vítima de racismo em diversos momentos dos campeonatos disputados pelo clube. Ler mais em: ESPN BRASIL. Vinicius Jr. e Real Madrid: casos de racismo e a linha do tempo. **ESPN Brasil**. 23 ago. 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/_id/13686329/vinicius-jr-real-madrid-racismo-casos-linha-do-tempo. Acesso em: 25 de mar 2024.

torcedores que cessassem as provocações, cientes da probabilidade do enfrentamento jurídico, em especial devido ao número de reincidências por parte da torcida.

Figura 15 – Telão da Neo Química Arena exibe mensagem após cânticos homofóbicos da torcida do Corinthians



Fonte: GE/Bruno Cassucci

Ainda que exista uma movimentação que procura tornar a existência da população lgbtqia+ inválida e/ou invisibilizada diante do motor cultural do futebol, é possível perceber que sua figura é constantemente evocada seja dentro dos estádios ou em setores que se associem ao futebol de modo geral. O subjugo por parte de uma ética machocrata para com esses sujeitos não são definitivos, uma vez que nos últimos tempos as denúncias envolvendo as práticas lgbtfóbicas estão sendo denunciadas cada vez mais.

Entende-se, desse modo, que muito embora haja a tentativa de manutenção desse *status quo* que busca reiterar a perspectiva de que esse espaço é um espaço de macho (FRANZINI, 2005), existem também movimentos de sujeitos lgbtqia+ que buscam acesso a esses lugares, assim como acesso ao restante da cidade de modo seguro, com leis que regem pela sua segurança e se executam em concomitância com seus direitos à cidade e partes integrantes dela, como é o caso dos estádios de futebol.

Assim, compreende-se que as disputas pela cidade ocorrem em âmbitos econômicos, sociais, culturais e abrangem, inclusive, os fatores de gênero, raça e sexualidade, uma vez que são categorias determinantes ao examinar o potencial de vidas que merecem habitá-la, pautadas nas referências associadas ao patriarcalismo e ao espectro classicista. Os movimentos de entendimento da cidade como uma idealização também partem da ideia de conseguir abranger o maior número de subjetividades nela existentes e atravessam as questões de discriminação cotidianas em âmbitos geográficos físicos e simbólicos, como sugere Harvey (2014).

Capítulo 3 - Agenciamentos no torcer: corpos subalternizados e a ocupação do espaço do macho

O dia era 10 de abril de 1977, período em que ainda estava em curso uma ditadura civil militar em solo brasileiro. As políticas de repressão eram intensas, em especial no que se refere ao campo da militância política e do discurso sobre a moralidade, sustentados pelo pensamento conservador do período. Nessa fatídica data, um grupo de torcedores gremistas adentra o Estádio Olímpico para torcer por seu time em mais uma partida, empenhados em fazer daquele evento um momento histórico para o futebol brasileiro.

A Coligay estreou com vitória: Ancheta e Eurico marcaram os gols do Grêmio em cima do Associação Santa Cruz pelo campeonato estadual. Na ocasião, os membros da nova torcida organizada usavam longas túnicas listradas com as cores do clube e kaftas¹⁰² que traziam as letras do nome Grêmio, além de chapéus com paetês, uma indumentária nada comum a de outros torcedores naquele espaço, muito embora a intenção de todos tenha sido a mesma: vibrar em prol do clube gaúcho.

Em livro dedicado às memórias da Coligay, Léo Gerchmann versa sobre esse primeiro contato entre os torcedores, de acordo com os relatos dos membros da torcida:

Agiam como estavam acostumados a agir: aparentavam ignorar os olhares que os fuzilavam, o escárnio que já enfrentavam no cotidiano de uma sociedade preconceituosa, nas ruas de uma cidade e de um país homofóbico. A tática foi a de sempre, a de fazer de conta que não era com eles, adotando aquele clássico olhar de paisagem, de uma indiferença doída, dissimulada, mas não resignada. (GERCHMANN, 2014, p. 19)

O impacto de visualizar corpos e trejeitos que não se encaixavam na rotina dos torcedores do Olímpico os faziam olhar descaradamente e com reprovação para os novos adeptos do espaço, que nada faziam além de romper com a perspectiva de que aquele ambiente não era para eles. Na década de 1970, no curso de uma Ditadura Civil Militar de caráter moralista e conservador, os “moços da Coligay” fizeram história.

As repreendas pela dessacralização do espaço do macho a partir daqueles sujeitos não foram o suficiente para evitar que voltassem nas próximas partidas: eles voltaram por seis anos. Para além do Olímpico, viajavam para acompanhar o Grêmio, como fazem as torcidas organizadas comuns de qualquer clube. A justificativa para isso, além do amor clubístico, era a

¹⁰² Uma espécie de túnica de origem indiana.

de que queriam ajudar “com alegria, civilidade e inteligência, a remover a tal cultura obtusa de ser contra uma simples orientação sexual” (GERCHMANN, 2014, p. 19).

A conquista desse espaço, entretanto, é claro que não foi concedida pacificamente. Ao enxergarem os rapazes como profanadores da norma heterossexual dos estádios, os primeiros impulsos dos torcedores mais tradicionais foram os xingamentos, os olhares de repulsa, as piadas e até casos de apedrejamento, segundo o jornalista Léo Gerchmann em sua obra. Por fim, os sujeitos mais indispostos começaram a se organizar em lugares distantes do espaço da Coligay para assistirem aos jogos.

Esse ato em si já é um indicativo de que, para muitos, aquele não era o local para que eles exercessem o seu lazer. Antes do amor clubístico, deve existir uma repetição da masculinidade hegemônica que seja lida pelos atores da prática que estarão ao seu lado nas trincheiras de fora das quatro linhas. Como não era o caso, a repulsa sentida por esses torcedores se extravasava em distanciamento, como se ao se distanciarem, não fizessem mais parte daquele movimento uno de torcedores do Grêmio e os rapazes da Coligay fossem intrusos.

Esse capítulo irá versar especialmente sobre essas subversões da premissa de que o futebol deve ser um ambiente que espelha a masculinidade hegemônica heterossexual, buscando organizar os documentos encontrados a respeito do surgimento das torcidas LGBTQIA+, incluindo a Coligay, de modo a evidenciar essas organizações e os atos que colocam em xeque a já naturalizada LGBTfobia no esporte¹⁰³, muito mais do que as violências sofridas por elas.

Capítulo 3.1 – Da Coligay à Germán Cano: um panorama das subversões no futebol

O nome dado a esse subcapítulo faz referência a dois momentos impactantes na luta LGBTQIA+ dentro do esporte: o primeiro, à existência da primeira torcida organizada LGBT do futebol, e o segundo, ao ato de em 2021, Germán Cano empunhar a bandeirinha de escanteio – com as cores da bandeira do arco-íris estampadas em comemoração ao dia do orgulho – ao fazer um gol.

Em relação à menção da Coligay (experiência torcedora de 1977 a 1983), que se trata de uma experiência pioneira em solo brasileiro, busquei também abordar no título desse subcapítulo por se tratar do momento em que o meu recorte histórico começa, visto seu impacto

¹⁰³ Nesse caso, para além dos movimentos de torcedores, evidenciarei também as iniciativas de clubes de futebol a partir de suas diretorias.

no enfrentamento à estrutura machocrata do esporte em pleno curso do período ditatorial e também ao seu resgate atual nos campos acadêmicos, jornalísticos e históricos, com o avanço das pautas progressistas em todos os setores da sociedade.

Já ao mencionar o atleta Germán Cano¹⁰⁴, me refiro à ocasião do dia 27 de junho de 2021, quando em comemoração ao Dia do Orgulho LGBTQIA+, o Vasco da Gama confeccionou uma camisa diferenciada para a partida contra o Brusque Futebol Clube¹⁰⁵ pela Série B. A camisa continha uma longa faixa com as cores do arco-íris que vinha do ombro à altura da cintura dos atletas e, em destaque, a Cruz de Malta no tom vermelho de sempre.

A ação do clube em si já obteve destaques na mídia, muito embora o jogo acontecesse pela Série B, porém o que mais chamou a atenção naquele dia foi a atitude do então artilheiro do clube carioca, Germán Cano. Após fazer o gol, jogada em que recebeu a bola do companheiro de equipe, Morato, e chutou de primeira para abrir o placar em São Januário, o atleta disparou até a bandeirinha de escanteio – também personalizada com as cores do arco-íris –, tirou do gramado e a levantou.

Figura 16 – Comemoração de Germán Cano com bandeira LGBTQIA+



Fonte: UOL

¹⁰⁴ Germán Ezequiel Cano Recalde é um atleta argentino que atuou pelo Vasco da Gama e atualmente defende o Fluminense Football Club.

¹⁰⁵ A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Brusque.

Depois, em entrevista, Cano relatou que sua reação ao gol foi instintiva e natural, coincidindo de abraçar o movimento de celebração iniciado pelo clube que defendia:

O bom dessa comemoração é que não foi planejada. Foi algo do momento e isso o torna mais bonito. Quando fiz o gol, me ocorreu correr até a bandeira, tirá-la e pegá-la, dando uma mensagem de respeito, paz e amor. Somos todos iguais e cada um pode pensar livremente o que quiser. Essa é a mensagem que queria transmitir para todo mundo. Afetou muito em diversos países e o mais bonito é que foi natural e sincero. Nada planejado (QUEER IG, 2021).

Essa ação foi a primeiro ato prático de efeito em solo brasileiro em que um jogador usou sua visibilidade para chamar a atenção para a problemática da pauta e da falta de discussões a respeito dela no âmbito do futebol. As reações acerca da acontecido em São Januário foram das mais diversas. Muitos aplaudiram ao ato do artilheiro do Vasco da Gama na temporada, enquanto outros o criticaram sob a justificativa de que existe uma necessidade de “holofotes” para a população LGBTQIA+ e que o esporte agora estava “contaminado” por essa lógica.

Cano, ainda naquele mês, modificou a sua foto de perfil nas redes sociais por um filtro utilizado por usuários que simpatizam com a causa e, enquanto utilizava essa imagem, enviou uma mensagem pública ao jogador australiano Josh Cavallo, que havia assumido sua homossexualidade através de um vídeo postando em suas redes sociais. Na mensagem, o jogador do Vasco da Gama pontuou que agradecia a Josh por ser valente e que “necesitamos más personas como tú em el mundo, sin miedo a nada¹⁰⁶”. Completou a mensagem oferecendo ao atleta uma camisa – a mesma camisa comemorativa do dia do orgulho e da comemoração do gol – sua.

Figura 17 - Germán Cano adere filtro em homenagem ao mês do Orgulho LGBTQIA+



Fonte: IG Queer

¹⁰⁶ Germán Cano publica apoio a Josh Cavallo, jogador que assumiu homossexualidade publicamente. **Lance Net**, 29 de out. de 2021. Disponível em: < <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/german-cano-publica-apoio-josh-cavallo-jogador-que-assumiu-homossexualidade-publicamente.html> > Acesso em: 16 de dez. de 2022.

Certamente todo o envolvimento de apoio de Germán Cano garantiu também muitos comentários contrários aos seus posicionamentos, sobretudo por se tratar de uma figura que carregava a potência de artilheiro de um clube profissional. Ao se colocar como um sujeito que ampara as questões acobertadas e/ou excluídas do ambiente futebolístico, como no caso das sexualidades divergentes e de seus atores, sejam eles atletas ou torcedores, ele se distancia do lócus machocrata de caráter conservador, ao mesmo tempo em que ainda é lido como uma personagem influente na dinâmica do campo por sua capacidade de fazer os gols que são elencados à vitória.

Considero esse episódio algo importante o bastante para incluir na intitulação de um subcapítulo desse trabalho, não só por ser um fato isolado dentro da cadeia masculinizada e heteronormativa do futebol brasileiro e de um de seus agentes principais – os atletas -, mas também pela posição ocupada pela figura relevante de Germán Cano, protagonista do time do Vasco à época, ao se envolver na causa.

As recolhas dos documentos foram feitas principalmente a partir do acervo de portais *online* de sites esportivos, frisando o *Globo Esporte*, *Placar* e *UOL Notícias*. Na documentação produzida pela *Placar*, foram encontradas sessões que tanto vangloriavam a existência da torcida da Coligay, primeira mencionada na intitulação do capítulo, como de modo sarrista, torcedores encontravam maneiras de mencionar essa experiência como que para invalidar a torcida gremista do “campo do torcedor ideal”.

Em maio de 1977, a Coligay ganha duas páginas e meia de destaque na revista, com a descrição “a torcida oficial é contra. Os dirigentes também. Mas a ala gay acompanha o tricolor, como diz o hino” (PLACAR, 1977, p. 49-51). Apenas um mês após o seu início, a *Placar* aponta que a torcida contava com cerca de 60 integrantes nas arquibancadas, todos trajados com as vestimentas elaboradas. A reportagem diz que:

Um tanto afastado das outras torcidas organizadas do clube – a Força Azul e a oficial Eurico Lara -, aquele grupinho de torcedores, se despertou algum sentimento de quem o observava à distância, foi o de surpresa: superava em animação as outras duas, batendo seus tambores e berrando o tempo todo em um jogo que o time levava fácil (PLACAR, 1977, p. 49)

A potência dos torcedores instalados no Olímpico era camuflada pelos ânimos dos novos frequentadores, que a cada jogo que se passava conquistavam mais adeptos visto que “a cada jogo expandiam suas fileiras”, de modo a comportar todos os entusiastas do esporte e do torcer com a Coligay. Nessa mesma reportagem, o autor menciona que a torcida gay do Grêmio fez com que muitos gremistas se sentissem contrariados com a presença, sobretudo porque a

gozação dos rivais gaúchos, os colorados, aumentou de modo significativo após a aparição dos sujeitos com túnicas e “gestos extravagantes e afetados”:

- Era só o que faltava. Logo neste ano, quando estava tudo certinho¹⁰⁷, com nosso time bem mais ajeitado que o deles, aparece essa gente para desmoralizar tudo.
- Pra que essa tristeza, rapaz? A torcida de vocês sempre foi isso aí. Só que agora vocês resolveram abrir o jogo. A Coligay é apenas a comissão de frente. – gozam os colorados.
- Olha, eu por mim comandava uma pauleira contra eles, mas toda vez que eu falo nisso na arquibancada o pessoal manda deixar pra lá, que é feio brigar dentro da própria torcida. Mas não considero aqueles caras torcedores. Eles querem é rebolar, é aparecer. (PLACAR, 1977, p. 49).

Os membros da torcida organizada oficial Eurico Lara também demonstraram o seu repúdio ao grupo através da figura de José Buaes, que externalizou achar “lamentável” e “uma vergonha”, além de expressar que jamais esperou que isso aconteceria com “nosso Grêmio”. O baque sofrido por esses indivíduos ao comportarem o mesmo espaço e uma mesma identidade com sujeitos estigmatizados por suas sexualidades, e acima de tudo, por possuírem uma paixão em comum com eles, os fazia acreditar que aquela situação inferiorizava o clube. Em adição à inferiorização do clube, havia também a inferiorização da masculinidade própria da identidade gremista, visto que era como se houvesse uma confirmação motivadora do escárnio das disputas homofóbicas entre as torcidas.

Entretanto, apesar dos constantes ataques dos gremistas e de torcedores adversários, o idealizador da Coligay, Volmar Santos, à época com 29 anos, garantiu que a torcida havia “chegado pra ficar”, anunciou que haviam comprado uma kombi para transportar os integrantes para outros locais além do Olímpico e que iriam em breve contar com uma variedade de instrumentos de sopro para juntar forças aos tambores:

- O que eles não entendem é que antes de tudo somos gremistas, que vibramos de paixão pelo nosso clube. Toda essa turma que está aí já vinha ao estádio há muito tempo, e a única diferença é que agora estamos reunidos, torcendo numa boa, na nossa, entende? (...) Acabar? Pelo contrário. Já temos uma kombi que leva representantes nossos para cidades do interior, muitos vão em seus carros, de ônibus. E tem mais: já falei com muitos cabeleireiros meus amigos, eles ficaram encantados com o sucesso que a torcida está fazendo e prometeram aderir e convidar seus amigos. Só queremos paz e alegria, mas já vou avisando a quem mandar contra nós: tem muita gente importante, que não quer aparecer, nos dando apoio (PLACAR, 1977, p. 50).

¹⁰⁷ Referência ao fim do jejum de títulos gremista e fim da hegemonia colorada no Rio Grande do Sul.

Além disso, Volmar também comenta que sua atitude de idealizar uma torcida gay partiu do fato de que, em primeiro lugar, era sócio do clube dois anos antes da formação da turma e não conseguia usufruir do estádio de maneira plena – retorno ao fato de que para pertencer à comunidade futebolística, são exigidas algumas práticas, dentre elas a de mutilar parte de si, caso não esteja de acordo com o padrão estabelecido pela norma masculinizada -; em segundo, porque frequentava o estádio desde muito novo, o que definitivamente traz uma identificação clubística e subjetiva; em terceiro lugar, Volmar sugere que a torcida gremista antes da experiência da Coligay só “incentivavam o time quando ia bem”. Ele diz que “quando parti para recrutar gente, tinha que pensar em gente como eu”, o que nos remete à ideia de que o agrupamento de indivíduos traz uma noção de força e potência, especialmente nas tentativas do escape da norma dos ambientes.

Jorge, o integrante da outra torcida organizada, a Força Azul, garantia que não se incomodava. Em entrevista disse que “era tudo Grêmio”, o que fazia com que os rapazes da Coligay fossem associados à identidade gremista ao invés de negados e repudiados como nas falas de José Buaes. Vale salientar que alguns torcedores da Força Azul se juntavam à Coligay para torcerem pelo Grêmio em algumas ocasiões.

Na parte inferior da última página da reportagem, existe uma propaganda de ferramentas com o *slogan* “Duração é ferramenta de homem”, na mesma página em que Tarciso, à época atleta do Grêmio, reclamava que “o mundo estava virado mesmo” ao ser questionado sobre a presença dos rapazes. De fato, a propaganda com dizeres que ressaltam a construção de uma masculinidade rígida e de funções de gênero específicas abaixo de uma reportagem sobre a primeira torcida gay do Brasil não parece ter sido despretensiosamente organizada pela revista.

Segundo a pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos (2018)¹⁰⁸, após os estranhamentos iniciais dos primeiros jogos frequentados pelos membros da Coligay, a torcida passou a ser bem vista inclusive pelos jogadores e pelo técnico Telê Santana:

Eles tem o direito de assistir ao jogo como qualquer outra pessoa. Querem incentivar o time e realmente conseguem isso. Eu observo o grupo no túnel e vejo que gritam muito. Acho que qualquer iniciativa para incentivar o Grêmio deve ser bem aceita. (GERCHMANN, 2014, p. 95)

Gerchmann em sua obra narra, em contrapartida, a “cruzada” do técnico contra o estabelecimento do líder da Coligay, Volmar Santos, que era dono de uma boate gay em Porto

¹⁰⁸ Ler mais em: ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay**. 2018. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018, p. 60

Alegre. Telê vigiava de perto seus jogadores, por vezes se encaminhava com alguns dirigentes do clube até a entrada da boate, buscando o mínimo sinal de que não estivessem cumprindo os descansos dos treinos ou dos jogos e estivessem, em verdade, perambulando nas imediações do estabelecimento. Não sabia, no entanto, que Volmar solicitava ao porteiro para que o notificasse caso notasse a presença do treinador. Quando havia de fato algum jogador se divertindo na boate, Volmar o abrigava em sua sala até que Telê se retirasse do local de vigia, certo de que seus comandados estariam em seus lares “longe dos perigos noturnos” (GERCHMANN, 2014, p. 95).

A não-convencional torcida tricolor foi pautada também na conquista do mundial do Grêmio e, de modo simpático, atribuía-se às vitórias do momento à presença engajada da Coligay nos estádios. Aos poucos, a aceitação de dividir o ambiente com aqueles torcedores passou a ser evidente, especialmente devido ao bom momento futebolístico do time. É claro que as medidas do idealizador do grupo, inclusive de incentivar os membros a fazerem karatê para praticar a autodefesa em caso de necessidade, auxiliaram no processo.

De forma geral, o que mais chama a atenção no caso da Coligay é justamente a mobilização tida pelos homens gays gremistas, que tiveram a iniciativa de olhar para o estádio como um espaço a ser conquistado, cientes do processo machocrata que ocorria e ocorre ainda hoje dentro do futebol e, ainda, considerando as questões que envolviam o momento político do país no auge de sua criação e aderência enquanto torcida organizada do Grêmio. Muito embora a aceitação por parte da composição hegemônica do Olímpico passasse também por um ideal baseado numa mística – uma vez que com a presença da Coligay, o clube passou por uma boa fase –, é possível perceber através, inclusive da fala de Telê Santana, que a torcida passou a ser, senão aceita, relevada.

Em 14 de outubro de 1977, por exemplo, em uma sessão aberta aos leitores na revista *Placar*, houve um comentário acerca do título do Campeonato Gaúcho, no qual o Grêmio se sagrou campeão. Partindo de um residente de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, não havendo identificação se por acaso se tratava de um gremista ou de um colorado – torcedor do Internacional –, a mensagem se dirigia ao clube, mas trazia uma parabenização pelo título também à Coligay (PLACAR, 1977, p. 69). A menção poderia ser irônica, porém é importante para pensarmos na relevância da torcida para o momento, uma vez que comemoração de um título é um momento de intenso festejo.

Em outra sessão aberta aos leitores, um leitor de nome Wellington lamenta a inexistência de uma torcida como a Coligay em Campinas, cidade do estado de São Paulo. Ele diz: “Fiquei deslumbrado com o espetáculo oferecido Coligay, do Grêmio. Por que não existe

torcida da mesma espécie em Campinas?” (PLACAR, 1979, p. 54). O deslumbramento em relação às exibições das torcidas com o intuito de empurrar o time para um cenário positivo são comuns a quem desconhece o universo do futebol e o frequenta uma primeira vez, no entanto, o leitor nesse caso menciona a sua reação ao se deparar com a torcida especificamente, uma vez que a Coligay não era parte do torcedor-ideal, que mencionamos nos capítulos anteriores.

Se Wellington pedia por uma torcida como a Coligay em Campinas, no ano seguinte um pequeno trecho intitulado “Onde deu pé” trouxe um relato na revista *Placar* de uma associação no território mencionado, com o nome de *American Gay* (PLACAR, 1980). A pequena reportagem está localizada ao lado de uma maior, noticiando a morte do zagueiro Fontana, que havia passado pelo Vasco, Cruzeiro e pela Seleção Brasileira de Futebol, intitulada “A morte de um cabra macho”. Se estrategicamente ou não, não podemos afirmar, mas a estruturação da página é paradoxal, na medida que aciona o nascimento de uma entidade diversa dentro do futebol e, ao mesmo tempo, reitera a noção da virilidade através do termo “cabra macho”, associando-a a um jogador de futebol.

Figura 18 – Recorte da revista Placar tratando da *American Gay*

A MORTE DE UM CABRA MACHO

A morte de Fontana aos 39 anos, de enfarte, semana passada no Espírito Santo, onde o ex-jogador do Vasco, do Cruzeiro e da Seleção era fazendeiro, chocou Sérgio Cabral mais do que a qualquer outro torcedor. Uma historinha revela o respeito que o jornalista e compositor tinha por ele:

Vasco campeão carioca de 70, Sérgio invadiu o vestiário para apanhar um troféu prometido por Fontana: a camisa. Vestiu a camisa molhada de suor e saiu pelo Rio de Janeiro exibindo-a como relíquia. Quando chegou em casa, pediu a sua mulher que a guardasse e nunca a lavasse.

Desse dia em diante, toda vez que um filho seu, Serginho ou Maurício,

ONDE DEU PÉ

A *American Gay* é a torcida recém-fundada em São José do Rio Preto. Entretanto, discriminada pelas torcidas mais tradicionais — e ortodoxas — da cidade, ela só conseguiu fazer a sua estréia em Campinas, durante o jogo entre o América e a Ponte Preta.

ANTIGUIDADES

Em Maceió, vários jornalistas esportivos comentavam, numa rodinha, sobre a idade avançada de alguns craques do futebol alagoano. Foi quando o cronista Jurandir Costa Personagem saiu-se com esta:

— Esses aí são todos antigos, mas o Deco (CRB) e o Miranda (CSA) são do tempo em que o arco-íris era preto e branco.




O “xerife” Fontana: um zagueiro de garra.

“Reduzir minha proposta sem que o Náutico aumente a dele é o mesmo que tirar água do Capibaribe para botar no Amazonas.”

Dario, negociando a renovação de seu contrato.

Fonte: Placar

Para além da Coligay e de torcidas que foram mencionadas somente uma única vez nas fontes de imprensa consultadas, também pude encontrar algumas reportagens associada a uma torcida composta por homossexuais do Clube de Regatas do Flamengo, a FlaGay. Essa, ao contrário da torcida organizada gremista, não teve um grande número de aparições por

diferentes razões, no entanto, marcou seu lugar na história devido ao enfrentamento diante de uma de maiores torcidas do Brasil, a rubro-negra carioca.

Assim como a torcida do Sul, a FlaGay também tem surgimento em meio ao processo de reabertura do regime civil-militar, processo denominado redemocratização, ao final da década de 1970, período em que a sociedade brasileira ainda advinha de um processo condicionado de extremo conservadorismo. Ambas as facções mencionadas têm um papel fundamental no pioneirismo das articulações LGBTQIA+ no futebol existentes hoje.

Leonardo Martinelli (2020) versa a respeito dos ativismos representados a partir das figuras subalternizadas que, na segunda metade da década de 1970, ousaram trajar as cores de um clube de futebol e festejar nas arquibancadas. O autor aponta para o fato de que essas ousadias trouxeram para o universo denominado “mundo macho” questões como a “visibilidade da causa homossexual, empoderamento, afirmação e enfrentamento ao sistema heteronormativo” (p. 302), cujo teve um alto índice de aderência na época, devido às políticas conservadoras da ditadura civil-militar e seus resquícios pós sua dissolução.

É dentro dessas possibilidades que as torcidas LGBTQIA+ se enquadram, na medida em que disputam espaço nesse universo masculinizado, sem padronizar os seus corpos - ou retornarem aos “armários” - ao aproveitarem o momento de lazer e da prática ativa de torcer por seus clubes em conjunto com os demais torcedores. Pinto (2019) fez importante levantamento acerca do movimento de acesso da FlaGay dentro do Maracanã e os motivos pelos quais a sua presença no reduto foi tão hostilizada naquele momento, inclusive pelo presidente do clube, à época.

Em um de seus trabalhos, Maurício Pinto (2019) recorre à pesquisa em acervos digitais de jornais de esporte do Rio de Janeiro, principalmente o Jornal dos Sports, à época um dos mais populares do estado. Dentro dessas menções, Pinto discorre que as notas e matérias encontradas “mostram um esforço para caracterizá-la (a FlaGay) como um acontecimento que não se adequava ao campo futebolístico, cuja descrição mais se assemelhava à preparação de um desfile de fantasias ou de uma escola de samba” (PINTO, 2019, p. 104). Nesse caso, é importante mencionar que a torcida da Coligay também se valia de apetrechos chamativos para fazer a festa da arquibancada a seu modo e que, principalmente, não se condicionavam a pedagogia masculinizante dos estádios de futebol.

Segundo Pinto, num outro movimento, o jornal Lampião da Esquina¹⁰⁹, importante publicação na história do movimento LGBT no Brasil, rechaçou os casos de homofobia

¹⁰⁹ A publicação Lampião da Esquina esteve em atividade de circulação do ano de 1978 até 1981. Está disponível em formato digital através de acervo em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>.

ocorridos por parte de uma parcela da torcida do Flamengo em conjunto com a sua diretoria, repudiando as ações de combate da presença da FlaGay no Maracanã. O próprio presidente Márcio Braga, que até então havia sido citado em uma entrevista como um dos apoiadores da criação da torcida, negou através de matéria divulgada pela revista *Placar* no dia 19 de outubro de 1979 que aceitaria a presença dos atores do manifesto no Maracanã.

A afirmação de que ele estaria disposto a aceitar e a apoiar o grupo de torcedores gays partiu de Evandro de Castro Lima, costureiro, carnavalesco e um dos idealizadores do movimento, em uma edição do dia 26 de setembro de 1977. Segundo Pinto, Evandro “acompanhado pela reportagem em uma ida ao estádio Mário Filho, aproveitando do ensejo e da popularidade alcançada pela Coligay, anunciava que uma nova torcida rubro-negra estava em vias de surgir no cenário esportivo” (PINTO, 2019. p. 111).

Em um dos trechos encontrados pelo autor, Pedro Paradela, apontado como um dos líderes pelo *Jornal dos Sports* (07/10/1979, p. 7) dizia que:

- É preciso acabar com esse negócio de que o Flamengo é machão latino-americano. Flamengo é povo, é tudo. Portanto, me sinto honrado em ser o presidente de uma facção da torcida tão importante como será a FlaGay. Vamos fechar no Maracanã, dando um show de plumas e paetês, naturalmente, sempre incentivando o Mengão. (*Jornal dos Sports*, 1979, p. 7)

Um segundo fator que dificultou a aderência da torcida nas arquibancadas, além da consistente homofobia, foi a presença de Clóvis Bornay, um importante carnavalesco, idealizador de bailes e museólogo de profissão, que tomou frente à iniciativa mesmo sendo torcedor do Botafogo Futebol e Regatas¹¹⁰. Para o universo do futebol, a decisão e engajamento por e para um clube é tida como uma decisão definitiva, ocorrendo diversos julgamentos em relação à veracidade dos sentimentos associados ao esporte em caso de mutação, especialmente quando se envolve a noção dos times rivais, como era o caso de Clóvis, ex torcedor do Botafogo.

De fato, a presença de Clóvis se tornaria incômoda para os torcedores do Flamengo por uma série de motivos, que seriam associados desde a quebra desse movimento de reafirmação do espaço do macho e de que “torcer é coisa séria”, até ao fato de que o mesmo não havia se comprometido com o seu time inicial, e que, portanto, seria simples para o carnavalesco “pular o muro¹¹¹” outra vez. A identidade de um torcedor com o seu clube parte inclusive da ideia de

¹¹⁰ A partir de agora me refiro ao clube apenas como Botafogo.

¹¹¹ A expressão ‘pular o muro’, nesse caso, faz referência a ir para o outro lado, se associar a outro clube, especialmente em casos de rivais.

que ele o produz em conjunto com o coletivo, por isso, sua associação e vínculo passam a ser considerados vitalícios.

O estranhamento em relação ao ex-botafoquense não era a única coisa perturbadora para os torcedores e para a mídia carioca. Outra percepção, aludida por Maurício Pinto, é a de que:

Ao referir-se à FlaGay e aos seus integrantes, muito pouco é falado do apoio da torcida ao time ou do quanto esses torcedores eram apaixonados pelo Flamengo, noções imbricadas à identidade torcedora. Nas narrativas feitas pelo Jornal dos Sports sobre a FlaGay é possível perceber um tom caricato – o que contribuía para reforçar estereótipos da população homossexual e da sua relação com o futebol. (PINTO, 2019. p. 113)

Ao planejar produzir um espetáculo, de modo a chamar a atenção no Maracanã, a nova torcida passou a entonar a ideia de que a partida de futebol seria um plano secundário à sua ação e não, de fato, o que a motivava. Essa percepção fez com que alguns agentes, inclusive aqui o próprio presidente do clube, se manifestasse contra a existência da facção, deixando claro que o espaço do Maracanã se destinava ao que se era considerado natural. Em divulgação da revista *Placar*, no dia 19 de outubro de 1979, Márcio Braga abria o jogo em relação a situação:

Mas brigas de bastidores à parte, o Fla-Flu de domingo também viveu de lances engraçados. Com a anunciada presença da recém-criada Fla-Gay no Maracanã, a torcida do Mengão se dividiu. A maioria mostrou-se escandalizada com uma torcida de homossexuais. Márcio Braga também firmou posição contra, alertando que expulsaria Clóvis Bornay e sua trupe com a ajuda da polícia – uma atitude, no mínimo, pouco democrática. Diante da ameaça, Bornay batia o pezinho e acusava Márcio Braga de fascista, de perseguir as minorias. Enquanto Bornay tinha seus chiliques, um torcedor passou por perto e comentou: “praga de bicha, malandro, é pior que despacho de bode preto.”

Figura 19 – Reportagem da revista Placar acerca da presença da FlaGay em 1979



EXCLUSIVO
Aristélio Andrade

Foi um Fla-Flu digno de todas as suas tradições. Começou com um gol perdido por Cláudio Adão — uma defesa espetacular de Paulo Goulart, que defendeu até pênalti, constituindo-se no grande herói da tarde. E terminou com um golaço do novato Cristóvão, baiano bom de bola, dando um corte seco na malandragem de Manguito e fazendo explodir o Maracanã. O recheio, entre esses dois lances, foi uma quantidade de emoções mais que suficiente para fazer estourar qualquer coronária.

A história do jogo começou na véspera. Durante toda a semana, o Fluminense fazia mistério sobre a escalação de Parraro e deixava sua torcida com os nervos à flor da pele. Afinal, Parraro enchera os olhos dos tricolores com três golaços em sua estréia. Era a reedição de Flávio, Valdo e Carlyli, todos, coincidentemente, marcando três gols em seus primeiros jogos. E em todos esses anos o Flu foi campeão.

Flamengo promete boicotar a Seleção

No Flamengo, a onda era em torno de Zico. Coutinho tinha medo de precipitar a volta do jogador e agravar sua contusão ou, pelo menos, retardar ainda mais sua recuperação. Um exemplo de que seus temores tinham algum fundamento foi o caso de Carlos Henrique. Curado da distensão, o ponta entrou com Zico no 2.º tempo e sentiu, saindo e deixando o Flamengo com 10 homens.

Com a perda da vantagem de dois pontos no domingo, cresce no Flamengo a determinação da diretoria de não ceder qualquer de seus jogadores para



Pintinho, Zezé e Parraro: trio-tormento na área do Flamengo.

a Seleção Brasileira que disputa a Copa América. Com a palavra o presidente Márcio Braga:

— Não podemos correr o risco de ceder nossos jogadores para a partida de Assunção, dia 24. Lá, eles batem no pescoço. E quem responde pela perda do tricampeonato, com os consequentes prejuízos financeiros? A CBD?

Quer dizer, o Fla-Flu também faz história depois do jogo. Se o Fla tivesse ganho do Flu, certamente os jogadores rubro-negros estariam atuando contra o Paraguai sem maiores complicações. Agora, com sua já manifesta má vontade em relação à política da CBD, Márcio Braga vai endurecer mais ainda.

Mas, brigas de bastidores à parte, o

Fla-Flu de domingo também viveu de lances engraçados. Com a anunciada presença da recém-criada Fla-Gay no Maracanã, a torcida do Mengão se dividiu. A maioria mostrou-se escandalizada com uma torcida de homossexuais. Nessa maioria, Márcio Braga também firmou posição contra, alertando que expulsaria Clóvis Bornay e sua trupe com a ajuda da polícia — uma atitude, no mínimo, pouco democrática.

Diante da ameaça, Bornay batia o pezinho e acusava Márcio Braga de fascista, de perseguir as minorias. Enquanto Bornay tinha seus chiques, um torcedor passou por perto e comentou: “Praga de bicha, malandro, é pior que despacho de bode preto”.

16 PLACAR

Fonte: Placar

Ainda no trabalho de Maurício Pinto acerca do envolvimento da torcida flamenguista com a facção homossexual rubro-negra, o autor aborda um comentário no Jornal dos Sports, no dia 02 de novembro de 1979, cujo um torcedor se coloca numa posição amigável acerca da presença da FlaGay, mesmo adicionando a ideia de que seria “contra esse negócio de homem com homem” em seu íntimo:

Muitos são os destaques do nosso tão mau [sic] organizado futebol (...). Mas a maior decepção foi, sem dúvidas, a desunião das facções rubro-negras. Com a criação da FlaGay, houve quase uma evolução entre as torcidas organizadas. Ora, então, não é válido a criação de uma nova torcida e de um novo incentivo para reforçar ainda mais a camisa 12, que é a torcida? Eu, realmente, fico muito triste de ler no jornal a declaração do Márcio Braga ao declarar que não

deixaria oficializar a mesma e que preferia que ela não fosse ao Maracanã. O motivo seria eles serem homossexuais ou emplumados? (...) Eu, no meu íntimo, não gosto desse negócio de homem com homem, mas cada um escolhe o seu caminho e ninguém tem o direito de se esquentar (JORNAL DOS SPORTS, 1979 apud PINTO, 2019, p. 116)

A experiência da FlaGay, contudo, não foi de longa data como o caso da torcida do Rio Grande do Sul. Se no caso da torcida tricolor gaúcha, apesar de manterem um distanciamento dos atores, os membros da comissão técnica e diretoria não se envolverem diretamente nos conflitos iniciais, no caso da FlaGay, a posição homofóbica de Márcio Braga e sua relação direta com a possibilidade de barrar os torcedores aderentes à facção foram um empecilho a mais para o movimento.

Em ambos os casos, existe uma ação pioneira, uma vez que em um dos casos trata-se do primeiro grupo organizado LGBT a frequentar estádios nos moldes de uma torcida organizada, e no outro, trata-se de uma torcida que buscava desestabilizar uma estrutura que dita como e quando se pode torcer, espelhando-se na premissa de uma pedagogia dos estádios, amparada pela masculinidade hegemônica, e em casos ainda mais ferrenhos, na machocracia imperativa.

Essas duas torcidas são icônicas e centrais para analisarmos as seguintes experiências, uma vez que em um movimento mais recente em relação ao marco temporal analisado até então, as torcidas organizadas LGBTQIA+ tinham um primeiro passo associando-se ao clube de modo virtual, mesmo que seus indivíduos já fossem frequentadores do espaço do estádio, porém não em um aspecto de coletividade.

Através de uma reportagem publicada pelo portal de notícias *UOL*, Perrone (2023) afirma que o número de torcidas dissidentes cresceu, mas que, contudo, poucas são vistas nos estádios, observando que o crescimento desses movimentos passa majoritariamente pela aderência de grupos homoafirmativos ou aliados dentro das redes sociais, para em um segundo momento, organizarem modestas aparições em público. Na abertura da publicação, um torcedor relata ter sido vítima de homofobia dentro do Estádio Manoel Barradas, o Barradão, do Esporte Clube Vitória¹¹².

Esse torcedor, Roberto Júnior, é o presidente da Orgulho Rubro-Negro, torcida organizada LGBTQIA+ do Vitória, que possui mais de dois mil seguidores na rede social *Instagram*. Através do acesso às redes, pode-se perceber que para além do alcance virtual, o coletivo é capaz de mobilizar um número interessante de pessoas para eventos que envolvam o clube. Em fotografias postadas no veículo, a bandeira da torcida organizada, associada ao

¹¹² A partir desse momento me refiro ao clube apenas como Vitória.

escudo do clube baiano e às cores do arco-íris são percebidas, empunhada por membros da facção.

Figura 20 – Torcida organizada Orgulho Rubro-Negro, do Esporte Clube Vitória



Fonte: Instagram/orgulhoecv

Um importante coletivo para torcidas e torcedores lgbtqia+ é o Canarinhos¹¹³ LGBT, que surgiu em novembro de 2019, à época com a alcunha de Canarinhos Arco-Íris. Hoje, a comunidade se estende a diversas torcidas organizadas de diferentes locais do país, iniciando seus trabalhos com apenas quatro aderentes. A página do *Instagram* passa dos cinco mil seguidores e existe uma assiduidade por parte dos integrantes de manter atualizações acerca das violências cometidas pela população LGBTQIA+ dentro do futebol, além de buscar associar o maior número de torcedores que compõem a sigla ou são simpatizantes.

Na descrição do site, os idealizadores declararam que a criação se deve ao “o intuito de congrega esses coletivos, combater a LGBTfobia com ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade¹¹⁴”. Na sessão “quem somos”, os membros do coletivo aludem ao fato de que, no início, continham apenas três torcidas organizadas lgbtqia+ como associadas, porém, esse número foi crescendo exponencialmente, na medida em que os

¹¹³ O termo faz alusão a um apelido da Seleção Brasileira de Futebol, que em 1950, teve o amarelo do uniforme associado ao pássaro amarelo Canário. O animal tornou-se, então, mascote da confederação.

¹¹⁴ Ler mais em: CANARINHOS LGBTQ+. Quem somos. *Canarinhos LGBTQ+*. Disponível em: <https://canarinhoslgbtq.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 3 set. 2024.

torcedores de diferentes clubes se movimentaram para avançar frente ao combate à discriminação tão presentes dentro dos estádios de futebol.

As primeiras torcidas a integrarem o corpo do coletivo foram a LGBTricolor, a Palmeiras Livre e a Marias de Minas, movimentadas respectivamente por torcedores dos clubes Bahia, Palmeiras e Cruzeiro. Hoje, o coletivo conta com 22 torcidas organizadas lgbtqi+ associadas, de 21 times diferentes. O fundador do coletivo, Onã Rudá Silva Cavalcanti, é também o presidente da LGBTricolor, que conta com mais de 11 mil seguidores no *Instagram*.

A LGBTricolor é uma das torcidas organizadas que mais atua em contextos de estádio, sendo propagadoras de eventos interessantes, como é o exemplo da ação ocorrida no dia 04 de fevereiro de 2023, publicizada pelo veículo de imprensa *Uol*, na qual os integrantes da facção baiana organizaram, junto ao clube, uma ida pela primeira vez ao estádio para torcedores e torcedoras trans e travestis. Na ocasião, os torcedores e as torcedoras trajavam uma edição especial da camisa do Bahia, com as cores da Bandeira Trans (UOL, 2023).

Onã Rudá, em entrevista, disse ter sido uma das experiências “mais bonitas que viu no futebol brasileiro”:

Uma ação histórica, das mais bonitas que eu vi no futebol brasileiro. Ouvi diversas vezes, sobretudo de mulheres trans, que elas nunca foram no estádio por medo e queríamos mostrar que as pessoas trans também são bem-vindas na Arena. Foi um dia lindo, memorável, com uma receptividade incrível, da torcida. Queremos trazer as pessoas transexuais e travestis para o estádio, pois é preciso que estejamos juntos, pois dessa maneira vamos combater a transfobia, e ao mesmo tempo, vamos ocupar novos espaços. [...] Não teve episódio de intolerância, muito pelo contrário. A gente teve muita receptividade positiva da torcida. Desde que a gente surgiu, a gente tem casais que transitam na Arena Fonte Nova. O que não tinha muito era mulher trans, porque homem trans também vai na Arena. Essa era a cereja do bolo de mostrar que o trabalho que temos feito produziu esse efeito. (UOL, 2023)

Figura 21 – Torcedores trans assistem a jogo do Bahia na Arena Fonte Nova



Fonte: UOL

Figura 22 – Bahia e LGBTricolor levam torcedores trans ao estádio pela primeira vez



Fonte: Canarinhos LGBT

Ações como a proporcionada pelo coletivo associado ao clube de futebol da Bahia, nos mostram possibilidades de enfrentamento ao *status quo* machocrata dos estádios de futebol, uma vez que partindo de envolvimento coletivo e com o suporte integral dos clubes na luta contra a discriminação. A possibilidade de adaptar as mais variadas vivências dentro do esporte das massas é o que move coletivos como o LGBTricolor e o próprio coletivo de torcidas que cresce exponencialmente na medida em que os torcedores, privados de viver os ambientes de torcida por conta de sua sexualidade ou gênero, encontram alternativas de subversão do espaço.

Assim como na iniciativa do Vasco da Gama, o Bahia também iniciou a venda de camisas voltadas para a visibilidade lgbtqi+, também na ocasião de uma ação em prol do mês do Orgulho. Essas medidas partindo dos clubes tem associação com os departamentos ligados à diversidade e às ações sociais e são amparadas pelo *marketing*, considerando que no primeiro caso, por exemplo, as vendagens foram altas¹¹⁵. Embora o aspecto mercantilizado seja escanteado para esse momento do trabalho, é importante salientar que um número alto de vendas corresponde a uma maior aceitação por parte do público consumidor.

¹¹⁵ O Vasco da Gama realizou ações com vendas de camisas nos anos de 2021, 2022 e 2023 e, em todos os casos, teve um número bem-sucedido de vendagens. Ler mais em: **UOL**. Camisa em prol do LGBTQIA+ é sucesso de vendas no Vasco e faz parte do DNA. *UOL*, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/07/08/camisa-em-prol-do-lgbtqi-e-sucesso-de-vendas-no-vasco-faz-parte-do-dna.htm>. Acesso em: 3 jun. 2024

Perrone (2023) menciona o nome de outras torcidas lgbtqia+ em emergência que buscam não se identificar nos estádios, porém já se encontram associadas e em diálogo com o Coletivo Canarinhos LGBT. À exemplo, o jornalista cita: a Fiel LGBT, do Corinthians; Porco-íris, do Palmeiras; Tricolor LGBT, do São Paulo e Furacão LGBTQ, do Athletico Paranaense. Para além dessas, existe ainda a Vozão Pride, do Ceará, cujo a torcida passou a frequentar o estádio como um coletivo recentemente.

Ainda de acordo com a reportagem de Perrone, o coletivo Canarinhos LGBT apresentou uma relação de torcidas organizadas lgbtqia+ e a quantidade de membros que cada um afirma ter, dentre as quais, em maior número se encontram a LGBTricolor, com cerca de 600 membros; Vasco LGBT, Palmeiras Livre, Furacão LGBTQ e Marias de Minas com aproximadamente 100; Orgulho Rubro-Negro, com 82 e, por fim, Papão Livre, Porco-íris, Tigrão LGBT, Torcida LGBTQIAP do Botafogo, Vozão Pride, Santos Pride, Leões com Orgulho, Frasqueira LGBT, Fla Gay, Fiel LGBT, Coxa LGBT, Coral Pride e Coletivo Fora da Toca, com menos de 50.

É importante observar que esse movimento está numa crescente, como foi apontado pelo coletivo das torcidas organizadas lgbtqia+, quando acentuam a afirmação de que em seu início, no ano de 2019, haviam apenas 4 torcidas organizadas associadas. Esse número de coletivos tende a crescer, na medida em que o suporte e alcance nas redes se elevarem e impulsionarem os seus membros e aliados a se juntarem ao corpo das arquibancadas.

Alguns coletivos, como é o caso do Porco-íris, costumam levar artefatos que remetam à torcida em lugares como o estádio, como forma de evidenciar nas redes sociais a presença dos membros. Esse movimento, para além de impulsionar virtualmente a aderência, torna também notória a premissa de que aquele espaço está sendo conquistado, mesmo que de maneira silenciosa e à pequenos passos.

Figura 23 – Símbolo da Porco-íris no estádio do Maracanã



Fonte: Instagram/oporcoíris

As políticas de denúncia no meio futebolístico também foram essenciais para que a discriminação fosse, senão cessada, diminuída dentro dos estádios de futebol. Certamente ainda existem brechas e um histórico cultural de naturalização que permitem que atitudes machocratas ainda sejam identificadas em campo e nas arquibancadas, no entanto, existe um esforço por parte de entidades e de coletivos como os que vimos anteriormente que pretendem desnaturalizar esses atos, apontando as contradições na perspectiva de que o espaço do esporte é um espaço que detém um único corpo ideal como projeção para seu espectador.

É evidente que, assim como em outras áreas sociais, é necessário que se implemente políticas públicas que possam ser estabilizadas com a principal função de frear movimentos de exclusão para populações subjugadas e oprimidas. Em casos recentes, podemos perceber um movimento de clubes sendo punidos com multa em reais ou com pena de atuar com os portões fechados, ou seja, sem torcidas, em situações em que se encontrem atitudes lgbtfóbicas advindas da torcida. Essa segunda opção também acarreta um dano financeiro para o clube, visto que desse modo a renda obtida através da venda dos ingressos não se concretiza.

A retenção do público, porém, apesar de ser uma alternativa eficaz na penalização do clube não aparenta ser o melhor caminho, uma vez que também suspende a presença de torcedores de coletivos como os associados ao Canarinhos LGBT, por exemplo, e/ou torcedores que estavam no estádio com o intuito de empurrar o time para a vitória, sem vínculo com cânticos ou atitudes de desmoralização de sujeitos subalternizados. Por esse motivo, e para evitar também a perda de renda semanal, os clubes têm operado de modo a buscar a responsabilização pessoal de torcedores envolvidos nos atos ilícitos dentro da torcida.

Uma das iniciativas, que não engloba a questão da violência de gênero ou lgbtfobia em seus termos originais, foi a medida aprovada pela comissão da Câmara dos Deputados e pela comissão de Segurança Pública em junho de 2024, que visa criar lista de torcedores banidos em estádios por motivos diversos, tais quais invasão de campo, brigas de torcida ou assédio à atletas. Em sua proposta original, o projeto é criado com a finalidade de coibir a violência, no entanto, ao atribuir a questão da violência nos estádios apenas à prática de briga urbana, o conceito e a profundidade das relações nesses espaços se esvaziam.

Segundo um dos autores da proposta, o deputado Saulo Pedroso (PSD-SP), a importância desse texto é buscar aproximar novamente crianças e famílias dos estádios, entendendo o lugar dos estádios como um lugar de lazer familiar, que é tomado por ações de violência. No entanto, não fica evidente se as violências são apenas as físicas ou que atentam contra a mácula de outros torcedores/atletas, ou se a violência disposta na proposta verifica também as condições acerca de sujeitos em situação de subjugação dentro dos estádios, que sofrem

inúmeros tipos de violências simbólicas. Existe, além disso, a articulação para um fundo de combate à violência dentro e fora dos estádios, cerceando o meio futebolístico (CNN, 2024). O deputado também menciona que as ações propostas pelo texto foram planejadas para serem implementadas em colaboração com os clubes e as organizações de eventos esportivos.

As possibilidades de implementar novas leis que orientem a abordagem dos casos de LGBTfobia nos estádios, de modo a punir individualmente os responsáveis por atos discriminatórios, sem dúvida poderiam fazer a diferença no cenário atual. A punição do coletivo ou do clube por ações em que apenas um indivíduo ou um pequeno grupo é responsável pode afastar os torcedores do apoio às medidas adotadas pela justiça desportiva.

Em 19 de agosto de 2024, à exemplo, o São Paulo enviou um ofício à Confederação Brasileira de Futebol (CBF)¹¹⁶, aludindo a um episódio acontecido durante um Choque-Rei (clássico) entre São Paulo e Palmeiras, no qual torcedores palmeirenses gritavam “vai pra cima delAs, verdão”. Para além disso, durante a partida, devido a uma concussão, o lateral Patryck Lanza, de 21 anos, desmaiou no campo do Allianz Parque, ao passo que torcedores do Palmeiras gritaram “mais uma bicha morta” (GLOBO ESPORTE, 2024).

O tricolor paulista fez uma postagem na rede social X com vídeos que comprovavam a veracidade dos fatos, sendo possível ouvir de forma clara os cânticos e os gritos que foram protocolados no ofício, que são enquadrados no Código Brasileiro de Justiça Desportiva, artigo 243. O Palmeiras postou nota em seu perfil também do X, na qual afirmou que:

A Sociedade Esportiva Palmeiras repudia toda e qualquer forma de discriminação e tomará as providências cabíveis para identificar, responsabilizar e punir indivíduos e grupos que se manifestaram de forma homofóbica no clássico realizado ontem no Allianz Parque. Nascemos das diferenças, lutamos contra a intolerância para seguir existindo e não aceitamos condutas preconceituosas em nossa casa. (GLOBO ESPORTE, 19 ago. 2024)

Outra medida a ser tomada por clubes para fins de evitar atos discriminatórios nos estádios, são medidas de conscientização, como fez o Ceará Sporting Club no ano de 2023, em julho. Numa quinta-feira, dia 27, a coordenação das torcidas organizadas do clube convocou torcedores para o 1º Congresso sobre racismo, homofobia e violência nos estádios. Os idealizadores do projeto contaram com a participação de dirigentes de torcidas organizadas, como forma de dialogarem a respeito do espaço do futebol na sociedade e como as práticas de violência são nocivas para o esporte.

¹¹⁶ Entidade máxima do futebol no Brasil. Responsável por liderar e promover a prática esportiva.

O coordenador das torcidas organizadas, Alfredo Viana Filho, em reportagem, disse:

Estaremos no clube juntamente com diretores, presidentes de torcidas organizadas e os alvinegros em geral para que possamos esclarecer diversos pontos e combater essas atitudes, que, infelizmente, se fazem presentes nos estádios. Não há mais espaço para isso no futebol. Temos que combater estas práticas. (GLOBO ESPORTE, 27 jul. 2023)

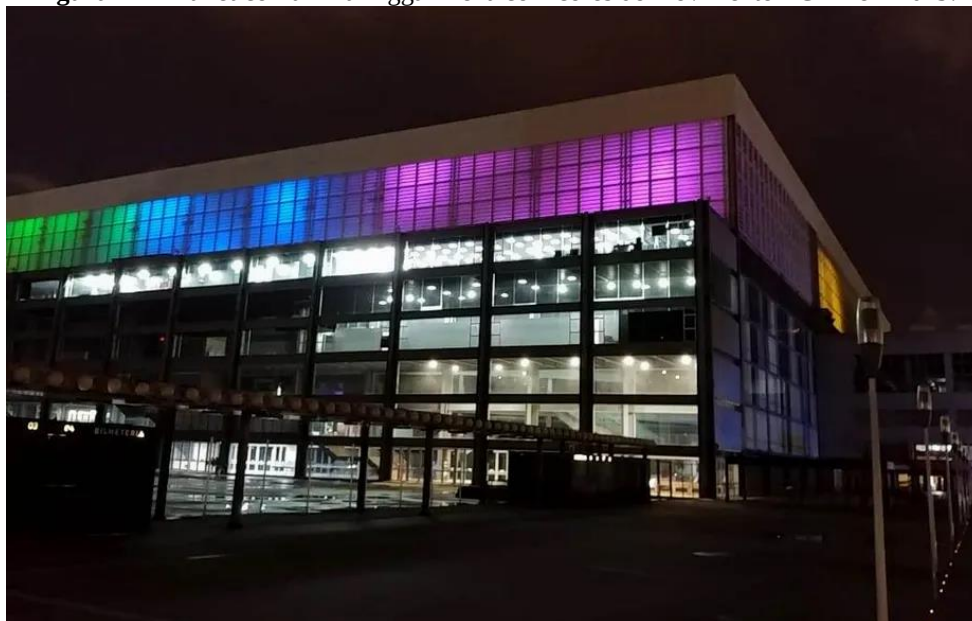
Os dizeres “não há mais espaço para isso no futebol” vai de encontro com o movimento de atuação dos coletivos e da responsabilização dos clubes nos dias de hoje. Muito embora esse esporte tenha um engendramento que se baseia nas premissas masculinistas, masculinizantes e, potencialmente, machocratas, é importante notar como se dão as agências por parte de sujeitos que querem habitar o microcosmo do futebol e que, por muito tempo, se viram ou afastados ou vítimas de violências simbólicas em toda a produção desse motor cultural.

A ação do clube de Ceará, porém, não é vista em outros clubes do Brasil. Mesmo que, com base em normas legislativas acolhidas pelo Código de Justiça Desportiva, em tese se deva oferecer segurança para todo e qualquer torcedor nos estádios, clubes como o Athletico Paranaense, de Curitiba, optam por não se associar a torcidas organizadas, em especial as de cunho LGBTQIA+. Para além disso, no mês do combate à LGBTfobia, o clube paranaense, mesmo em meio de diversas postagens de apoio de inúmeros clubes da série A e B, permaneceu em silêncio. Em reportagem, um dos idealizadores da facção Furacão LGBTQ, alega que apesar das tentativas de interação *online*, o clube não aderiu a nenhuma das tentativas de aproximação. Um dos membros da torcida, em entrevista concedida ao Globo Esporte, falou a respeito do silêncio do clube do coração e também das tentativas de formalizar o coletivo:

O silêncio diz muita coisa. Mostra que o clube não se importa se tem homofobia no estádio e, para quem pratica a homofobia, fica a impressão de que se continuar praticando não vai acontecer nada, afinal, o clube não se importa com isso. [...] Tentamos uma aproximação com o clube pelas redes e interagimos sempre, mas sem sucesso. Se a aproximação acontecesse, o nosso objetivo seria marcar uma reunião e apresentar as nossas propostas. Não precisava ser com o presidente, para nós, qualquer diretor servia. Mas nem mesmo a aproximação avançou. Está claro que somos nós por nós e que essa relação não será simples. Não existe nenhum trabalho sendo feito. Qualquer um que leia as nossas pautas vai perceber que são decisões, mudanças tão simples para o clube que não custam nada. A gente não está pedindo pro clube estender uma bandeira LGBT no estádio ou criar uma camisa LGBT. Só estamos pedindo segurança, um posicionamento em mostrar que o clube não tolera a homofobia, e algumas ações educativas aos torcedores (GLOBO ESPORTE, 28 jun. 2020).

Vale salientar que o clube se manifestou no ano de 2019, ano anterior à declaração do torcedor, ao mudar as cores da Ligga Arena para as cores que representam o movimento LGBT, conforme publicação do dia 17 de maio de 2019, do Globo Esporte, e também se manifestou nos dias Internacionais do Combate à Homofobia

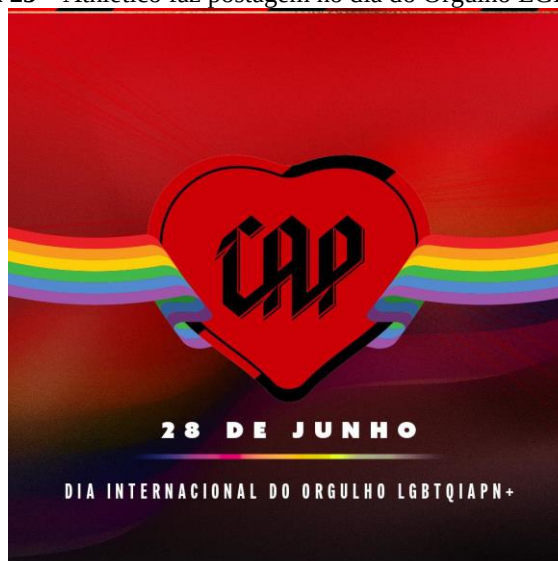
Figura 24 – Athletico ilumina Ligga Arena com cores do movimento LGBT em 2019.



Fonte: Globo Esporte

Em postagem na rede social *Facebook*, já no ano de 2024, o Athletico realizou postagem associada ao dia do Orgulho. Nos comentários, torcedores comentam sobre a falta de reforços à equipe e reclamam da “falta de raça” e ironizam o conteúdo da mensagem.

Figura 25 – Athletico faz postagem no dia do Orgulho LGBTQIA+ em 2024



Fonte: Facebook/Athletico Paranaense

Outro caso relevante é a política adotada pelo Sport Club do Recife, que nomeou Gil do Vigor, que havia sido vítima de discriminação homofóbica por parte do conselheiro Flávio Koury, para o cargo de diretor de diversidade do clube. Esse fato ocorreu um ano após a situação com Koury e Gil alegou que uma das principais medidas pensadas através do cargo, seria o de aproximar a pauta da inclusão do clube recifense. Na época, jogadores do Sport entraram em campo com uma faixa com os dizeres “não à homofobia”.

Figura 26 – Torcedores do Sport carregam faixa contra a homofobia



Fonte: TV Globo

Gilberto, ao assumir o cargo, disse entender que o futebol é um espaço para todos e conscientizar a torcida a respeito dessa premissa seria um dos principais feitos enquanto diretor da diversidade (GLOBO ESPORTE, 2022).

Em consideração à potencialidade do espaço do futebol, enquanto um motor importante da cultura brasileira, é imprescindível notar que não se trata de um espaço imutável, especialmente quando analisamos todas as novas experiências que são geradas a partir do enfrentamento do espaço visto como “do macho”, amparadas por experiências passadas de resistência e luta pelo direito ao estádio.

É preciso compreender o esporte e, em especial, a ideia das massas como um espaço de tensões e de relações que são históricas, dessa forma sendo, elásticas. A identidade de um torcedor passa por muito mais do que meros constructos normatizados e herdados de um passado onde existia um incentivo à naturalização de práticas violentas, uma vez que o espaço

era percebido como um espaço de embate que ultrapassava as quatro linhas e que, portanto, era necessário um maior potencial físico.

Em concordância com Lopes (2021) quando assume a compreensão d’ “o corpo como uma construção cultural, ou seja, que os valores, normas e costumes sociais se inscrevem nele. Mais exatamente, que, por meio do corpo, assimilamos e nos apropriamos dos elementos de nossa cultura” (p. 143), entendo também a ideia de que o corpo como um elemento de disputa de espaço, em especial o corpo tido como abjeto, não pertencente ao espaço, é referência no ato de subversão da norma futebolística.

Os movimentos de torcedores LGBTQIA+ e seus coletivos, que buscam espaço nas arquibancadas, desempenham um papel fundamental na construção de uma história do futebol cada vez mais plural. Isso ocorre mesmo diante de uma crescente elitização promovida por entidades e clubes. A pressão desses grupos de torcedores sobre seus clubes e colegas de estádio, visando combater a machocracia no espetáculo das quatro linhas, indica que o que alguns chamam de “futebol moderno” — sem compreender completamente o significado do termo — é, na verdade, uma busca por um futebol mais inclusivo, que abranja a todos e retome a essência de um verdadeiro esporte do povo.

De todos.

Considerações finais

Me parece incompleto dizer que esse trabalho pretendia analisar como o futebol e o gênero produzido, em especial o da masculinidade, se interpelam, uma vez que é uma constatação óbvia para quem acompanha o esporte ou conhece quem o acompanha. Sinto que o que pretendi, para além dessa premissa inicial, foi conseguir pensar em uma potencial mudança, que já está em andamento, quanto ao público do futebol e seus atores.

Muito já se produziu na academia sobre as condições discriminatórias das arquibancadas em relação ao corpo visto como abjeto ou não pertencente, daí inclusos mulheres e lgbtqia+, porém percebo que o que realmente pode vir a nos interessar são as subversões que se dão através do processo de concepção de possibilidade de um estádio diferente, em especial nos dias de hoje. Com o avanço das pautas associadas a essas maiorias oprimidas, podemos perceber mudanças em alguns setores da sociedade, inclusive no âmbito futebolístico, certamente à passos pequenos.

Ao propor uma análise mais rigorosa da virilidade, da violência e da masculinidade hegemônica em si, pude me debruçar sobre as possibilidades de entender outros tipos de masculinidades, que também disputam espaço dentro desses estádios de futebol, especialmente no que se refere às hierarquias baseadas nas performances e na sexualidade, mas que devido à uma cultura popular que compactua com a perspectiva binária de performances, entende que esse espaço – o dos estádios – é um “espaço do macho”. É o local onde a materialidade da performance é compreendida como uma lei regulatória e, portanto, é naturalizada (BUTLER, 2022).

O torcedor ideal, mencionado muitas vezes ao longo desse trabalho, é empossado de uma performance que se percebe em seu corpo, que busca não a rearticular, pois busca não vacilar enquanto habita esse campo dominado pelos demais sujeitos que também se utilizam dessa performance. Esse torcedor é um torcedor que para além de heterossexual, também condena e subjuga outras sexualidades como forma de enaltecer o seu clube/sua torcida e engrandecê-la, na medida em que orienta as sexualidades dissidentes para os seus adversários. Por isso, é comum ouvir cânticos de torcida de cunho homofóbico e, assim, perceber violências simbólicas/violências verbais naturalizadas nos estádios de futebol.

Compreende-se então que a sexualidade ocupa lugar central dentro das características de um torcedor ideal, sendo a heterossexualidade parte importante, senão definidora, desse traço. O homossexual é um intruso no espaço, mas é constantemente evocado para dentro do jogo, com a intenção de desqualificar “o outro” e diminuí-lo, desmasculinizando sua

experiência enquanto torcedor. Isso acontece de um lado a outro, gerando complexas relações sobre sexualidade dentro do esporte e, especialmente, nas arquibancadas, onde esse sujeito é traficado (MOURA. 2019) para dentro, mas sem de fato ter um lugar.

Mas, incontestavelmente, o que mais se pode perceber é a potencialidade de um novo tipo de torcedor na construção imagética do cenário das arquibancadas. Um torcedor que não é o que as nossas mentes foram condicionadas a pensar durante muito tempo, por descrições midiáticas, inclusive. Um torcedor que não é uno. O torcedor plural. Eles são o objeto da pesquisa, no fim das contas. Muito embora o discurso normatizado seja o de um tipo só e do espaço dos estádios um lugar hostil, as insurgentes movimentações de coletivos, novas facções e aliados, nos oferecem um novo horizonte para almejar.

A torcida gremista Coligay definitivamente trouxe inspiração para uma movimentação dentro dos estádios. Gerchmann (2014, p. 94) chega a versar sobre integrantes da organizada dizendo que a maior oposição que enfrentaram foram dos outros torcedores que tinham “ciúmes que não conseguiam os superar em termos de animação”, salientando a aceitação dos demais após período de estranhamento inicial, desde os torcedores até o técnico, Telê Santana, e a diretoria gremista. Mesmo partindo de um lugar de inspiração pela agência da Coligay em Porto Alegre, porém, a experiência da Fla-Gay não teve o mesmo sucesso entre os rubro-negros, sendo vista com desinteresse ou com hostilidade, inclusive pela diretoria, confirmando uma ideologia machocrata do presidente da época.

Bandeira (2019, p. 100) associa esses sujeitos, como foi o caso da facção flamenguista, como sujeitos “humanamente impensáveis” dentro do futebol, numa dualidade entre esses e os “humanos”, ou seja, considerados as pessoas que tem direito ao estádio de futebol e a praticá-lo, considerando que o espaço só tem significado quando se tem associação direta com a prática do torcer, do jogar, do amar e do defender/ofender. O ato de considerar uma parcela da população incapacitada de estar associada à ação de torcer configura noção de desapropriação de um lugar e do imaginário social.

Outro movimento importante é o da busca pela desassociação de sujeitos lgbtqia+ do futebol, entendendo-os como seres que colocam em risco uma virilidade que é considerada um atributo essencial para o torcer, especialmente no que se refere à violência presenciada nos meios esportivos, uma vez que esses corpos são compreendidos como corpos dotados de fragilidade e feminilidade. Entende-se que esses corpos não só são hostilizados, mas também são temidos, na medida em que atrairiam um olhar de fragilidade para a multidão da torcida, mesmo que certamente habite ali inúmeras subjetividades que permaneçam no “armário” durante os 90 minutos mais acréscimos de uma partida de futebol.

Esse temor é trazido para o texto por meio de observações pontuais de Rick Afonso-Rocha, que cunha o termo deimopolítica, compreendendo esses “corpos de exceção” como corpos que para além de hostilizados, são associados ao medo, o que contribui para a intencional articulação de apontá-los como anormais, despojados de espaço, e, principalmente, como exemplos do que não ser. Dentro do esporte, é comum notar a deimopolítica, mesmo sem o olhar atento. As subjetividades sexuais são elementos muito mais pertinentes na observação de um torcedor do que, por exemplo, saber o hino do clube ou o nome do camisa 9. É assim, pois, a presença de um corpo não-normatizado dá aos adversários a potência necessária para desmasculinizar a multidão a qual se pertence.

A deimopolítica, ou seja, o temor associado a um corpo que em tese não pertence ao espaço do estádio – mas que é anunciado com frequência, como exemplo do que não ser – é um outro elemento naturalizado por muito tempo no futebol, mas que com o avanço de pautas associadas as maiorias oprimidas, às leis de incentivo à pluralidade e diversidade no esporte e às subversões propostas por torcedores lgbtqia+, tende a ser problematizada. É certo que devido a um histórico tão extenso de machocracia, as mudanças acontecem de maneira lenta, no entanto, são notórias as tentativas.

Assim como um contra-ataque mortal do nosso time do coração aos 45’ do segundo tempo, os novos coletivos são um resquício muito forte de esperança de novos dias nos estádios de futebol. As medidas tomadas por corpos jurídicos de clubes diante de situações onde há o crime de LGBTfobia, ações de conscientização e também a intervenção de atletas aliados a causa são essenciais para que se perceba um cenário diferente e uma perspectiva de mudança.

É evidente que em meio ao processo de disputa do direito ao estádio, estamos também condicionados a encontrar sujeitos ideologicamente alinhados com a machocracia, que acreditem que a justiça de corpos LGBTs habitarem o mesmo espaço de arquibancada que eles é um afronte à masculinidade, à virilidade e ao clube de futebol, como um todo. Acreditando fielmente serem uma espécie em extinção, ainda haverá gritos como o ocorrido no Choque-Rei de agosto de 2024 e em tantos outros ao longo do ano.

Além disso, ainda temos entraves em relação a alguns coletivos de torcida LGBTQIA+ habitarem os estádios, temendo agressões e atos de violência. Das facções em atividade mencionadas durante o trabalho, não são todas as que presencialmente, utilizando artefatos da torcida organizada, que assistem ao clube do coração enquanto membros uniformizados, justamente por precaução. Isso demonstra que, apesar das organizações e da aceitação de forma virtual, ainda existe receio por parte dos líderes/presidentes e membros das organizadas.

Ainda que a existência desses grupos seja por si só inspiradora, subversora e um passo importante, o medo de frequentar o estádio enquanto torcida organizada demonstra que apesar das medidas que visam pluralizar esse ambiente, o histórico de violência, de lgbtfobia e de subjugo dos corpos fora do encaixe da cisheteronormatividade ainda impõem ao esporte uma conotação de esporte de torcedor uno.

No entanto, com base no levantamento documental realizado através de importantes veículos da mídia, sabemos que agora, essas vozes que associam o maior esporte de massas do mundo ao torcedor macho não são mais uníssono no estádio, seja por temor de punições como a prática de “portões fechados” ou simplesmente por compreensão de que não existe mais espaço para ações discriminatórias dentro do futebol e esse é o passo mais importante em direção do esporte que gostaríamos de ver e que amaríamos amar.

Referências Bibliográficas

“Nos armários dos vestiários” estreia investigação jornalística sobre homofobia no futebol. **Tela Viva**, 24 de jun. de 2022. Disponível em: <https://telaviva.com.br/24/06/2022/nos-armarios-dos-vestiarios-estreia-investigacao-jornalistica-sobre-homofobia-no-futebol/> Acesso em: 15 de nov. de 2023.

AFONSO-ROCHA, Rick. O perigo cor-de-rosa: ensaios sobre a deimopolítica. 1 ed. Salvador: Editora Devires, 2021, p. 140.

AGÊNCIA BRASIL. Ingressos com preços elevados favorecem elitização do futebol. *Agência Brasil*, 12 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-10/ingressos-com-precos-elevados-favorecem-elitizacao-do-futebol>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940). Maceió, Catavento, 2003. 256p. p. 150.

AMARAL, Muriel Emídio; BERTOLLI FILHO, Claudio; BOZINA, Bruna Furlan. Do estádio para o estúdio: representação do corpo masculino e virilidade na capa da revista Placar. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 27, jul/dez. de 2018

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay**. 2018. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018, p. 60

Após comemorar com bandeira LGBTQIA+, jogador aparece com arco íris em foto. **Queer IG**, 08 de jul. de 2021. Disponível em: < <https://queer.ig.com.br/2021-07-08/german-cano-explicato-em-homenagem-a-lgbtqia-.html> > Acesso em: 16 de dez. de 2022

ARAÚJO, Júlia Silveira. “Engole o choro e vai pra cima”: Masculinidade e repercussão midiática da atuação brasileira na Copa do Mundo da Fifa de 2014. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 153-161, 2015.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Representações de masculinidade nas torcidas de futebol. In: ULBRA - Universidade Luterana do Brasil, 3, 2008, Canoas. 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, ULBRA - Universidade Luterana do Brasil. **Anais de Congresso**, ULBRA - Universidade Luterana do Brasil, 2008.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris Editora, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 246–270, 2000.
BAZINI, Leonardo Soares. Futebol, masculinidades, cantos de torcida e "desmasculinidades": o "eeee...puto!" mexicano e o “sexismo desmasculinizador”. Monografia (Políticas públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. p. 57. 2017.

BONFIM, Flavia Gaze. **A sexuação do homem na contemporaneidade:** entre o declínio do ideal viril, o feminismo e o feminino. 2021. 223 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosóficas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

_____. Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 09–24, 2021.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A dominação masculina** - 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BRANDÃO, T.; MURAD, M.; BELMONT, R.; SANTOS, R. F. dos. Álcool e violência: torcidas organizadas de futebol no Brasil. **Movimento**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/90431>. Acesso em: 5 set. 2022.

BRASIL. **Código Brasileiro de Justiça Desportiva**. Brasília: Confederação Brasileira de Futebol (CBF), 2023. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/competicoes/codigo-brasileiro-de-justica-desportiva>. Acesso em: jan de 2023.

BRAZ, Bruno; MARTINS, José Eduardo; PEREIRA, Felipe. Juiz relata homofobia e Vasco pode até perder pontos da vitória sobre SPFC. UOL, São Paulo, 25 de ago. de 2019. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/25/juiz-relata-homofobia-e-vasco-pode-ate-perder-pontos-de-triunfo-sobre-spfc.html>> Acesso em: 26 de mai. de 2023d

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam". In: LOPES LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 193-219

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão de identidade. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

CAMPOS, Priscila A. F; AUGUSTO, Guimarães Izabela; SILVA, Ricardo da. A relação entre as torcedoras de futebol e o estádio em Belo Horizonte. **Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidade, deslocamento**, Santa Catarina, p. 1-10, 2010.

CANARINHOS LGBTQ+. Quem somos. *Canarinhos LGBTQ+*. Disponível em: <https://canarinhoslgbtq.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. ‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 103–116, 2017.

CECCHETTO, Fátima Regina. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.

COSTA, Ana Alice Alcantara, O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero. Niterói, 2005.

COURTINE, J.-J. Impossível virilidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 7-12

CNN Brasil. Proposta que cria lista de torcedores proibidos em estádios é aprovada por comissão da Câmara. 26 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/proposta-que-cria-lista-de-torcedores-proibidos-em-estadios-e-aprovada-por-comissao-da-camara/>. Acesso em: 05 ago. 2024

DAMO, Arlei. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002, p. 11.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Mundo macho: homens, masculinidades e relações internacionais. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 109, p. 309-364, 4 fev. 2015.

DE MATOS, José Edgar. Vídeo mostra palmeirenses entoando grito homofóbico que cita Bolsonaro. UOL, São Paulo. 04 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/10/04/palmeirenses-viralizam-na-internet-com-grito-homofobico-que-cita-bolsonaro.html>> Acesso em: 15 de jul. de 2023

DE MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: Questões & Debates**. 1 de jun. 2001, p. 51.

ESPN. Dirigente do Cruzeiro critica bandeirinha: 'Vá posar para a Playboy, não trabalhar com futebol'. ESPN, 11 maio 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/409919_dirigente-do-cruzeiro-critica-bandeirinha-va-posar-para-a-playboy-nao-trabalhar-com-futebol. Acesso em: 19 jan. 2022.

ESTILLAC, Bernardo. Galoucura oferece 'tropa fura-bloqueio' para conter bolsonaristas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 jan 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/08/interna_politica,1442210/galoucura-oferece-tropa-fura-bloqueio-para-conter-bolsonaristas.shtml. Acesso em: 18 jan 2024.

FARIA, Eliene Lopes. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, [S. l.], v. 18, n. 18, p. 65-86, 2009.

[FRANZINI, Fabio](#). "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n.n. 50, p. 315-328, 2005.

GLOBO. Daniel Alves foi condenado a 4 anos e 6 meses de prisão por crime de estupro; relembre julgamento do ex-jogador. **G1**, 20 mar, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/20/daniel-alves-foi-condenado-a-4-anos-e-6-meses-de-prisao-por-estupro-relembre-julgamento-do-ex-jogador.ghtml> Acesso em: 12 de out 2023.

GLOBO. Conselheiro do Sport faz ataque homofóbico a Gil do Vigor: "Machuca muito", diz ex-BBB. *Globo Esporte*, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/conselheiro-do-sport-faz-ataque-homofobico-a-gil-do-vigor-machuca-muito-diz-ex-bbb.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2024.

GLOBO. Conselheiro que pediu punição em caso de homofobia contra Gil do Vigor renuncia ao cargo. *Globo Esporte*, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/conselheiro-que-pediu-punicao-em-caso-de-homofobia-contra-gil-do-vigor-renuncia-ao-cargo.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2024.

GLOBO. Torcedor do Palmeiras reclama de homofobia nos estádios e é ofendido em redes sociais. *Globo Esporte*, 9 mar. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/torcedor-do-palmeiras-reclama-de-homofobia-nos-estadios-e-e-ofendido-em-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 9 jan. 2024.

GLOBO ESPORTE. Em dia de apoio do Vasco ao movimento LGBTQIA+, Castan posta passagem bíblica: "Sejam férteis". *Globo Esporte*, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/em-dia-de-apoio-do-vasco-ao-movimento-lgbtqia-castan-posta-passagem-biblica-sejam-ferteis.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GAZALÉ, O. Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade. [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3dniUdR>. Acesso em: 15 mar. 2019.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GERCHMANN, Léo. Coligay: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014, p. 19.

Germán Cano publica apoio a Josh Cavallo, jogador que assumiu homossexualidade publicamente. **Lance Net**, 29 de out. de 2021. Disponível em: < <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/german-cano-publica-apoio-josh-cavallo-jogador-que-assumiu-homossexualidade-publicamente.html> > Acesso em: 16 de dez. de 2022.

GLOBO ESPORTE. Homofobia, brigas e caçada a rivais marcam dia de clássico em BH. **Globo**, 02 jun. 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/homofobia-brigas-e-cacada-a-rivais-marcam-dia-de-classico-em-bh.ghtml>. Acesso em: 03 de mai de 2023.

GLOBO. Em treino aberto, torcida do Corinthians volta a usar grito homofóbico contra o São Paulo. **GE**, 15 ago. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/08/15/em-treino-aberto-torcida-do-corinthians-volta-a-usar-grito-homofobico-contra-o-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 02 de fev 2024.

GLOBO. Pelo direito de torcer: a luta contra a homofobia quer sair das redes sociais e ir para as arquibancadas. **GE**, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/pelo-direito-de-torcer-a-luta-contra-a-homofobia-quer-sair-das-redes-sociais-e-ir-para-as-arquibancadas.ghtml>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MARTINS, Victor. Torcida do Atlético-MG cria ‘a tropa do fura bloqueio’ para ver jogo em SP. **UOL**, Belo Horizonte, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/01/torcida-do-atletico-mg-cria-a-tropa-do-fura-bloqueio-para-ver-jogo-em-sp.html>. Acesso em: 18 jan 2024.

MARTINS, Victor. Torcida do Atlético-MG cria ‘a tropa do fura bloqueio’ para ver jogo em SP. **UOL**, Belo Horizonte, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/01/torcida-do-atletico-mg-cria-a-tropa-do-fura-bloqueio-para-ver-jogo-em-sp.html>. Acesso em: 18 jan 2024.

MARTINELLI, Leonardo. Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais da atualidade. **Crítica Histórica**. n. 22 p. 301-327, 2020.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 119-130, ago. 2009.

MATOS, Maria Izilda S. de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. **História: Questões e debates**. N. 34. P. 45-63, 2001.

MEIRELLES, Matheus. Uma pessoa LGBTI+ foi morta violentamente a cada 32 horas no Brasil em 2022. CNN Brasil, São Paulo, 11 de mai. 2023. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/uma-pessoa-lgbti-foi-morta-violentemente-a-cada-32-horas-no-brasil-em-2022/>> Acesso em: 14 de jun. de 2023.

Mídia Ninja. Elitização do futebol: como o esporte mais popular do Brasil está ficando caro. *Mídia Ninja*, 30 ago. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/elitizacao-do-futebol-como-o-esporte-mais-popular-do-brasil-esta-ficando-carro/>. Acesso em: 25 jun 2024.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

MOURA, João Carlos da Cunha. **Joguem como homens!** Masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão. Jundiaí: Paco Editorial, 2019, p. 111.

MUZKAT, Susana. Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. 2006. 207f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOLASCO, Sócrates Álvares. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. *Interfaces Brasil/Canadá*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, [2003](#).

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. **A construção social da masculinidade**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 14.

OLIVEIRA, Tibério Lima. Travestis e o direito à cidade: sujeitos transgressores em uma sociabilidade perversa. 2013. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço

Social), Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ORIGUELA, Milena A.; SILVA, Cinthia L.; Lazer e futebol: o torcedor no estádio. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 14, n. 1, p. 81-88, 2015. ISSN: 1981-4313.

PALHARES, Marcelo; SCHWARTZ, Gisele. Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 129 p.

PERRONE, Mauro. Número de torcidas LGBTQIAP+ aumenta, mas poucas são vistas nos estádios. *UOL*, 11 jun. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/perrone/2023/06/11/numero-de-torcidas-lgbtqiap-aumenta-mas-poucas-sao-vistas-nos-estadios.htm#:~:text=Entre%20as%20que%20n%C3%A3o%20costumam,%2C%20al%C3%A9m%20da%20Furac%C3%A3o%20LGBT>. Acesso em: 3 ago. 2024.

PIMENTEL, Thais; POLITI, Laís. ‘Fui expulso por ser gay’, diz homem que denuncia homofobia em festa da Galoucura. **G1 MINAS**, Belo Horizonte, 27 dez. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/27/fui-expulso-por-ser-gay-diz-homem-que-denuncia-homofobia-em-festa-da-galoucura.ghtml?fbclid=IwAR2yf5igX5Z0BD_q29GKS2jU3mff2jOi2VGsjyPWxJkMbp8fDzaH5Y2MQKc. Acesso em: 01 de mai de 2023.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, 2010.

PINTO, Maurício Rodrigues. “Majestoso” ou o clássico da homofobia vs. misoginia?. 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/majestoso-ou-o-classico-da-homofobia-x-misoginia/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 1, n. 4, 2019.

PLACAR. Time macho. n. 1152. 1999

PLACAR. Armandinho sabe das coisas. p. 2. n. 143. 1972.

PLACAR. Bem de berço. p. 54. n. 494. 1979.

PLACAR. Capitão gay. p. 116, n. 1132, 1977

PLACAR. Grêmio. p. 69. n. 390. 1977

PLACAR. Para o que der e vier. p. 49-51, n. 370. 1977.

PLACAR. Rondinelli denuncia: falta macho no futebol brasileiro. p. 22, n 533. 1980.

PLACAR. Sem cultura não há verdade. p. 32, n 367. 1977.

PLACAR. Sou um baita macho. p. 34. n. 534. 1980

PLACAR. Um time de machos, tche. n. 415. 1978.

PLACAR. Onde deu pé. p. 47. N 542. 1980

PLACAR. Flamengo promete boicotar a Seleção. p. 16. n. 495. 1979

POMPEU, Samira Loreto; SOUZA, Eloísio Moulin de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. **Organizações e Sociedades**, Bahia, v. 26, n. 91, p. 645-664, 2019.

ROCHA, Ricardo Afonso. Por quem deveríamos chorar? deimopolítica e ditadura cis-hétero-militar brasileira. *Anais IV DESFAZENDO GÊNERO...* Campina Grande: Realize Editora, 2019.

RUDÉ, Georges. **A multidão na História:** estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1830-1848). Rio de Janeiro. Editora Campus. Tradução Waltensir Dutra, 1991.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho.** 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SÃO PAULO . Lei Estadual nº 10.948, de 5 de novembro de 2001. **Dispõe sobre a concessão de benefícios fiscais e dá outras providências.** Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2001/lei-10948-05.11.2001.html>. Acesso em: 01 de jan 2024.

SÃO PAULO DENUNCIA HOMOFOBIA DE TORCEDORES DO PALMEIRAS DURANTE O CLÁSSICO: "MAIS UMA BICHA MORTA". *Globo Esporte*, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2024/08/19/sao-paulo-denuncia-homofobia-de-torcedores-do-palmeiras-durante-o-classico-mais-uma-bicha-morta.ghml>. Acesso em: 5 set. 2024.

SILVA, Andrea Lima da; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. “O sol não nasce para todos”:: uma análise do direito À cidade para os segmentos LGBT. **SER Social**, Brasília, v. 17, n. 37, p. 498–516, 2016.

SILVA, R. P. da; CAPELOZI, L. da C.; COSTA, G. A machocracia na formação da personalidade autoritária no Brasil: a partir da série “Extremistas.Br” (2022). **Revista Territórios e Fronteiras**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 10–37, 2023.

SIMÕES, Irlan; HELA, Ronaldo. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Tríade: Comunicação, cultura e mídia**, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, jun. 2016.

SOUZA JUNIOR, O. M. de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 199–213, 2020.

SOUZA, Larissa Serpetini. Sociologia do majestoso: uma análise interseccional do clássico do futebol paulista. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 5, n. 1, p. 488-510, jul. 2019.

STEIN, Leandro. Há 30 anos, a Libertadores via uma de suas cenas mais épicas.

Trivela, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://trivela.com.br/america-do-sul/ha-30-anos-a-libertadores-via-uma-de-suas-cenas-mais-celebres/#:~:text=N%C3%A3o%20se%20assiste%20completamente%20a,pioneiro%20a%20levantar%20um%20trof%C3%A9u>. Acesso em: 15 de mai de 2024

TERRA. Bolsonaro: “prefiro ter um filho morto em acidente a um filho homossexual”. 8 de jun. 2011. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um->

TERRA. Selinho de Emerson em amigo divide torcedores e vira piada no Twitter. *Terra*, 31 jul. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians/selinho-de-emerson-em-amigo-divide-torcedores-e-vira-piada-no-twitter,dff754c958790410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 2 jan. 2024.

TÓFOLI, Luís Fernando. Machocracia: o homem moldado no Paleolítico que se identifica com Bolsonaro. *America Latina en Movimiento* - Online, Quito, nov. 2018. Disponível em: <https://www.alainet.org/pt/articulo/196487>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TRIVELA. Torcida do São Paulo usa faixas com mensagens homofóbicas em jogo da Copa do Brasil. **Trivela**. 21 ago. 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/copa-do-brasil/faixas-torcida-sao-paulo-homofobia/>. Acesso em: 02 de fev 2024.

UOL. Ronaldo liga álcool a episódio com travestis: 'Só fiz mal a mim mesmo'. *UOL Esporte*, 21 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/05/21/ronaldo-liga-alcool-a-episodio-com-travestis-so-fiz-mal-a-mim-mesmo.htm#:~:text=Esporte%20v%C3%AA%20TV-,Ronaldo%20liga%20%C3%A1%20alcool%20a%20epis%C3%B3dio%20com%20travestis%3A%20'S%C3%B3,fiz%20mal%20a%20mim%20mesmo'&text=O%20ex%2Datacante%20Ronaldo%20Fen%C3%B4meno,oeste%20do%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 02 jan 2024.

UOL. Torcedores de organizada fazem protesto contra Emerson no CT. *UOL Esporte*, 19 ago. 2013. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2013/08/19/torcedores-de-organizada-fazem-protesto-contr-emerson-no-ct.htm>. Acesso em: 2 set. 2024.

Vasco x São Paulo: Súmula relata cantos homofóbicos e cartão para Castán após o fim do jogo. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 25 de ago. de 2019. Disponível em: < <https://ge.globo.com/futebol/noticia/vasco-x-sao-paulo-sumula-relata-cantos-homofobicos-e-cartao-para-castan-apos-o-fim-do-jogo.ghtml>> Acesso em: 25 de mai. De 2023.

UOL. Bahia e torcida LGBTricolor levam pessoas trans para assistir jogo no estádio pela primeira vez. *UOL*, 07 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2023/02/07/bahia-e-torcida-lgbtricolor-levam-pessoas-trans-para-assistir-jogo-no-estadio-pela-primeira-vez.htm>. Acesso em: 03 jun. 2024

UOL. Camisa em prol do LGBTQIA+ é sucesso de vendas no Vasco e faz parte do DNA. *UOL*, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/07/08/camisa-em-prol-do-lgbtqia-e-sucesso-de-vendas-no-vasco-faz-parte-do-dna.htm>. Acesso em: 3 jun. 2024

VEJA. Em faixa censurada, Mancha avisa: ‘A Homofobia veste verde’. *Veja*, 4 jan. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/em-faixa-censurada-mancha-avisa-a-homofobia-veste-verde>. Acesso em: 14 nov. 2023

YAMAGUTI, Bruna. Mulheres ocupam apenas 29% dos cargos de liderança na indústria brasileira, diz pesquisa. **G1**, Distrito Federal, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/08/mulheres-ocupam-apenas-29percent-dos-cargos-de-lideranca-na-industria-brasileira-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 19 mai 2023.